

Programa Fragmentado, uma experiência conceptual na cidade

Agradecimentos

Desejaria manifestar o meu agradecimento ao Professor Doutor João Soares, pela sua orientação e disponibilidade que levaram à realização deste trabalho, que sempre foi capaz de apoiar e incentivar na procura de soluções.

Agradeço também aos meus pais e a minha irmã por toda a ajuda e pela dedicação durante estes cinco anos e pela revisão do texto.

À minha namorada Inês Morgado que foi uma ajuda essencial durante o curso e na realização deste trabalho.

Por último, a todos os amigos que estiveram sempre lá para nos momentos mais complicados, principalmente a Catarina Oliveira, que ajudou a rir em tempos mais difíceis.

A todas as outras pessoas que não constam desta lista mas que sempre me apoiaram.

Resumo

Este trabalho pretende explorar as potencialidades espaciais que podem resultar da fragmentação de um programa – normalmente trabalhado de forma unitária e compacta – quando considerado num lugar de características urbanas fortemente consolidadas.

No seguimento dos princípios lançados em projecto¹ decidiu-se dar alguma continuidade aos pressupostos enunciados, mas abordando-os de outra forma. Tendo como premissa o tema Fragmentação, desenvolveu-se uma série de ensaios no sítio e com o programa que irão criar exemplos de como este estudo poderia ser realizado na cidade.

O trabalho será composto por três partes:

Uma primeira que irá abordar o tema e estudar alguns casos de estudo que demonstrarão essa possibilidade como uma hipótese construída;

Uma segunda que será uma investigação sobre o sítio e sobre o programa no qual se tentará estudar a cidade e o que esta poderá oferecer ao programa;

Uma terceira será como que uma conclusão do trabalho, onde são realizadas algumas propostas sob a forma de cenários de como se poderia experimentar num sítio com um programa.

Uma das premissas que parece relevante foi a de exploração do interior de um quarteirão, tornando-o parte efectivamente vivida e utilizável da cidade, ainda mais, se ligada com um programa estimulante que promoverá estas relações, como é o caso de um complexo residencial para idosos.

As cidades estão a envelhecer e as pessoas que nelas habitam também, nesse sentido considera-se que este tipo de programa numa zona já densamente ocupada é uma característica pertinente a explorar neste trabalho, sobretudo se se pensar que podem haver vantagens na relação entre este aparente paradoxo.

1 | Disciplina de Projecto Avançado III, do ano lectivo 2010/2011 com o professor Arquitecto João Trindade, uma residência de idosos num quarteirão no Largo do Rato, (Desing for Aging).

Abstract

This work intends to explore the potentialities that could result of the fragmentation of a program – usually work as unitary and compact – when thought in a place with strong urban characteristics.

In the following principles launched in the class Projecto1, it was decided to give continuity to the same principals, but approaching them in another way. Having as start idea a theoretical subject that will evolve in to a number of experiments that could be built in the city.

The work will be constituted by 3 three parts:

The first will aboard the theoretical subject and study a number of cases that will show how this idea can be build.

The second will be a study about the place and program in which will try to learn the city and what we can offer her and vice-versa.

The third part will be a conclusion to the work; will do some experiments/proposals that will show how this idea can work.

An idea that appears interesting was exploration the interior of a block, making him “public”, bringing the people inside and the habitants of the proposal outside. The cities are getting older and the people with in too, so it can be interesting experiment this type of program in a dense city

Índice

- Introdução	9
- Metodologia	15
Parte 1. Fragmentação	19
- Introdução ao tema	21
- Casa fragmentada	25
- Casa como uma cidade	27
- Relação, público/privado (Casa e Cidade)	31
- Estratégias de utilização e intervenção na cidade	33
- Intervenção parasita	39
- Exemplos construídos	43
- Introdução aos exemplos construídos	45
- <i>Moriyama house</i> - Ryue Nishizawa	47
- <i>Casa Ito</i> - Hiroshi Hara	57
- <i>Seito Townhouses</i> - Sanna	61
- <i>21st Century Museum</i> - Sanna	69
- <i>Complexo escolar Vila nova da Barquinha</i> - Aires Mateus	73
- <i>Discrepancies with Villa Teirlinck</i> - Leonor Antunes	79
- <i>Rucksack House</i> - Convertible City	87
- Apreciação crítica sobre os exemplos	93
Parte 2. Um sítio específico - Largo do Rato	97
- Introdução	99
- Largo do Rato, Lisboa	101
- Programa e sítio	111
- Programa	112
- Sítio Desenhos e imagens	116

Parte 3. Cenários	153
- Introdução	155
- Cenário 1	
- Texto explicativo	157
- Imagem do projecto	160
- Desenhos	166
- Cenário 2	
- Texto explicativo	179
- Imagem do projecto	182
- Desenhos	186
- Considerações finais	197
- Bibliografia	198
- Índice de Figuras	202



Fig.1 -Esquicho do arquitecto Ryue Nishizawa.

Introdução

Na generalidade a aplicação de um programa a um sítio é realizado pela agrupação dos vários componentes do mesmo, e como resultado criam-se edifícios constituídos por “corpos” que resolvem o programa sendo relativamente comum a opção pela concentração espacial do mesmo.

Uma outra abordagem pode ser entendida como uma exploração desse mesmo programa no espaço. Uma das vantagens do uso dessa estratégia num ambiente urbano é que pode permitir à própria cidade interagir e fazer parte desses corpos que constituem e completam o programa. A relação entre a proposta e a cidade pode ser tal, que o programa pode não se limitar ao local proposto e fazer parte da cidade, que por sua vez propõe algo para a mesma. Trata-se no fundo de propor programa e formas de espaço mas também de propor um modo de olhar e viver a cidade.

Pertinência

A cidade como um sítio composto por múltiplos programas em distâncias/tempo, é por natureza fragmentada, mas é unitária nas suas dinâmicas. As ruas e os percursos funcionam como ligação, o que não impede os habitantes de usufruir dos usos de vários programas, tornando-se motivo de qualidade para a cidade.

A evolução tecnológica, cultural e social cria novas mentalidades, novos modos de viver, que transparecem para a habitação e para a forma como as pessoas utilizam e vivem a cidade, podendo existir entre as duas uma espécie de troca de

papéis ou funções inerente à flexibilidade.

Programa fragmentado pode ser entendido como o resultado da exploração de uma proposta num sítio. Se este programa não é apenas um todo mas sim o resultado de espaços e requisitos, então o sítio não passa apenas por ser um vazio urbano mas sim um espaço disponível (espaços vazios + espaços ocupados) para receber e simultaneamente oferecer algo.

A natureza académica deste trabalho permite um exercício onde se podem “suspender” aspectos, de regulamento, de planeamento, etc, que na realidade seriam pouco plausíveis ou possíveis, para desta forma se aprofundar as questões que parecem mais relevantes e estimulantes a nível das ideias.

É pertinente o estudo deste tema pois permite perceber as possibilidades de intervenção de um programa num sítio específico. E se esse programa, já estudado à escala doméstica, for experimentado à escala urbana, como se propõe nos ensaios criados.

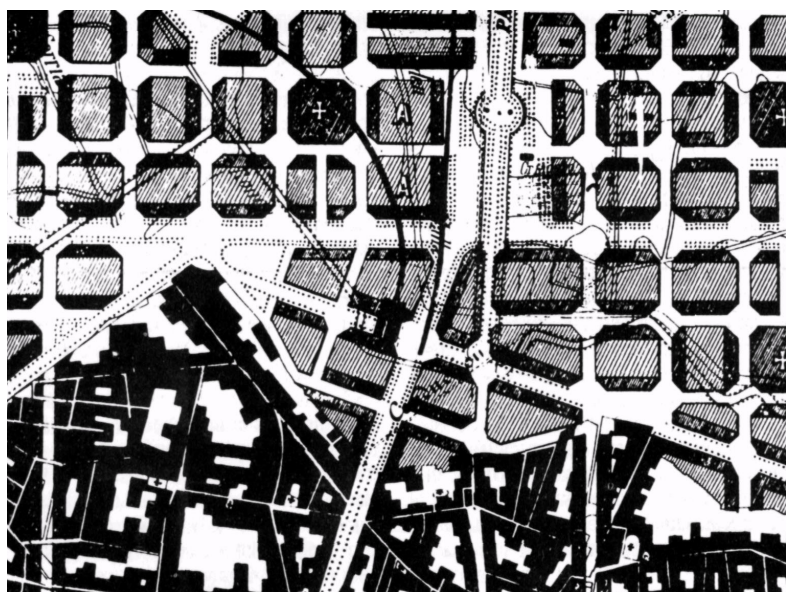


Fig.2 - Plano para Barcelona de Ildefonso Cerdà, 1855

O Quarteirão Na Cidade

Tratando-se de intervir no espaço consolidado da vida “canónica” será necessário fazer uma breve revisão sobre a sua história.

Ao longo da História tem-se assistido a uma evolução da organização espacial perante a construção de novas cidades e da expansão e transformação das existentes. A organização de equipamentos sociais, culturais, comerciais, lúdicos, habitacionais e de ligação, tem na maioria das cidades actuais, a sua expressão física no traçado ortogonal das ruas e quarteirões. Exemplo disso é o Plano de Extensão de Barcelona, protagonizado por Ildefonso Cerdà em 1855. Apesar de já apresentar diversas preocupações urbanísticas ao nível da organização das ruas, dos acessos e dos interiores de quarteirão, o principal objectivo era o de aumentar a área total da cidade, permitindo a sua expansão além dos limites da antiga muralha, fornecendo uma alternativa mais ordenada de ruas e quarteirões em comparação com a trama confusa do centro histórico de Barcelona.

A adopção do quarteirão como elemento basilar da morfologia urbana permite que num conjunto de lotes, todas as habitações usufruam de um domínio público e um privado. O quarteirão é visto como uma extensão da sua habitação, um local que serve de interface entre os interesses individuais e colectivos de ocupação espacial. Contudo, é no interior do mesmo que têm lugar as relações de vizinhança directa, onde há maior proximidade entre habitações e onde se procura um aproveitamento máximo da luz solar.

O quarteirão é também um local privado, o seu interior é o espaço onde se “escondem” os habitantes, são as traseiras das ruas e das cidades. A fronteira entre o público e o privado é algo que existe porque os quarteirões mantêm um carácter muito privado, pertencentes as habitações que os definem.

A natureza mais íntima do interior do quarteirão confere-lhe um carácter mais informal o que o pode tornar num campo para experiências.

Por outro lado o pensamento urbanístico de Le Corbusier, (por exemplo a Unidade de Habitação) representa muito mais uma crítica a cidade herdada do que propriamente uma ruptura em relação a cidade tradicional. Pois, a diluição do sentido do quarteirão tradicional foi um processo progressivo desde Cerdà até aqui. A substituição do quarteirão pela unidade habitacional representa a crítica à *rue corridor*, ao parcelamento e as condições insalubres das estruturas urbanas.

A “Unité” representa para Le Corbusier o elemento morfológico catalisador das novas cidades. Oferece a conquista do espaço público contínuo a partir da implantação do edifício sobre “pilotis”, a possibilidade da implantação do edifício não está mais vinculada ao sistema viário, mas sim a melhor orientação solar, a incorporação em pavimentos elevados de funções urbanas tradicionalmente vinculadas à cota do chão.²

2 | LAMAS, José; *Morfologia urbana e desenho da cidade*; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 2010

Interiores de quarteirão existentes na cidade passam muitas vezes ao lado das intervenções urbanas tornando-se descaracterizados. No entanto o quarteirão não deixa de fazer parte da cidade e de se poder relacionar com esta, permitindo aos habitantes usufruírem dos espaços envolventes. A abertura do quarteirão pode apresentar novos espaços à cidade conduzindo à redefinição do que é mais exposto e do que está(va) mais protegido.

Percebendo então que a cidade não se faz da simples adição de novos edifícios mas também do resultado de novos projectos em vazios, e da ocupação de velhos espaços, pode-se aplicar um programa explodindo-o pela cidade.



Fig.3 - Largo do Rato, Lisboa, Portugal.



Fig.4 - Piso 0 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

Metodologia

O trabalho será composto por uma série de casos que serão estudados por forma a aprofundar o tema e comparar a sua relação com a cidade e com o programa. Esses exemplos serão apresentados por forma a se entender o conceito de fragmentação programática que se pretende desenvolver.

O exemplo da casa *Moriyama*, no Japão, de Ryue Nishizawa, foi de certo modo a origem ao tema deste trabalho, e é onde mais facilmente se pode entender este conceito. (Este caso é desenvolvido mais a frente no trabalho na pág.47)

O arquitecto cria uma visão da casa como uma cidade criando um conjunto de pequenos edifícios autónomos. A forma como os espaços estão distribuídos apela para a ideia de urbanidade no interior de um lote. Isso poderia conduzir para um conceito de dimensões espaçosas mas neste caso isso não acontece, o arquitecto remete para a tradição japonesa de dimensões mínimas. Num terreno estão dispostos dez volumes que parecem aparentemente colocados aleatoriamente, mas na realidade a sua posição depende da distância entre os volumes e do espaço que estes criam entre si mesmos.

O propósito de fragmentar o programa introduz várias vantagens tornando o complexo aparentemente unitário mais flexível, fragmentado e dinamizado.

Paisagem, cidade e casa tornam-se indistinguíveis. - Ryue Nishizawa⁴

Esta resposta pode ser entendida numa escala pequena como na casa, mas também numa escala maior, «a fragmentação do programa pela cidade», no qual se levanta a questão da

intervenção na cidade com uma abordagem habitacional.

No caso da habitação normalmente estabelece-se uma relação entre os elementos funcionais do programa e espaços: cozinha – um espaço; sala – um espaço; quarto – um espaço. Com a fragmentação propõe-se o que pode corresponder pontualmente ao desdobramento e a desmultiplicação de partes do programa em espaços. Por exemplo a cozinha pode estar separada entre a zona de despensa, a zona de preparação de alimentos e a zona de comer. Ou pode estar separado por: espaço de ler, espaço de comer, espaço de ouvir música; e tantas quantas se quiserem considerar. Assim esta ideia liberta o programa de espaços secundários tais como as zonas de circulação (horizontais e verticais).

Mas a fragmentação também favorece uma maior relação do interior com o exterior, os espaços exteriores tornam-se interiores (domesticados), como se pode ver na casa *Moriyama*.

A ideia de fragmentação como já foi dito pode passar pela escala da habitação, mas também pela escala da cidade. À escala da cidade esta ideia torna-se mais dissimulada, quase como uma cidade na cidade. O que a flexibilidade permite é então cruzar um programa específico com outros compatíveis, reforçando a ideia de compatibilidade, de origens diferentes. Por exemplo considerando já o programa em causa, o restaurante do lar de idosos e o da cidade pode ser o mesmo.

Estado da Arte

Neste trabalho não há um estado da arte extraível, mas ele realmente existe. O estado da arte é considerar uma colecção

3 | <http://www.infopedia.pt>

4 | CECILIA, Fernando; Márquez; LEVENE, Richard; *SANAA 2004 - 2008*; El croquis Editorial; Espanha; 2008.

de casos de estudo que neste trabalho configuram uma espécie de estado da arte do mais interessante que se tem feito no âmbito de uma abordagem fragmentária ao programa. Em que há uma fragmentação, relação volumétrica espacial formal em relação a natureza de um programa. Não há conhecida nenhuma bibliografia que incida sobre esta questão mas há claramente correntes e tendências de projectos de ateliers que vem explorar isso. Neste caso o estado da arte são os arquitectos Japoneses como veremos mais a frente.

O exemplo construído *Seijo Townhouses* do atelier Sanaa propõem um ambiente urbano que exemplifica a proposta de fragmentação no interior do quarteirão da cidade.

O programa é composto por vinte pequenos volumes, cada um com uma geometria diferente. O ambiente urbano é a característica principal do projecto onde uma série de edifícios residenciais estão entrelaçados de forma aparentemente aleatória.

É importante referir que no Oriente é dominante o plano e a interacção entre exterior e interior. Estas diferentes linguagens evidenciam-se nos sistemas de escrita ocidental e japonesa, uma baseada na linha, unidireccional, e outra na superfície, multidimensional. E que neste contexto de fragmentação torna-se um aspecto fundamental.

Foi neste tipo de solo fragmentado que surgiram as cidades japonesas. O processo de transformação urbana mantém as características do solo rural fragmentado. Onde antes estavam frutas e vegetais agora estão distribuídos hospitais, postos de gasolina, escolas e casas, formando uma paisagem

*muito diferente, organizada pela divisão de uso de solo por função, adotada no ocidente. As actividades não são agrupadas, mas sim espalhadas. Assim, a autonomia de cada área mantém-se.*⁴

*No que diz respeito a arquitectura em si, os japoneses sempre se preocuparam em levar também em conta não só o espaço externo e interno mas também um terceiro deles, o que serve como uma espécie de amortecedor. Em outras palavras, este terceiro espaço é um elemento de ligação entre a parte externa e interna, que é claramente independente e que se ao tentar explicar em termos dos dois outros acima mencionado, pode-se considerar como um espaço “cinza”.*⁵

*... É lógico que hoje em dia com o avanço da tecnologia não se encontram muitas estruturas ou edifícios com este terceiro espaço.*⁶

O programa pode ser fragmentado no sítio proposto, ou então poder levar a ideia mais longe e se fragmentar pela cidade ocupando vazios ou mesmo edifícios abandonados.

O que determina a sua “elasticidade” será a facilidade de aceder, tanto pela forma como pela relação entre o tempo e a distância do fragmento promovendo articulações variadas entre as actividades e os domínios territoriais, a fim de estabelecer no espaço físico continuidades e descontinuidades, integrações, separações e fragmentações, ora controladas pelas necessárias transições, ora justapostas, marcadas pelas rupturas da barreira entre o domínio do público e do privado.

4 | SHUJI Yamada; *A arquitectura do Japão*; The japan foudation; tokyo; 1983; pág. 3

5 | ibidem, pág. 4

6 | ibidem, pág. 5

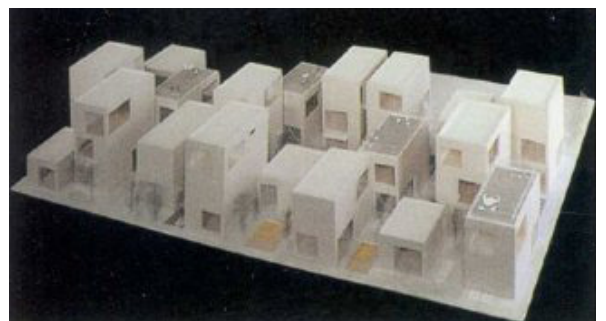


Fig.5 - Maqueta do projecto *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

PARTE 1. FRAGMENTAÇÃO

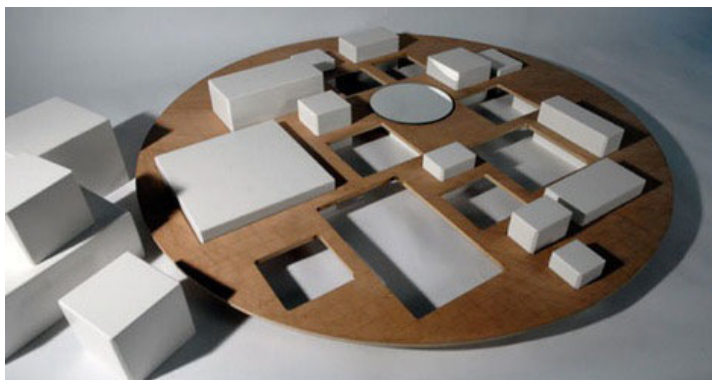


Fig.6 - Maqueta *21st Museum*, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

A habitação é, em termos gerais, o local para providenciar abrigo, mas o termo “lar” tem uma conotação mais pessoal e afectiva. A casa é vista como um sítio privado no qual se desenrola a vida pessoal. A intimidade do lar é reforçada pela própria forma como normalmente a casa é projectada, um espaço mais encerrado que protege o habitante do mundo exterior.

A casa tem evoluído por forma a quebrar o encerramento que continha originalmente, mas caracteriza-se por agrupar todos os programas juntos por uma questão de optimização de espaços.

Por sua vez na fragmentação do programa, todos os espaços estão dispostos pelo suporte e os seus espaços de ligação são os espaços exteriores, que podem ser duplicados. Aplicado à casa, ou ao lar, esta estratégia pode produzir resultados muito interessantes na medida em que desmultiplicam formas de uso, assim como a densidade de usos. À escala da cidade produz diferentes níveis de optimização - ao nível de solo.

A experiência realizada na casa *Moriyama* não fora a primeira do atelier SANNA, que já havia tentado o conceito de fragmentação no projecto do museu *21st Museum*.

Este museu localizado no centro de Kanazawa, na costa Norte do Japão, contém variados espaços comuns, a livraria, espaços de leitura, espaços *workshop*, além dos espaços do museu. Os vários espaços do programa estão colocados no interior de um edifício circular, o modelo baseado numa ideia de espaço urbano, como se de pequenas ilhas se tratasse.

Introdução ao tema “Fragmentação”

Significa assim que o conjunto circular cria módulos com o programa específico e espaços interstícios.

O conjunto circular todo em vidro permite uma vista de 360º em torno do sítio. A iluminação para o interior do museu faz-se por pátios todos em vidro.

O programa de exposição está fragmentado em galerias que estão dispostas pelo conjunto circular, uma proposta que permite maior flexibilidade. Já no interior do edifício existe também muita transparência, por forma a criar vistas e enfiamentos visuais através do próprio edifício.

...é circular, o edifício não tem nem frente nem verso, é deixado livre para ser explorado de qualquer direcção. Ryue Nishizawa

Esta primeira experiência do atelier SANNA foi a uma escala muito maior do que a da casa “Moriyama”, uma escala muito mais próxima à da cidade.

A cidade contemporânea apoia-se na ideia de que a cidade actual é um campo experimental por excelência, sejam estas experimentações culturais, produtivas, teóricas, artísticas ou arquitectónicas intencionais ou casuais, bem-sucedidas ou não. Estas experiências limitam-se muito pela relação entre o privado, o público e a fronteira entre ambos, e no espaço onde se actua.

Segundo Sara Marini no livro *Arquitectura Parasita, o arquitecto Rafael Moneo percebe uma característica principal da arquitectura dos anos 90. A fragmentação, reflecte a nossa*

*forma de perceber o mundo, onde não é mais possível nem a visão nem a explicação unitária. A fragmentação, para Moneo, encontra as suas origens na arquitectura do século XVIII, com Giovanni Battista Piranesi, na busca da libertação formal.*⁷

O Movimento Moderno com as suas ideias funcionalistas que separava tudo por funções (*zoning*) foi um caminho para a fragmentação, que porém cristalizado (programa), as coisas não se misturavam. A fragmentação torna-se interessante na medida em que abre brechas, permitindo cruzar funções.

Percebendo então que a cidade não se faz da simples adição de novos edifícios mas também do resultado de novos projectos em vazios, e da ocupação de velhos espaços, pode-se aplicar um programa explodindo-o pela cidade. Um programa extensivo pode-se distribuir e ocupar a cidade de uma forma mais ligeira, menos perceptível, mas com efeitos urbanos mais profundos e dinâmicos.

A experiência *parasita*⁸ é igualmente uma forma de fragmentação que ocupa espaço que não seria necessariamente espaço livre ou disponível. É a intenção do parasita estar na fronteira entre o público e privado, entre a rua e a casa.

É interessante considerar a proposta de Santiago Baptista de “actualização” da Unidade de Habitação – o que interessa neste texto é evidente o contributo da noção de parasita.

Le Corbusier formalizou a ideia de comunidade moderna.

Esta casa colectiva expressa ordem de uma maneira não convencional. O condensador social redesenhado reúne células individuais, e uma série de equipamentos comerciais, educacionais e recreativos estrategicamente colocados no quadro tridimensional a partir do solo para o terraço.

Mas, apesar da obviedade programática, as materializações sequenciais desse modelo de construção deveriam ser progressivas. O arquitecto acabou por retirar algumas das funções colectivas em favor de mais células privadas.

No entanto, com o passar dos anos a Unidade de Habitação não perdeu a sua presença, ela simplesmente precisa de algumas reformas, que reflectam os protestos de uma sociedade exigente.

*As células individuais apertadas podem expandir para o exterior, revelando aos seus proprietários personalidade e área que era outrora era mínima. Tal como o piso térreo e a cobertura podem acomodar novos programas.*⁹

Estes *parasitas* transformam completamente o edifício tanto a nível visual como programático, aumentando a sua funcionalidade e fazendo com que o mesmo persista no tempo cumprindo requisitos actuais.

*Modern Masterpieces Revisited é um projecto, como Beatriz Colomina diria, “não tanto preocupado com a relação entre a arquitectura e os meios de comunicação como com a possibilidade de pensar a arquitectura como meio de comunicação”.*¹⁰

7 | MARINI, Sara; *Architettura Parassita Strategie di Riciclaggio Per la Città*; Ascoli Piceno; Venezia; 2008; pág 76.

8 | Caso de estudo analisado mais a frente na página 87

9 | Luís Santiago Baptista em <http://www.mascontext.com/issues/18-improbable-summer-13/modern-masterpieces-revisited>, visitado a 17-08-2013

10 | ibidem



Fig.7 - Imagem de Luis Santiago Baptista, experiência na Unidade de Habitação sobre o tema “(im)prováveis cenários”

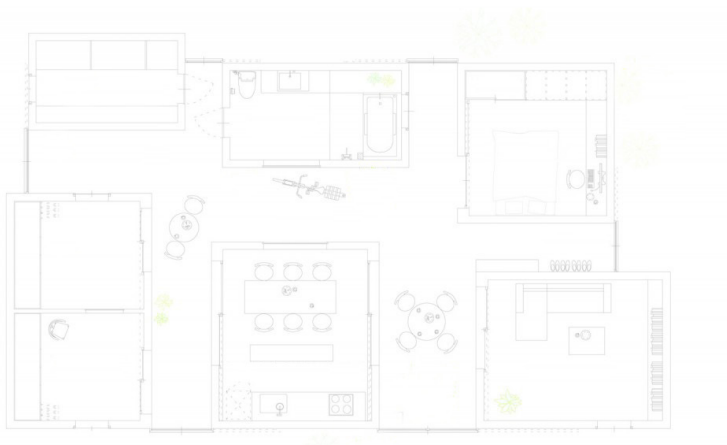


Fig.8 - Planta da casa em *Bauzen*, Bauzen, Japão, Suppose design office architects, 2009.



Fig.9 - Casa em *Bauzen*, Bauzen, Japão, Suppose design office architects, 2009.

Casa fragmentada

A visão de uma casa como uma cidade, a criação de urbanismo no interior de um edifício, a separação de programa que usualmente está ligado, são formas de entender esta ideia de *casa fragmentada*.

Ao fragmentar o programa da casa torna-se importante o vazio criado entre o programa como o programa em si, é da espacialização dos fragmentos que resultam os “novos” espaços. Estes novos vazios, sendo de relação, adquirem funções. Também o posicionamento dos fragmentos é de extrema importância, a relação entre volumes modifica o espaço criado entre os corpos. Esse espaço “entre”, por sua vez caracteriza o programa que o define.

O programa pode também não ser fragmentado até à exaustão, mas sim até a um ponto em que crie uma relação entre espaços e que permita uma fluidez de circulação tanto no interior como no exterior¹¹. A conjugação de espaços como por exemplo a zona de comer com a cozinha, permite uma estadia mais longa nestes espaços para que a proposta final não se torne incómoda. Assim são criadas ligações interiores e exteriores. Estas exteriores trazem novas dinâmicas a estes espaços. O jardim não é apenas um espaço de estar mas sim um espaço de ligação, isto confere-lhe maior uso e passa a fazer parte essencial do programa da habitação.

Um aspecto importante da fragmentação é a utilização de área, o espaço construído necessário será necessariamente maior que se o programa estivesse todo agrupado. Mas para além do programa proposto e que será fragmentado passa a

existir também novo programa proposto (vazios intersticiais) que será desenhado a partir da posição dos volumes construídos.

Podemos entender o espaço fragmentado no caso da *casa ITO* no Japão do Arquitecto Hiroshi Hara. Esta está dividida em três volumes: o edifício dos “pais” situa-se no centro do conjunto e consiste num subsolo e dois níveis em betão armado; o edifício das “crianças” encontra-se a sudoeste do outro volume, e reparte-se por dois andares em madeira e aço; o edifício “escritório” num só nível, é de madeira.

Estes três volumes destacam-se do ambiente circundante, de pinheiros, como objectos geométricos.

Assim a floresta é o campo de ligação, as ruas que unem os edifícios fragmentados mas também a relação visual entre eles.

11 | É a “elasticidade” do programa proposto que vai permitir com que o mesmo seja fragmentado pois é essa característica que também permite o maior ou menor afastamento entre os espaços.

A elasticidade e o afastamento dependem da compatibilidade do programa *Design for Aging* que mais a frente será abordado, ou seja, da pertinência da relação de um com o outro e se será melhor fragmenta-los ou não.

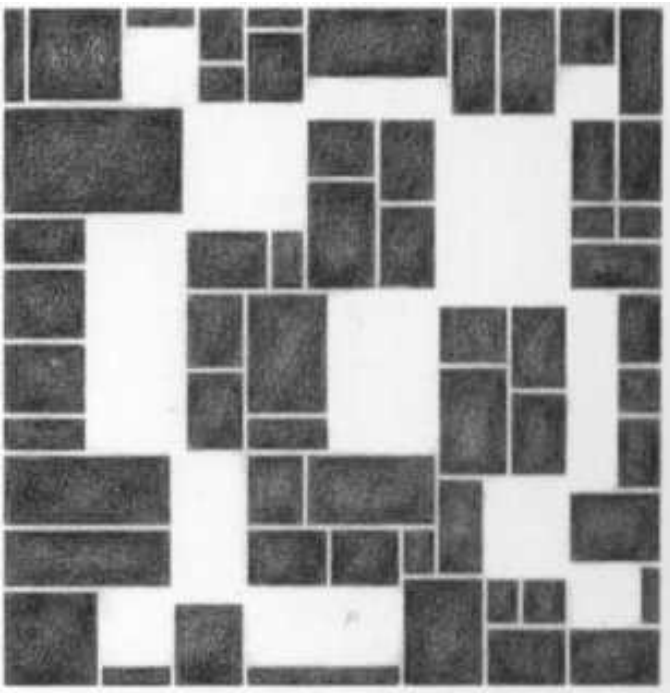


Fig.10 - Complexo escolar Vila Nova da Barquinha, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

Casa como uma cidade

A casa enquanto cidade, a casa conta muitas histórias, lá acontece muita coisa. Os níveis entre o público e privado, lugar da comunhão e o lugar que é teu.

Possibilidade de olhar a cidade como uma casa ou a casa como uma cidade é entusiasmante, e fala da nossa relação com o mundo, com os outros e com o lugar público.¹²

A formação e a evolução das cidades estão muito ligadas à forma dos lotes, a história das propriedades e a história das classes. A forma da cidade é sempre dependente da sua evolução, do seu tempo, e uma cidade é caracterizada pela sedimentação dos tempos.

No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda em torno dele, e com isso mudam também as referências.

A apropriação da cidade como um lugar privado é utilizada como se de uma casa se tratasse. O nosso tempo é passado na cidade, é nela onde comemos, trabalhamos, convivemos, etc.

A cidade é a nossa casa também.¹³

As cidades são lugares de troca, não apenas de trocas dinâmicas, sociais, comerciais e de bens, mas também simbólicas; experiências e vivências que as definem e os seus habitantes. A casa, de igual forma, é um sítio de experiências e vivências, que marcam e definem quem as ocupa.

Podemos entender que a cidade criou-se a partir da primeira casa que foi construída, e a partir desta uma soma de outras. Assim a casa é entendida como mais um espaço, um pro-

grama que faz parte da cidade, uma extensão desta.

A cidade é uma grande casa e inversamente a casa é uma cidade pequena”.

Para Alberti a cidade é um lugar público que supera qualquer artefato humano, a casa é seu análogo privado. Refere-se a uma série de operações aplicáveis a qualquer cidade, operações topológicas, enquanto para os edifícios, define-se a partir de suas particularidades e status.¹⁴

Apesar de não ser uma casa, o caso do complexo escolar em Vila Nova da Barquinha do atelier Aires Mateus, para além das suas actividades curriculares o equipamento tem outras valências para a comunidade.

O programa estende-se à criação de um centro de ciência viva e ao uso de alguns espaços de forma autónoma. Essa necessidade dispõe estas áreas com acessibilidade pelo exterior criando um limite que “protegerá” as áreas lectivas. O edifício é assim um corpo unitário mas que pode funcionar por partes fragmentadas umas das outras, o que aparentemente pode parecer um programa compacto funciona em elementos individuais. O programa dispõe-se de forma a permitir vários usos e formas de circulação.

A relação entre a esfera público privada traz um fascínio pelo lugar público como um lugar de partilha. Pensar na cidade e na casa de forma semelhante é pensar nos espaços de circulação, nas ruas como se tivessem o mesmo objectivo.

A fragmentação da casa aproxima-nos ainda mais da imagem da cidade, além da sala; do quarto; etc, existe a dimensão

11 | ARTIGAS, João Batista Vilanova; *Caminhos da Arquitetura*; Cosac Naify; São Paulo; 2004; pág 55

12 | A Casa e a Cidade. Graça Castanheira, Lisboa, Pop Filmes, 2012, 6 episódios (30 minutos), entrevista com Ricardo Bak Gordon

13 | ibidem

14 | ARGAN, Giulio Carlo; *História da arte como história da cidade*; Diversos; 1998

fundamental que são os espaços exteriores, que tem igual importância na cidade, como um lugar de reunião e de estar mas também de ligação física e visual.

*Uma árvore é uma folha e uma folha é uma árvore – a casa é a cidade e a cidade é a casa – a cidade não é cidade a menos que seja também uma grande casa – a casa não é casa a menos que seja também uma pequena cidade.*¹⁵

Aldo van Eyck citado por Ana Barone

15 | (Claridade Labiríntica, 1996) BARONE Ana Cláudia Castilho; “*Team 10 :Arquitectura como critica*” ; editora Annablume; São Paulo; 2002; pág 110. (visionado no Google books, 30-05-2013)



Fig.11 - *Casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997

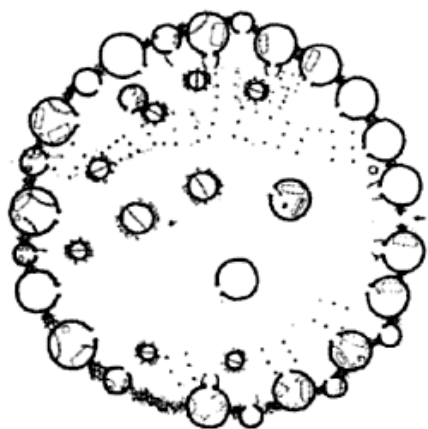


Fig.12 - Desenho ilustrativo da implantação de uma aldeia africana, Aldo van Eyck.



Fig.13 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

Nas aldeias, os índios mantêm uma distinção entre o espaço público e privado diferente da nossa percepção, porque para eles fora da casa todo o espaço é comum. Não existem propriedades privadas, os espaços pertencem à comunidade.

Aldo van Eyck citado por Ana Barone¹⁶

Relação, público-privado (casa e cidade)

Antes do aparecimento das capitais industriais a produção de moradias, era maioritariamente realizada pelos próprios habitantes, por artesãos, sendo as moradias dos mais abastados as únicas excepções. As decisões acerca da vida doméstica de todas as classes sociais foram assumidas pelos arquitectos apenas no séc. XX, isto porque os modelos arquitectónicos e urbanísticos tradicionais fracassaram diante da explosão demográfica e do crescimento das cidades, provocado por uma industrialização que, por sua vez, altera desde a economia até a disponibilidade de materiais.

Se por um lado a melhoria da qualidade de vida e a ênfase na revitalização do espaço público estão na ordem do dia, a relação entre o espaço privado e público, entre o indivíduo e a sociedade é posta de parte.

Uma experiência realizada para a *Beaufort Bienal 03* pela arquitecta Leonor Antunes desenvolve uma série de cabines para a praia na costa da Bélgica. A sua intenção é de reinterpretar as cabines existentes na praia por forma a proporcionar novos espaços as pessoas. A ideia consiste em dispor uma série de volumes (fragmentados) pela costa que reconstruam uma antiga casa¹⁷ da zona.

O espaço público é estritamente dependente dos seus membros e ao mesmo tempo da afirmação do privado, torna-se também dependente da experiência do viver comum.

Dentro das formas de expressão da apropriação territorial, a marcação de fronteiras é muito importante. A delimitação dos territórios, além de separá-los, comunica a abrangência da estrutura física sobre a qual se estabelece influência. Neste âmbito territorial existem áreas diferentes, os espaços

privados, os espaços públicos e os espaços intermédios, ou seja, os que relacionam os dois anteriores.

A propósito da obra de Françoise Choay que refere Jacobs, *Numa rua, a confiança estabelece-se através de uma série de numerosos e minúsculos contactos, dos quais a calçada é o cenário... Uma cidade não se faz de peças e pedaços, como um edifício de ossatura metálica, ou até uma colmeia ou um coral. A estrutura de uma cidade funde-se em uma mistura de funções e nunca nos aproximamos mais de seus segredos estruturais do que quando nos ocupamos das condições que geram sua diversidade.* Jane Jacobs (1961)¹⁸

A diversidade e dispersão de funções e espaços configuram a cidade como espaço de ligação, espaço de relação, a zona intermédia entre o comum e privado. O espaço comum torna-se privado sem nunca deixar de ser público, apenas as relações e os fluxos que se criam tornam estes espaços públicos mais pertencentes à cidade.

*Quanto mais flexíveis e desarticuladas são as estruturas locais, espaciais ou temporais, materiais ou sociais, mais estável é o sistema ao nível global.*¹⁹

O edifício isolado, como a casa, torna-se base estruturante do conjunto de que fizer parte. Esse conjunto, cidade, só funciona quando as ligações/relações criadas entre o elemento e o conjunto são a base que fazem com que o sistema funcione. Esse entendimento sobre a leitura e abordagem recíproca, torna-se enriquecedora na relação entre casa/cidade, privado/público.

16 | BARONE Ana Cláudia Castilho; *Team 10 :Arquitectura como critica* ; editora Annablume; São Paulo; 2002. (visionado no Google books, 30-05-2013)

17 | Residência feita pelo arquitecto Victor Bourgois para Hermann Teirlinck em Saint-Idesbald em 1928

18 | Choay, Françoise; *O URBANISMO, utopias e realidades uma antopologia*; editora perspectiva; São Paulo; 2003; pág. 301.

19 | David Harvey autor de the Condition of Posmodernity citado em: ÁBALOS Iñaki; *A boa-vida, Visita guiada as casas da modernidade*; editora GG; Barcelona; 2003; pág. 151.

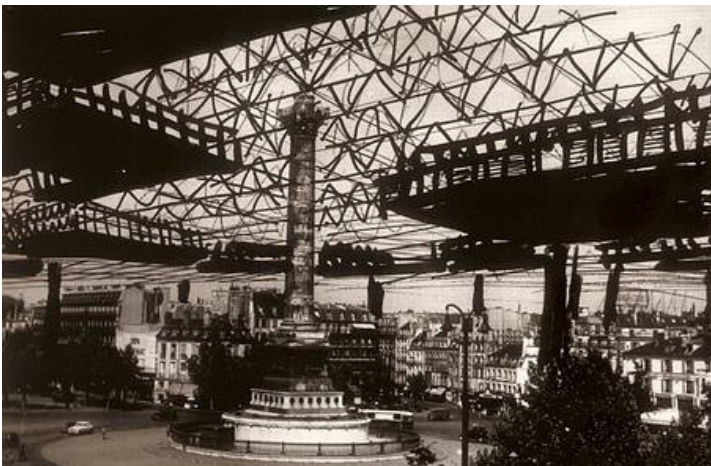


Fig.14 - *Spatialcity*, Yona Friedman, 1956.

Podemos entender de vários modos o espaço urbano. O espaço urbano não pode ser apenas entendido como uma determinação topográfica, histórica e social, mas como resultado de um projecto colectivo, de um evidente individualismo e fragmentação que parecem opostos mas que convivem com o pressuposto de pensar a cidade.

A relação entre a cidade e a arquitectura do ponto de vista da intervenção, pode ser lida com clareza no período do Renascimento.

*A arquitectura do Renascimento consagrou o edifício como um monumento, como obra de arte do espaço urbano.*²⁰

Giulio Argan.

Já o arquitecto Vasari referia-se à cúpula de Santa Maria del Fiore, observando com precisão que, *vendo-se ela elevar-se em tamanha altura, que os montes ao redor de Florença parecem semelhantes a ela*²¹. É nesta altura que os desenhos dos edifícios e do espaço urbano nasceriam em conjunto. A arquitectura e o desenho urbano encontravam-se relacionados com a perspectiva e a racionalização. Esta imponência de certos edifícios excepcionais como catedrais, templos, grandes conjuntos públicos sempre relacionaram o espaço urbano com o desenho do edifício.

Ignasi Solà-Morales menciona a ligação entre cidade e arquitectura como relação inapelável, própria da natureza social de uma e de outra, embora este trajecto já não pareça tão evidente na cidade contemporânea.

O espaço urbano contemporâneo, no qual a cidade constitui

Estratégias de utilização e intervenção da cidade

hoje mais do que nunca o espaço simbólico da mobilidade.²² Pode-se descrever a cidade moderna como uma síntese do sistema por meio do qual a sociedade constrói uma imagem de si mesma e das suas relações com o espaço e o território. A vida contemporânea torna-se demasiado urbana, e expressa a coexistência das diversidades e das desigualdades. Existe uma constante procura pela identidade, pois historicamente existe um legado importante nas cidades proveniente do século passado.

Entretanto define-se uma nova forma de abordagem espacial, os meios de comunicação e a forma de viver a cidade evoluiu e tornou o existente obsoleto. Voltou-se assim para o deslocamento humano e para a lógica de fluxos, que não se configura como lugar.

Há um problema que então se define, saber qual é o papel e quais são as características, limites e possibilidades que a arquitectura desempenha nos novos lugares.

As cidades criam lugares de reunião, pontos onde se concentram distintos fluxos quer de sistemas de circulação, quer de malhas urbanas que necessitam de se conectar a fim de permitir a própria cidade sobreviver.

Espaços degradados, que aguardam significado ficam à margem da lógica de fluxos da cidade. Tais espaços devem ser recuperados e reintegrados à vida urbana, sendo paradoxalmente simulacros ou imagens, geradores de projectos.

Na realidade quando os edifícios começam a mostrar sinais de decadência, ou quando são abandonados não significa que eles esgotaram toda a sua energia.

20 | ARGAN, Giulio Carlos; *História da arte como história da cidade*; Diversos; 1998; pág 35.

21 | MARINI, Sara; *Architettura Parassita Strategie di Riciclaggio Per la Città*; Ascoli Piceno; Venezia; 2008; pág 104.

22 | ibidem

A cidade contemporânea é vista como um sítio de experiências, é natural que o “cérebro” de uma cidade separe estes espaços da rede de fluxos e ligações. Mas ao mesmo tempo a possibilidade de estes espaços serem reintegrados pode trazer novas ligações e melhorar as actuais.

A existência de lugares públicos permite com que o espaço urbano seja mais flexível e ganhe a capacidade de minar a clareza dos limites existentes. Os instrumentos tradicionais de controlo do território tornam-se insuficientes.

À ideia de reciclagem interessam particularmente os espaços não utilizados, abandonados, que não são mais objecto de interesse, enquanto que a sua presença desenha um mapa de áreas instáveis, à espera de um novo papel.

A arquitectura de Le Corbusier quebra a contínua sequência de bairro-cidade. A estrutura urbana como é, torna importante a unidade física e funcional de uma nova escala de valores, a paisagem.²³

A nível da experiência urbana Yona Friedman em 1954 começa a experimentar a elaboração de projectos habitacionais. No CIAM de Dubrovnik (1956), ele apresenta os princípios de uma “arquitectura móvel”, destinada não ao deslocamento das habitações mas à mobilidade social dos habitantes a partir da reorganização contínua do espaço privado e público. Friedman conclui nos seus raciocínios sobre a dimensão temporal, não se trata apenas de desenhar curvas para criar variados percursos contemplativos nas construções mas sim projectar para pessoas, cidades e organizações sociais em constante mutação.

Nesse sentido, a *spatialcity* de Friedman, tem afinidades com a Nova Babilónia de Constant e os projectos do grupo Archigram. Nesta proposta Friedman critica as estratégias usuais de expansão do espaço urbano através da criação de subúrbios. Friedman propõe uma sobreposição territorial do novo no antigo, como uma super-estrutura em que o processo de expansão de ocupação do território continuaria de forma integrada, sem ruptura entre o centro e o subúrbio.

Em 1961 o grupo Archigram tinha uma nova visão da cidade do futuro sob a forma de protestos, rejeitando a arquitectura convencional. Adoptaram um novo posicionamento frente à quase sempre recorrente civilização industrial.

Opunham-se à estaticidade, defendendo a criação dialéctica, à anti-monumentalidade, à cidade-viva (perecível e móvel), à liberdade pessoal, aos ambientes flexíveis, desejos individuais, fluxos, movimento e metamorfose.

A sua linguagem arquitectónica baseava-se na circulação e no movimento, na tentativa de libertar o homem do passado, de escapar da forma, mudando o estado social conservador.

Os seus projectos, tais como *MomentVillage* e *InstantCity* podiam ser montados em qualquer superfície e baseavam-se no conceito de pessoas nómadas. Segundo a filosofia do grupo, o importante era a realização de uma arquitectura activa.

23 | MARINI, Sara; *Architettura Parassita Strategie di Riciclaggio Per la Città*; Ascoli Piceno; Venezia; 2008; pág 89.

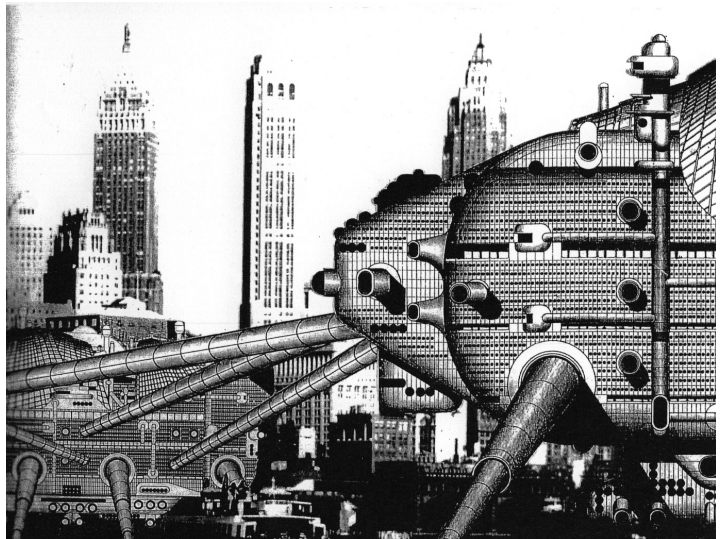


Fig.15 - *Walking city*, Ron Herron, 1963.



Fig.16 - Torre cápsula Nakagin, Tóquio, Japão, Kisho Kurokawa, 1972.

Uma outra experiência de intervenção na cidade era o movimento Metabolista (1960), este era uma resposta peculiar japonesa para a crise universal das metrópoles. Cada proposta era uma demonstração da capacidade dos grandes trabalhos de engenharia aumentando o seu tamanho a partir da adição de módulos pré-fabricados. Como se o edifício fosse sujeito às mesmas leis do crescimento natural como as das populações que ele servia.

Algumas estruturas construídas então são ainda hoje utilizadas.

No interior, o espaço, na verdade não parece tão pequeno. E, honestamente, não me parece importante para a nossa vida diária: a cápsula executa a sua função na perfeição (“máquina de habitar”). Nós preferimos um pequeno espaço no centro de Tóquio em vez de uma grande casa nos subúrbios.”
“Em 2007... Diante a ameaça de demolição, Kurokawa propôs uma solução óbvia: “Por que não substituir os antigos módulos por novas unidades? Esta sempre foi a minha ideia...”²⁴

Kisho Kurokawa

É essa renovação e transformação que permite com que a ideia de módulo seja usada para servir os seus propósitos até ao ponto em que isso já não acontece, e este seja substituído, ou em último caso seja transferido para outro sítio servindo outros casos. É um edifício “vivo” que no extremo nunca se esgotariam as possibilidades de habitar, pois sempre se renovaria consoante a época e as pessoas.

24 | Entrevista na revista domus - https://www.domusweb.it/content/domusweb/it/architettura/2013/05/29/routine_metabolista.html



Fig.17 - *Precarious home*, Bolonha, Giancarlo Norese, 2007.

Intervenção parasita

(a cidade) *Será uma espécie de parasita oportunista: à margem dos valores dominantes, mas vivendo deles, apropriando-se dos seus resíduos.*²⁵

No caso parasita, a cidade sendo o espaço sobreposto, que é ocupado pelo corpo “estrangeiro”, é vista como um lugar a ser perfurado, um lugar de experiências que marcam as preocupações comuns e que funcionam como elementos de ligação. A agregação do corpo faz com que a estrutura não seja apenas um elemento de ligação mas mais uma parte do programa, resultando importantes implicações na concepção arquitectónica. A agregação não implica haver apenas dois elementos, mas sim três, em que existe um espaço intermédio que cria relações e ligações.

O espaço, como Heidegger diz, serve para delimitar e conter o tempo.

Tudo pode acontecer a uma cidade, no decorrer da sua história, e como elas podem mudar radicalmente ao longo dos anos ou séculos, sua estrutura e aparência, há um traço que permanece constante: a cidade e o lugar onde estamos movem-se em estreito contacto.

A arquitectura parasita estuda como um objecto pode ser envolvido por outro, por um lado a natureza mais conceptual por outro a relação entre o sujeito e o objecto.

O tema parasita é pertinente pela razão de ser um elemento que se encaixa num espaço híbrido, o terceiro espaço criado pela fragmentação (doméstica e urbana).

Assim pode ser feita uma reflexão sobre as formas de trans-

formar a cidade e o espaço privado.

O “parasita” aborda o espaço urbano por forma a encontrar lugares a serem “alienados”, espaços vazios ou com descon continuidades. O edifício que irá receber o novo corpo tem também que se modificar, agora com um programa inadequado irá acolher uma função diferente da original e assim ser usado temporariamente ou parcialmente unindo programas que são facilmente conciliáveis. Esta estratégia de intervenção é capaz de reunir o espaço privado com o urbano por forma a “aproveitar” o que a cidade tem à sua disposição.

*Entendido como modelo, o parasita é o intruso que se instala na vida de terceiros – aqui, as outras formas de pensamento, evidenciando, com sua presença única e impertinente, a complexa trama de leis e convenções secretas, não formuladas, quotidianas...*²⁶

Para estes fins é importante que a cidade esteja pronta a reestruturar-se e não demolir-se, pois é neste sentido que a intervenção parasita funciona. A forma de construir não é apenas vista como colocar em “cima” ou ao “redor”, mas sim lidar com o existente de outra forma. O parasita mostra-nos uma nova forma de trabalho, capaz de entrar nos objectos, de interagir com corpos estranhos e escondidos criando uma nova forma de adição de dois assuntos. Ao fazê-lo torna-se clara a identidade da “segunda natureza”, que muitas vezes caracteriza a paisagem construída, concentrando-se numa estratégia de intervenção que visa preservar a memória e os traços da história.

25 | ÁBALOS Iñaki; *A boa-vida, Visita guiada as casas da modernidade*; editora GG; Barcelona; 2003; pág. 134.

26 | ibidem, pág. 148

A exploração da noção de parasita no campo da biologia, como um corpo que constrói um relacionamento com outro é também um componente capaz de estabilizar um sistema e em seguida fazê-lo evoluir para uma nova configuração. Enquanto que os territórios enfrentam a convivência com as redes de comunicação que minam fronteiras, o parasita não se importa, aceita esses elementos como obstáculos, como fontes de identidade a serem tomadas “por empréstimo”. Mas por definição, é sempre possível entender a diferença entre o parasita e o hospedeiro. O resultado obtido da ligação entre os dois corpos introduz uma mudança do sistema em si, uma mudança de estado que leva a uma nova ordem, mais complexa.

*...a casa ou o prédio é um corpo semelhante a todos os seres vivos.*²⁶

Le Corbusier

A relação entre a arquitectura e a biologia já foi explorada por alguns arquitectos, Le Corbusier dizia *...Biologia! É a grande palavra que entrou na arquitectura e no desenho urbano*. Corbusier chamava o Pavilhão Philips para a Exposição de Bruxelas de 1958 *um estômago, um organismo vivo*. *Todo o ser vivo é de natureza biológica.*²⁷

Parasitismo é definido, ou melhor descrito como a *relação ecológica entre dois organismos diferentes*, onde um é o parasita e o outro o hospedeiro. O parasita depende tanto do ponto de vista fisiológico como metabólico do seu hospedeiro.

Permanece substancialmente o carácter de dependência que liga o hospedeiro ao parasita, em forma de relacionamento que dá vida. O parasita está relacionado com a fragmentação, pois para funcionar precisa da cidade para ser sustentável. O aspecto central desta variação é a relação do parasita com os recursos, especificamente com o espaço. Não é apenas uma relação métrica mas de tempo, um processo de reciclagem do significado do espaço.

A necessidade de solo, especialmente em zonas de alta densidade urbana leva a que este conceito de parasitismo crie novos campos de abordagem.

Iñaki Ábalos refere:

*Toyo Ito investiga este modelo de conduta, do ponto de vista da arquitectura, estudando suas implicações no espaço doméstico através de seus projectos para a “mulher nómada de Tóquio” (Pao 1, 1985, e Pao 2, 1989) ver figura 18 e 19. O que Toyo Ito projeta ali são estruturas ao mesmo tempo mínimas e ténues, verdadeiras cabanas ou barracas, nas quais apenas se encerra o âmbito da privacidade. Nelas habita uma figura emergente e especialmente singular no Japão: uma mulher jovem, independente, ociosa e consumista, um sujeito em si mesmo banal, mas que, com sua mera presença – parasitaria - coloca em questão a trama social japonesa.*²⁸

26 | CORBUSIER, Le; *Maneira de pensar o urbanismo*; Editora Europa-América; Lisboa; 1969; pág 64.

27 | ibidem, pág 65

28 | ÁBALOS Iñaki; *A boa-vida, Visita guiada as casas da modernidade*; editora GG; Barcelona; 2003; pág. 152.

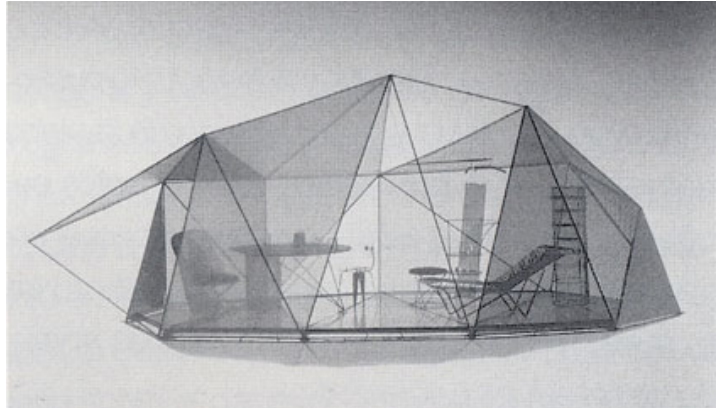


Fig.18 - Pao 1, Tóquio, Japão, Toyo Ito, 1985



Fig.19 - Pao 1, Tóquio, Japão, Toyo Ito, 1985

EXEMPLOS CONSTRUÍDOS

Introdução aos Exemplos construídos

Os seguintes exemplos foram escolhidos com a intenção de servirem de base de comparação e referência, tanto para a primeira parte do trabalho (estudo do tema fragmentação) como para a terceira parte (ensaios num local específico). Na primeira parte são abordados várias temáticas que se tornam mais claras ao ter um exemplo de comparação já construído. Nos ensaios realizados na terceira parte, é também claro entender as propostas e a forma como estas ocupam e usam a cidade, e como criam programa fragmentado e espaços intersticiais.

São várias tipologias programáticas, que demonstram a versatilidade do conceito. Em primeiro lugar apresenta-se duas habitações, a casa *Moriyama* e a casa *Ito*, que abordam a fragmentação programática num local.

Em seguida analisamos o mesmo programa abordado da mesma forma mas a uma escala maior, o complexo *Seijo Townhouses*, é um programa explodido de habitação coletiva que ocupa um terreno rodeado por habitações.

O *21st Museum* e o complexo escolar de Vila nova da Barquinha propõem o mesmo conceito de outra forma, fragmentam o programa mas limitado num edifício “invólucro”.

Por último são analisados dois casos, o *Discrepancies with Villa Teirlinck* e o *Rucksack House* que trazem um outro conceito novo. Ligado a fragmentação estes propõem que o programa seja um parasita que ocupe um sítio ou edifício.

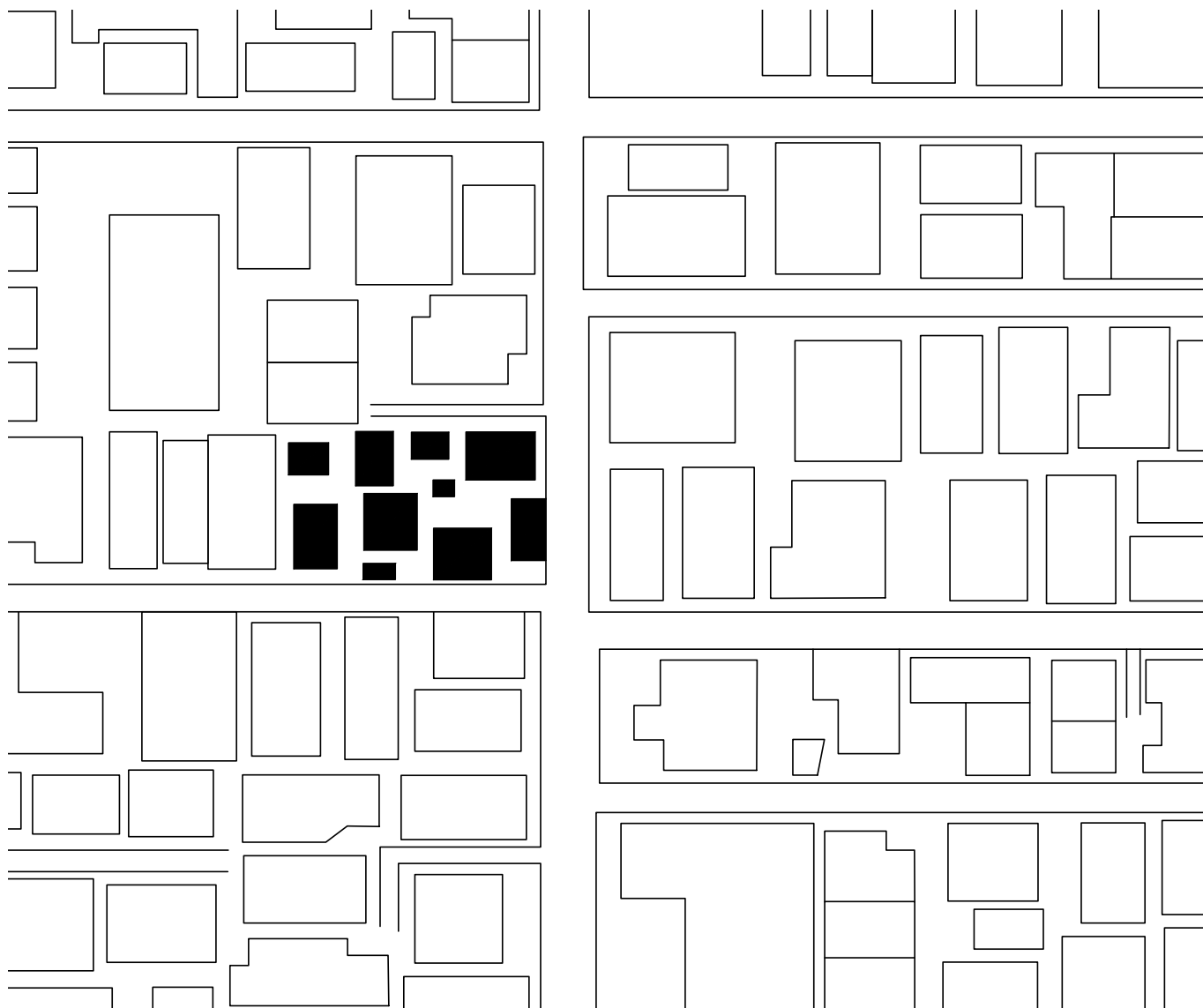


Fig.20 - Planta de implantação, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

Moriyama house

Arquitecto: Ryue Nishizawa

Data: 2005

Local: Tóquio, Japão

Neste projecto é distribuído um conjunto de volumes autónomos pelo sítio de modo a criar uma ideia de cidade. A maneira como os edifícios estão distribuídos apela para a ideia de urbanidade no interior de um lote, o que poderia conduzir para uma ideia de dimensões espaçosas. Embora neste caso isso não aconteça, o arquitecto remete para o conceito tradicional japonês de dimensões mínimas.

Num terreno com perto de 600 m² estão dispostos dez volumes que parecem aparentemente colocados aleatoriamente, mas na realidade a sua posição depende da distância entre os volumes e do espaço que estes criam entre si mesmos. Por exemplo a w.c principal (C) encontra-se no centro do lote por forma a estar mais próxima de todos os volumes, mas encontra-se ainda mais próxima do volume H uma vez que este não possui w.c própria. Uma vez que o programa é constituído por cinco habitações, pois o proprietário pretendia ter um espaço para si mas ter também outros quartos para alugar, o propósito de fragmentar o programa introduz várias vantagens tornando o complexo aparentemente unitário mais flexível, fragmentado e dinamizado.

Assim o projecto é constituído por um apartamento principal (A) que está ligado a outro volume (B) que contém a cozinha e sala de refeições. Os volumes E, F e I são habitações com todo o programa necessário dentro dos mesmos, enquanto que a

w.c do volume G encontra-se separada mas ligada a este e o volume H não tem qualquer w.c, sendo necessário utilizar a w.c principal (C) situada o centro do complexo. Existe ainda um outro volume que funciona como anexo e espaço multifuncional (D).

Todos os volumes são rodeados por espaços verdes que relacionam o programa entre si e que criam eles próprios programa (definido pela posição dos edifícios). Alguns apartamentos têm também na sua cobertura jardins que permitem criar aí alguma privacidade em toda esta urbanidade.

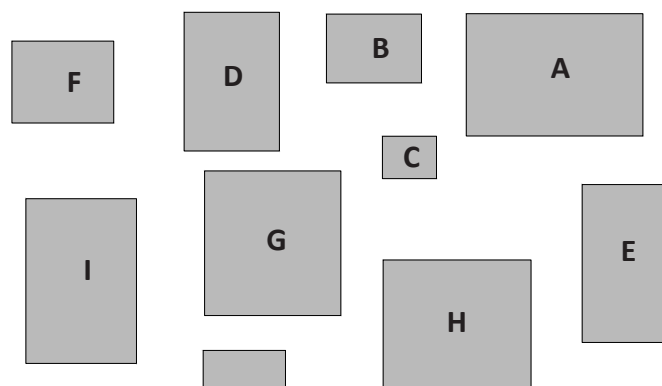




Fig.21 - Piso 0 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

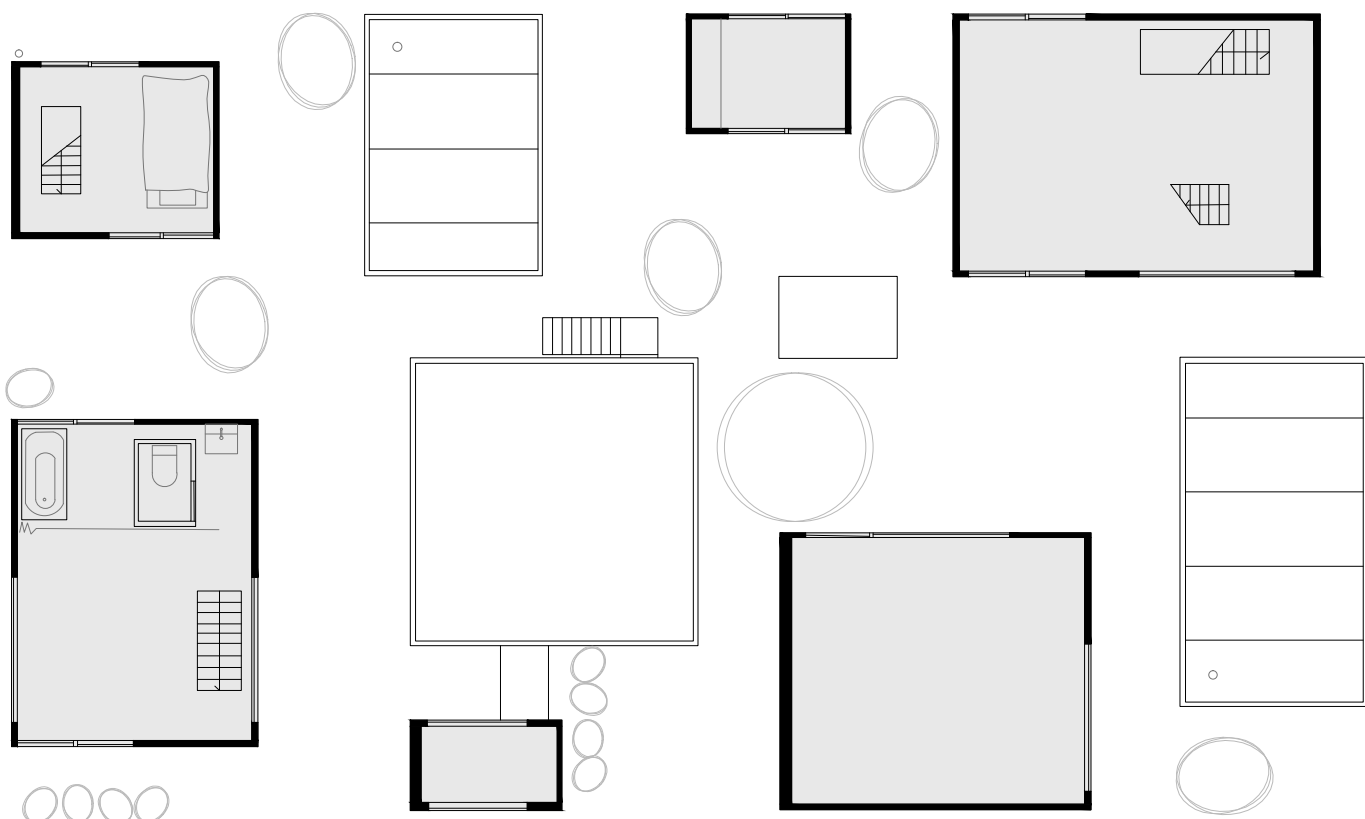


Fig.22 - Piso 1 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.



Fig.23 - Vista interior do quarteirão, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.



Fig.24 - Vista interior do quarteirão, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

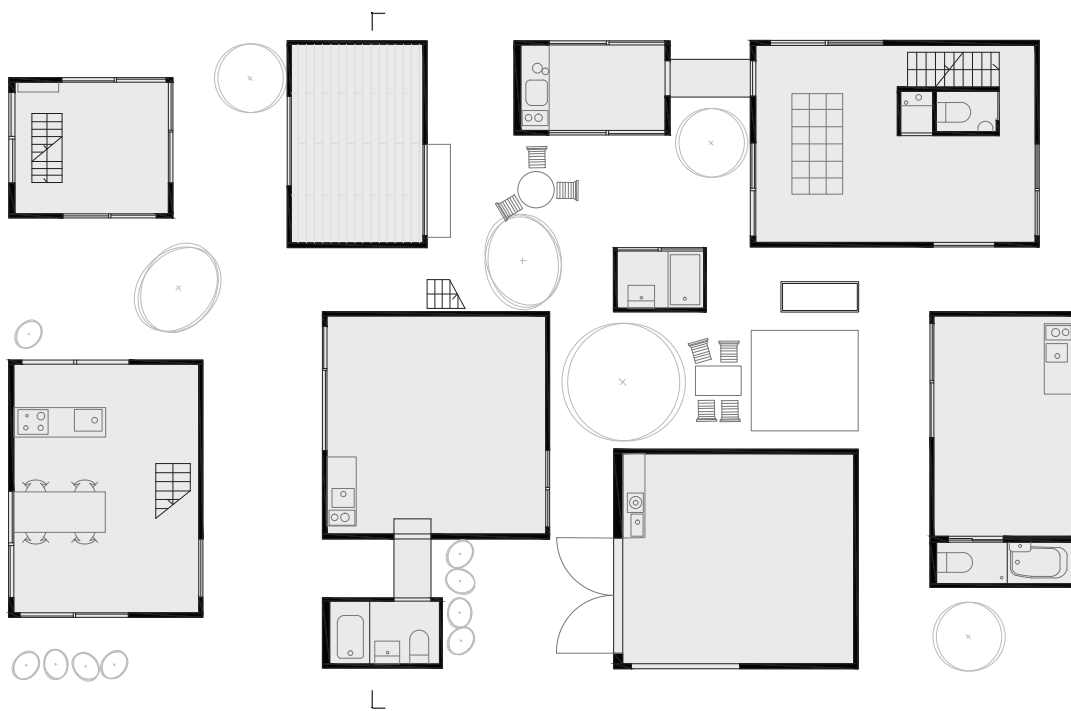


Fig.25 - Planta dos edifícios construídos.

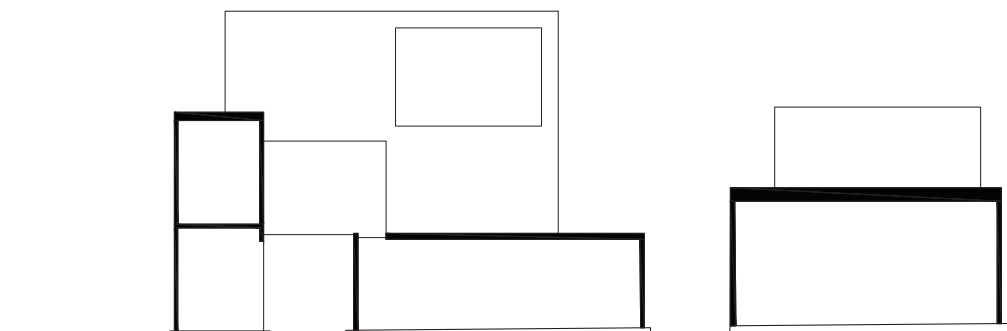


Fig.26 - Corte dos edifícios construídos.

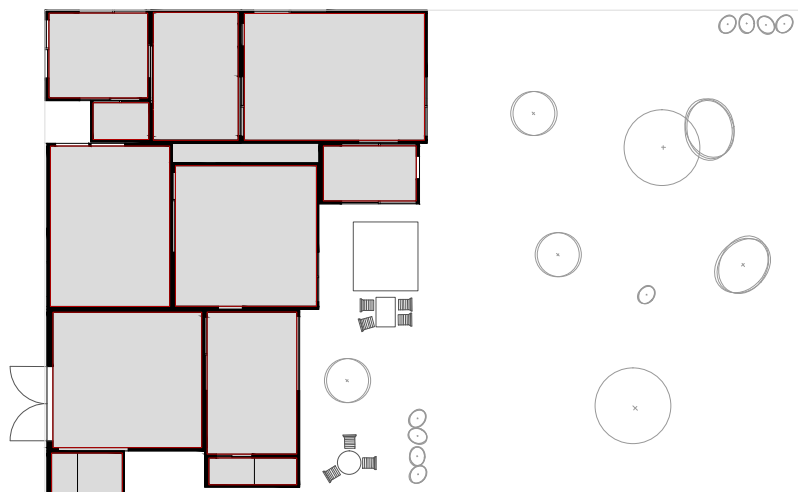


Fig.27 - Ensaio com os edifícios construídos todos agrupados.

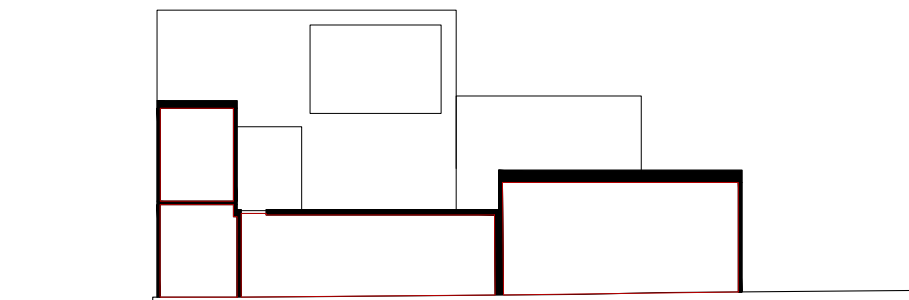


Fig.28 - Ensaio com os edifícios construídos todos agrupados.

O arquitecto ao fragmentar o programa da casa propõe (essencialmente) duas coisas, uma nova proposta para a forma de habitar, e a criação de espaço exterior com a importância do interior, pois a posição dos volumes irá definir essas áreas.

Um aspecto que não pode ser esquecido do conceito de fragmentação é a utilização da área, ou seja, ao fragmentar o programa como neste caso da casa, a área de solo necessária para o programa proposto é maior do que se o programa estivesse agrupado, como é possível observar na experiência realizada acima (fig. 27). Por outro lado a riqueza espacial produzida é maior quando a habitação é fragmentada, tanto a nível exterior como interior.



Fig.29 - Vista interior do quarteirão, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

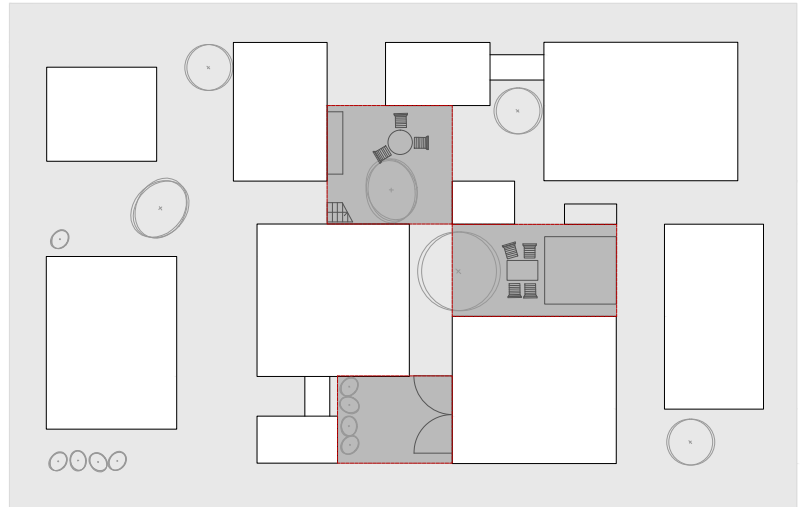


Fig.30 - Esquema com os vazios criados pelos volumes.

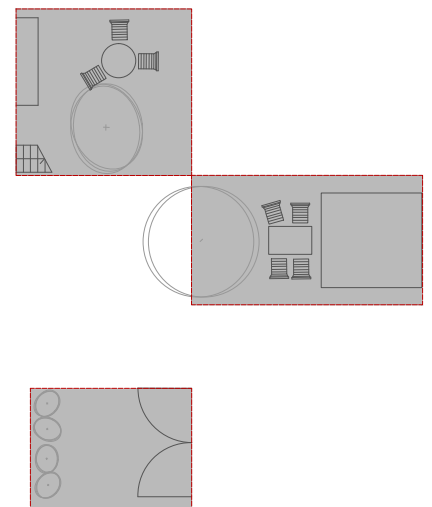


Fig.31 - Esquemas com as áreas exteriores mais definidas.

Os espaços exteriores criados têm também uma grande importância, existiu a necessidade de criar zonas em que se propõe igualmente programa. Uma zona de estar, uma zona de comer, um *hall* de entrada (fig. 30 e 31). Estas áreas exteriores são igualmente desenhadas como espaços fragmentados, os quais juntamente com os edifícios ocupam a área total do lote.

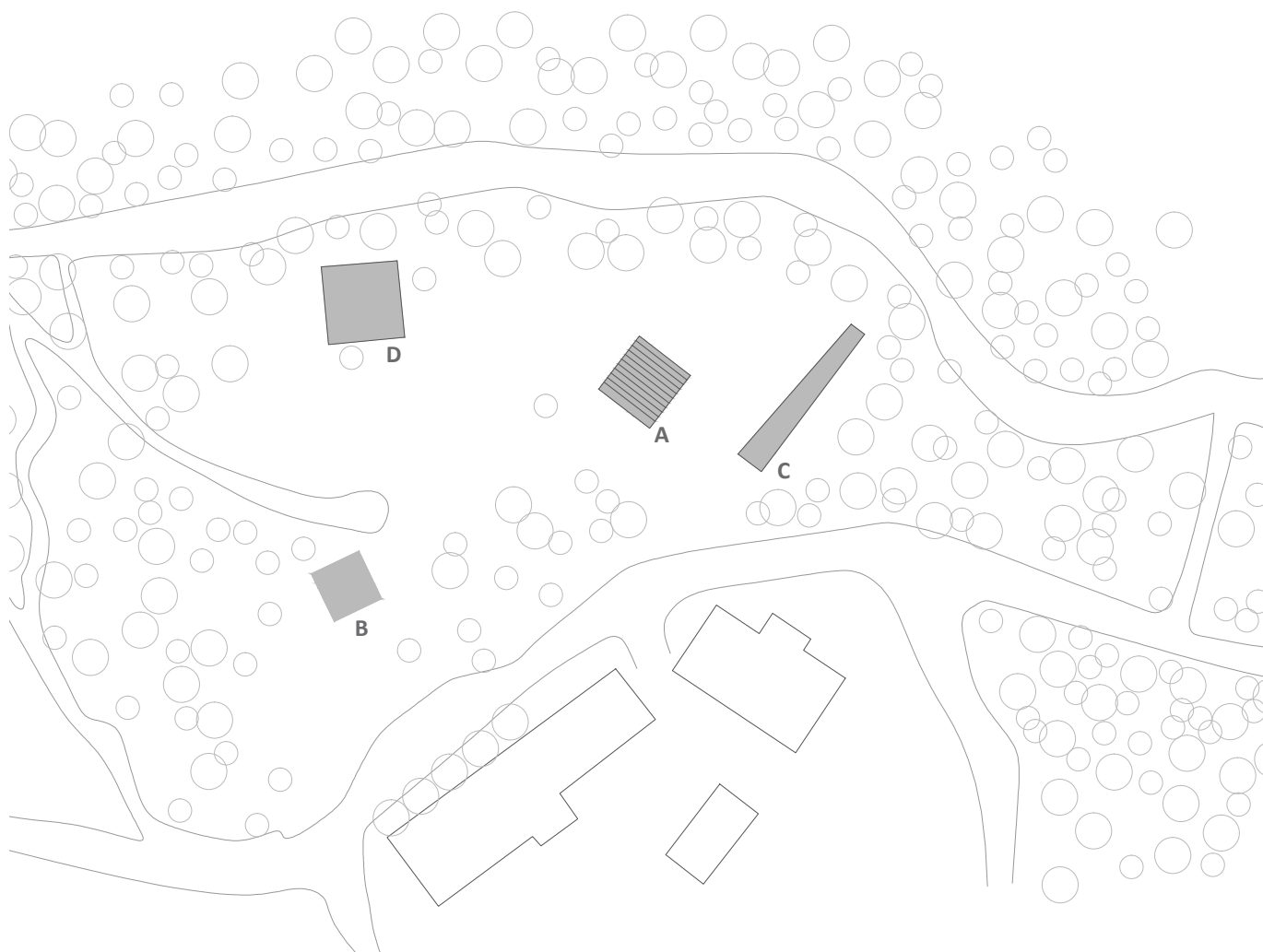


Fig.32 - Planta de implantação, *casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997.

Casa Ito

Arquitecto: Hiroshi Hara

Data: 1997

Local: Chijiwa, Nagasaki, Japão

Podemos entender o espaço fragmentado no caso da *casa ITO* do Arquitecto Hiroshi Hara. O programa para uma família está dividida em três volumes e tem uma área total de 176m².

O edifício dos “pais” (A) situa-se no centro do conjunto e consiste num subsolo e dois níveis em betão armado. O segundo edifício (das crianças – B) encontra-se a sudoeste do volume A, e reparte-se por dois andares em madeira e aço. A terceira zona, o “escritório (C)” num só nível, é de madeira. Estes três volumes destacam-se do ambiente circundante, de pinheiros, como objectos geométricos.

A zona (D) corresponde a um espaço exterior proposto.

Assim a floresta é o campo de ligação, as ruas que unem os fragmentos.



Fig.33 - *Casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997



Fig.34 - *Casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997



Fig.35 -Ortofotomapa, *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

Seijo Townhouses

Arquitecto: Atelier Sanna

Data: 2008

Local: Tóquio, Japão

Este projecto aproxima-se da ideia de unidade habitacional, no sentido em que vincula as ideias de comunidade e privacidade e de um sentido de lugar e geometria. O ambiente urbano do projecto *Seijo Townhouses* exemplifica a proposta de fragmentação no interior do “quarteirão” da cidade.

A base do projecto assenta numa ideia de “mini urbanismo”, que dá a cada apartamento tal forma que estes se tornam numa pequena casa, mas sem negar aos seus habitantes a possibilidade de socializar, e acima de tudo sem quebrar a unidade do complexo como um todo.

É um urbanismo “novo” que descarta qualquer conceito ocidental de distâncias regulamentares entre edifícios. Pequenas ruas percorrem as casas, por vezes, que se abrem para pequenos jardins ou pátios abertos. Este conceito lembra o bairro tradicional de Tóquio onde as casas de madeira interagem umas com as outras, intercaladas aqui e ali por pequenas ruas ou jardins.

A criação de um módulo que quando montado e multiplicado em diferentes direcções e sequências, teoricamente pode dar vida a uma cidade inteira. Esta utopia foi transformada em realidade neste projecto.

O programa é composto por vinte pequenos edifícios, cada um com uma geometria diferente. Há um sentido de espaço

público, muito “aberto” mas ao mesmo tempo de intimidade criado por características especiais:

- O exterior revestido em tijolos claros reflecte a luz para o interior dos apartamentos, como se tratassem de espelhos.
- As grandes aberturas envidraçadas têm vista para as outras casas, mas não para os seus interiores.
- Os jardins tornam-se sinuosos intersticiais em torno das moradias.

Todos os becos estão interligados. Este conjunto e os edifícios circundantes criam uma comunidade contínua.

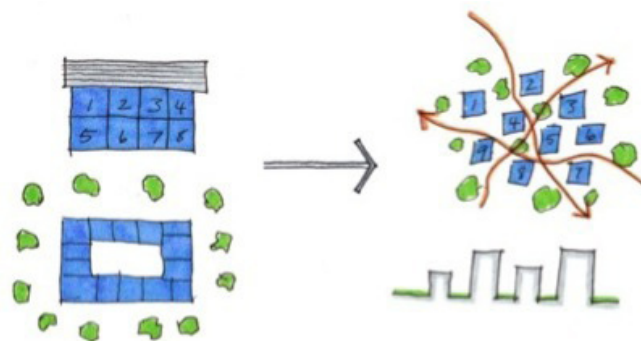


Fig.36 -Esquema atelier Sanna



Fig.37 - *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

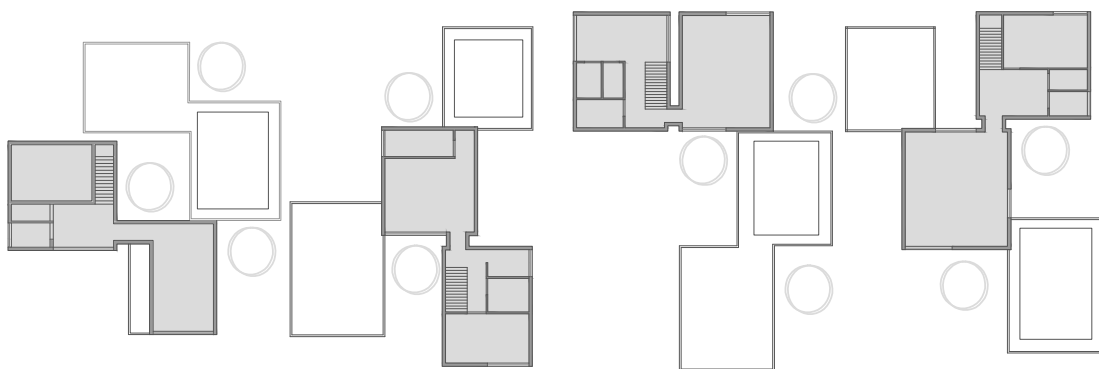


Fig.38 - Piso 2 - Quartos

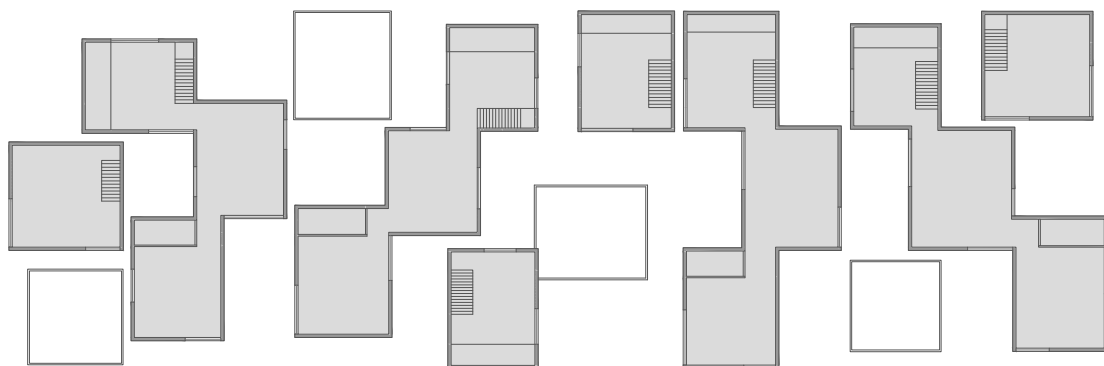


Fig.39 - Piso 1 - Quartos

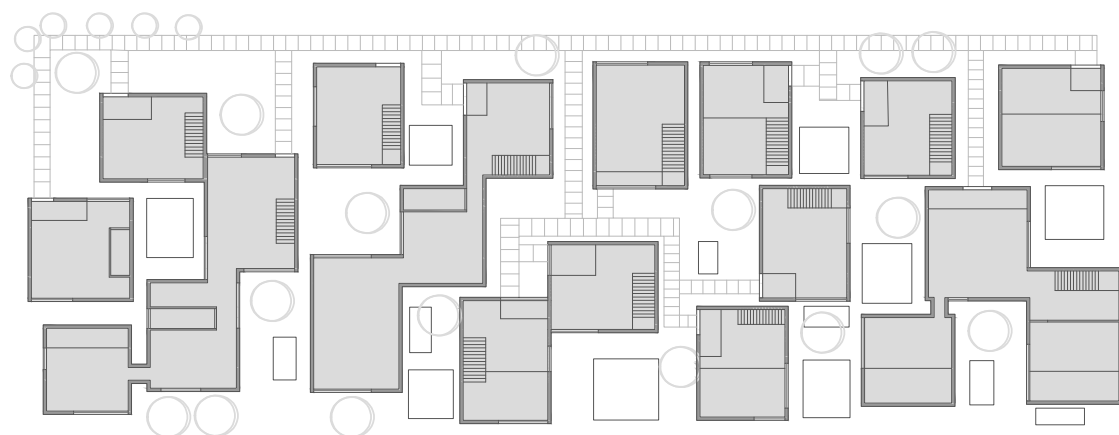


Fig.40 - Piso 0 - Salas

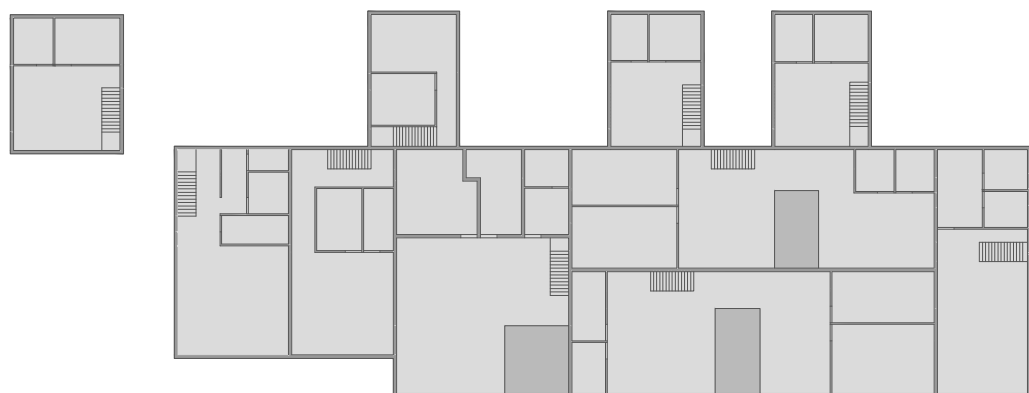


Fig.41 - Piso -1 - Cozinhas e espaços de comer



Fig.42 - *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

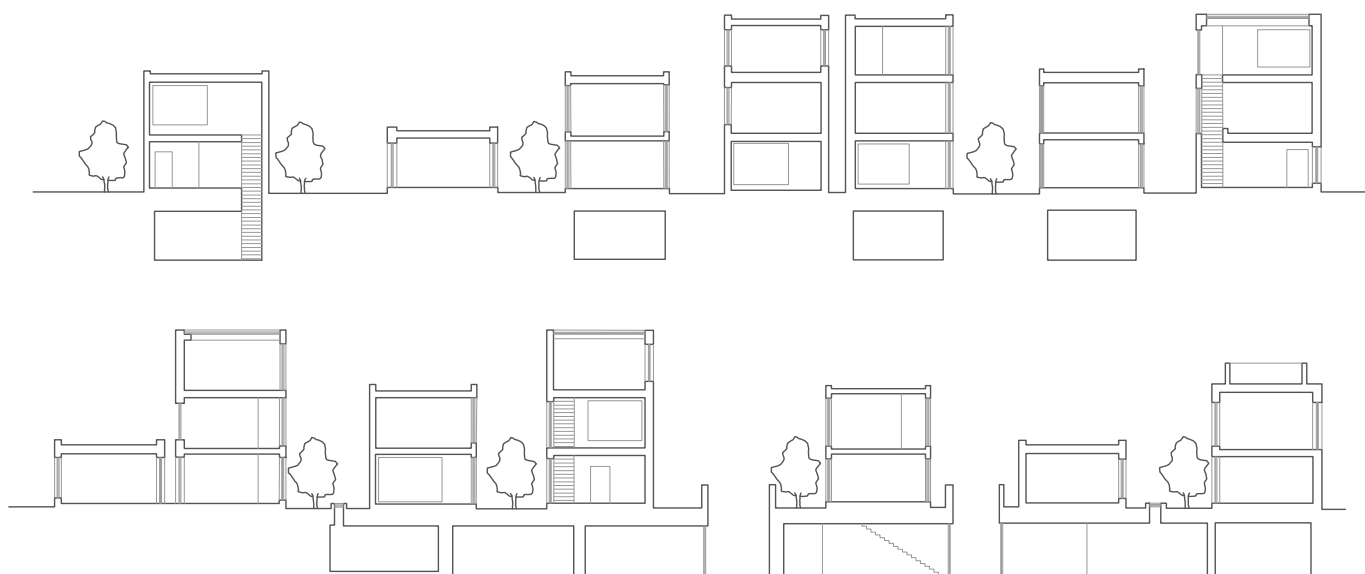


Fig.43 - Cortes longitudinais, *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.



Fig.44 - *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

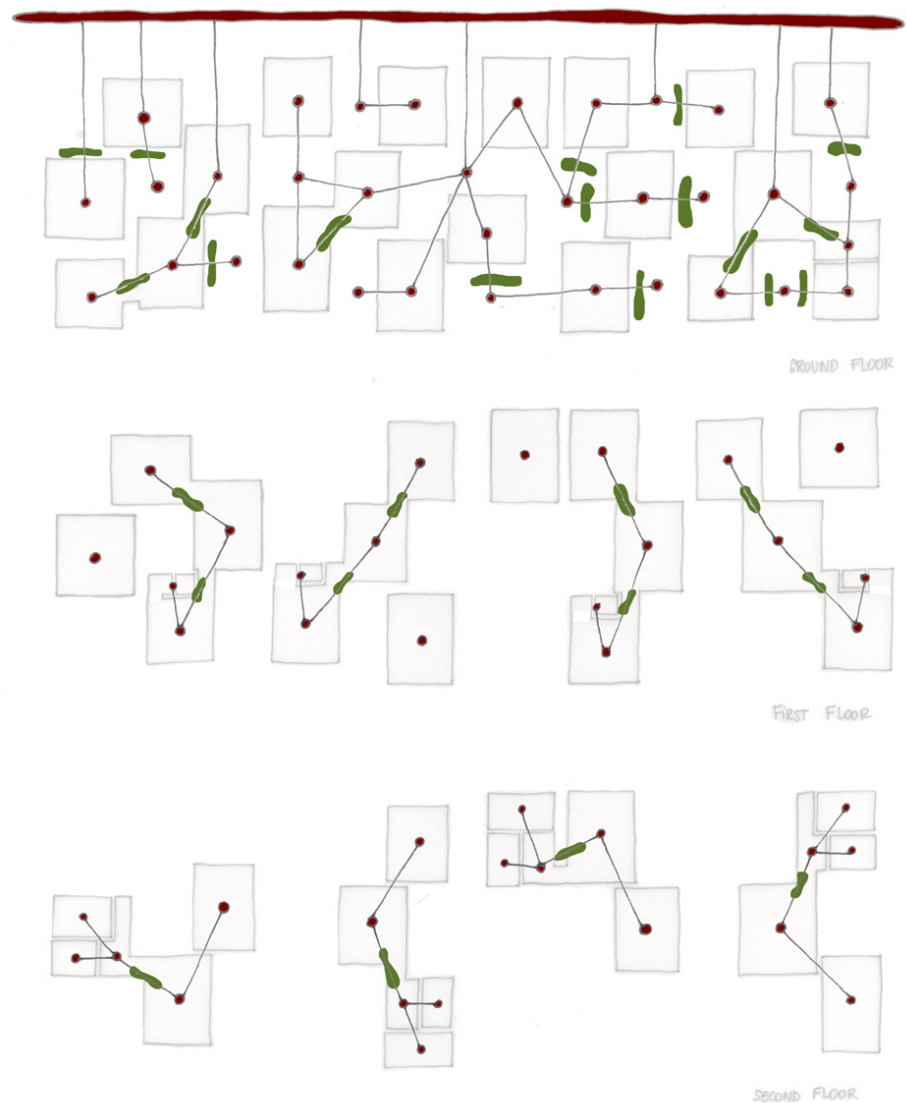


Fig.45 - O esquema do atelier Sanna pretende mostrar como se fazem as ligações entre os “fragmentos” a partir da rua. Os pontos vermelhos são os sítios de estadia e as manchas verdes os locais de atravessamento entre zonas construídas e por vezes as exteriores. O interessante é perceber como os arquitectos desenharam o conjunto, e definiram programa interior e exterior. Existem espaços considerados de estadia mas que são exteriores, apesar de haver outras zonas exteriores que já não são assim considerados. Então se percebe que o posicionamento dos volumes é importante não só pelas ligações entre si como pelo espaço definido entre eles.



Fig.46 -Ortofotomapa 21 st Museum, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

21st Century Museum

Arquitecto: Atelier Sanna

Data: 2004

Local: Kanazawa, Japão

O 21st Century Museum of Contemporary Art, está situado no centro da cidade de Kanazawa. Qualquer pessoa pode visitá-lo quando quiser, o Museu é concebido como um parque onde as pessoas podem se reunir e encontrar.

O vidro circular cria uma definição espacial ambígua, como uma espécie de membrana reversível, através do qual os visitantes podem sentir a presença um do outro (interior – exterior).

A característica mais visível deste Museu é a sua forma. O local, cercado por três ruas, é acessível a partir de várias direções, o que levou ao desenho circular. Qualquer pessoa pode entrar no museu através de qualquer entrada o que permite uma maior proximidade entre o edifício e a cidade.

Os vários espaços do museu (salas de exposição, restaurante e biblioteca de arte) encontram-se espalhados num plano horizontal de modo que o Museu parece um espaço urbano, como se os visitantes estivessem no centro da cidade. A flexibilidade do programa permite um fluxo natural do museu, assim os visitantes podem visualizar cada área isoladamente. Significa que o conjunto circular cria módulos com o programa específico e espaços interstícios. O programa de exposição está fragmentado em galerias que estão dispostas pelo edifício circular.

Os módulos interiores variam tanto em tamanho como nas próprias condições, existem espaços com luz natural e outros não.

O uso de paredes de vidro, dentro e fora, produz transparência e brilho. A parede de vidro também aumenta a sensação de encontro, a consciência da presença um do outro, e da ligação entre os visitantes, estejam eles no interior ou no exterior do edifício.



Fig.47 - 21 st Museum, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

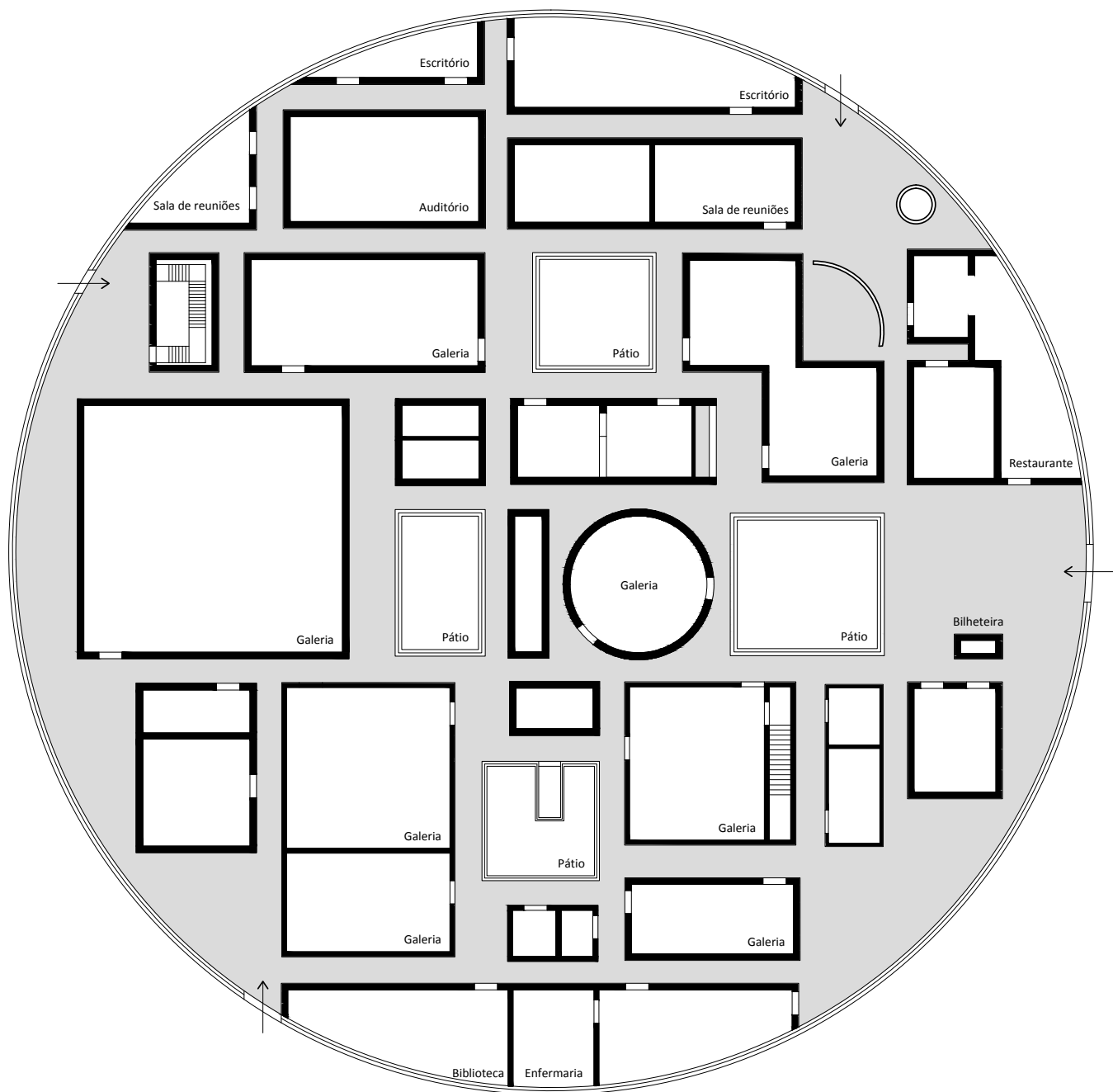


Fig.48 - Piso 0, 21 st Museum, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

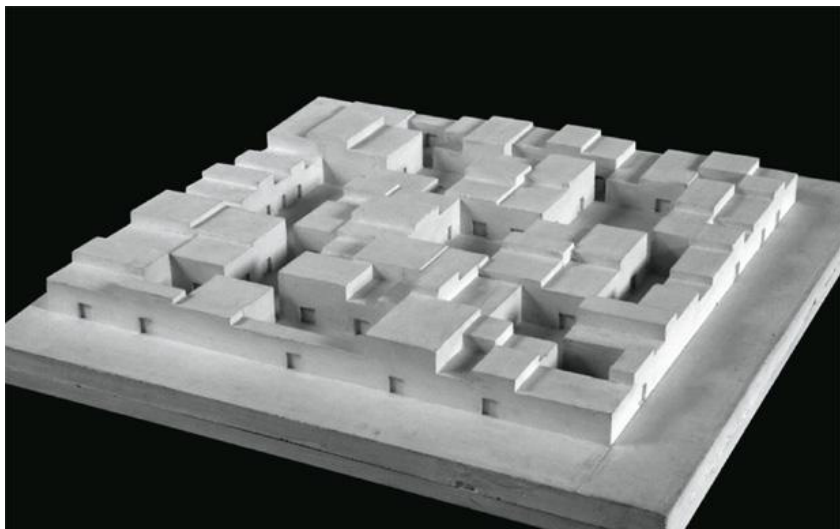


Fig.49 - Maqueta, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

Complexo escolar Vila Nova da Barquinha

Arquitecto: Aires Mateus

Data: 2011

Local: Vila Nova da Barquinha, Portugal

O programa do edifício em Vila Nova da Barquinha do atelier Aires Mateus, parte da criação de um complexo escolar, mas para além das suas actividades curriculares o equipamento tem outras valências para a comunidade.

O programa estende-se à criação de um centro de ciência viva e ao uso de alguns espaços de forma autónoma. Essa necessidade dispõe estas áreas com acessibilidade pelo exterior criando um limite que “protegerá” as áreas lectivas. O edifício é assim um corpo unitário mas que pode funcionar por partes fragmentadas umas das outras, o que aparentemente pode parecer um programa compacto funciona em elementos individuais. O programa dispõe-se de forma a permitir vários usos e formas de circulação.

No centro, um pátio constitui um sistema de circulação alternativo e é entendido também como uma área controlada. Os espaços são caracterizados por volumes de alturas diferentes. Os espaços definem-se pelas suas dimensões, são neutros; brancos. A mesma lógica desenha o seu exterior nos seus muros e pavimentos. O projecto gere de forma precisa, poucos elementos.

A partir de um bloco unitário e de um programa agrupado o edifício pode funcionar de forma fragmentada.

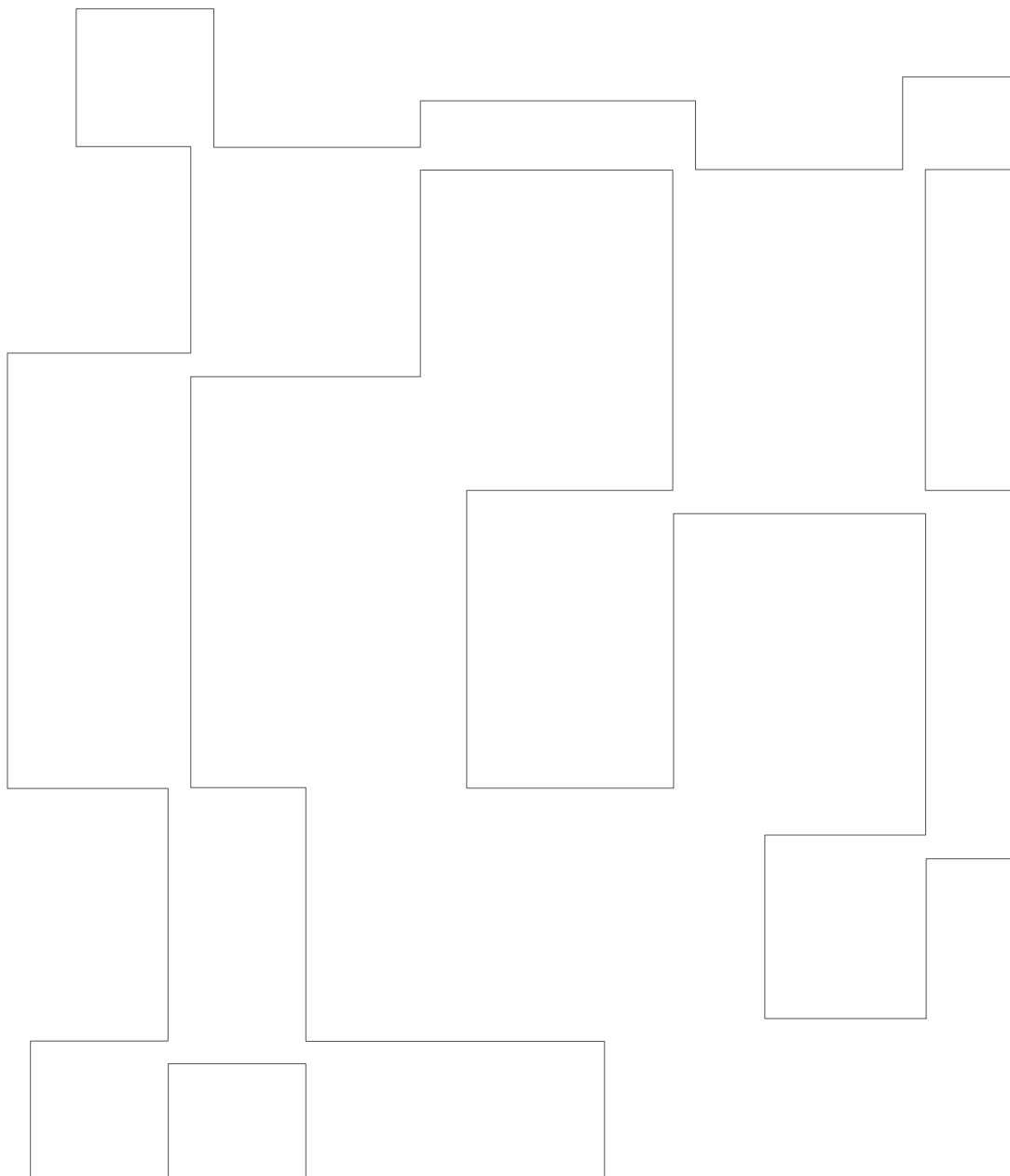


Fig.50 - Esquema da ligação dos pátios, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

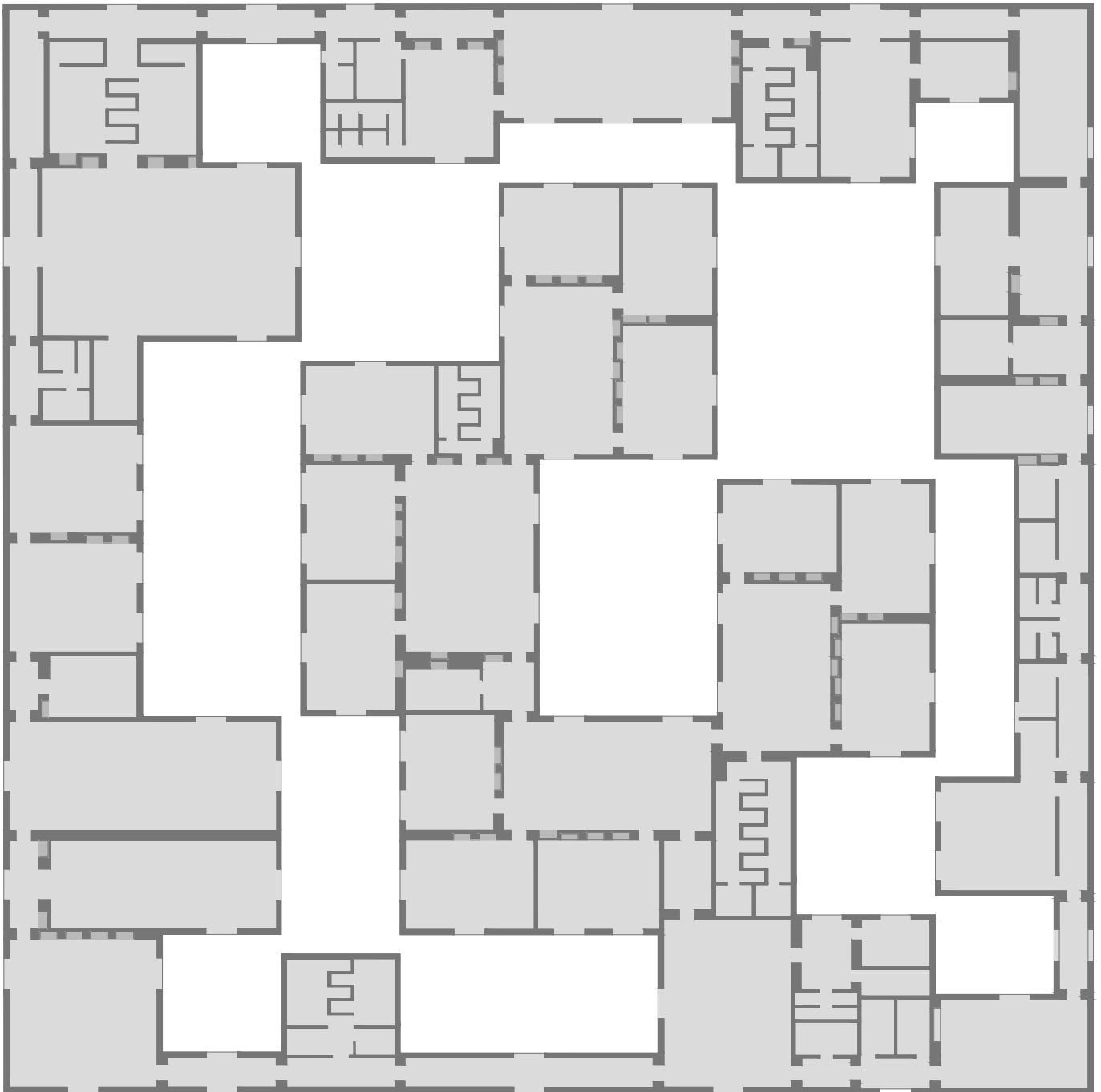


Fig.51 - Piso 0, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011



Fig.52 - Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011



Fig.53 - Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011



Fig.54 - *Villa Teirlinck*, Konokke Heist, Bélgica, Victor Bougois, 1928.



Fig.55 - *Cabines na praia*, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

Discrepancies with Villa Teirlinck

Arquitecto: Leonor Antunes
Data: 2009
Local: Konokke heist, Bélgica

Este projecto foi concebido para a “Beaufort Bienal 03”²⁹. É aqui evocado, na medida em que trabalha exactamente a partir de uma estratégia de fragmentação de uma estrutura arquitectónica unitária (*Villa Teirlinck*). O seu gesto de ocupar a praia num período de tempo pode ser entendido igualmente como um acto parasita.

“O meu trabalho foi instalado na cidade de Knokke Heist, na praia. Quando a visitei pela primeira vez no verão e imediatamente fiquei intrigada pela presença de cabines ao longo da costa, bem como pela discrepância dos conjuntos de apartamentos e bangalós.

A invasão de tais construções, ostensivamente exibida ao longo da costa, é um produto dos nossos tempos. A arquitectura moderna, que teve uma presença marcante na paisagem deixa de existir, apenas algumas casas modernistas aparecem escondidas pela confusão de blocos de arranha-céus.

Um desses projectos, que é um exemplo muito importante da habitação moderna balnear, foi a residência feita pelo arquitecto Victor Bourgois para Hermann Teirlinck em Saint-Idesbald em 1928.

O meu projecto consiste em revelar uma memória neste cenário específico, tendo como ponto de partida as cabines de praia, que me intrigou desde o início desta investigação. As cabines chegam à praia num ano e ficam lá até o final da temporada, eu vejo isso como um evento de espaço-tempo, como uma paisagem momentânea num sítio.

A minha proposta passou por reconstruir o 1º andar da “Teirlinck villa” de Victor Bourgois. Esta parte da casa é reconstruída em fragmentos de tamanho real, e construído como uma cabine de praia, semelhante às exibidas ao longo da areia”. 30

Leonor Antunes

29 | Bienal de escultura que ocupa espaço público em toda a costa da Bélgica

30 | http://www.buitenbeeldinbeeld.nl/Beaufort_2009/Villa.htm



Fig.56 - Cabines tradicionais na praia, Konokke Heist, Bélgica.

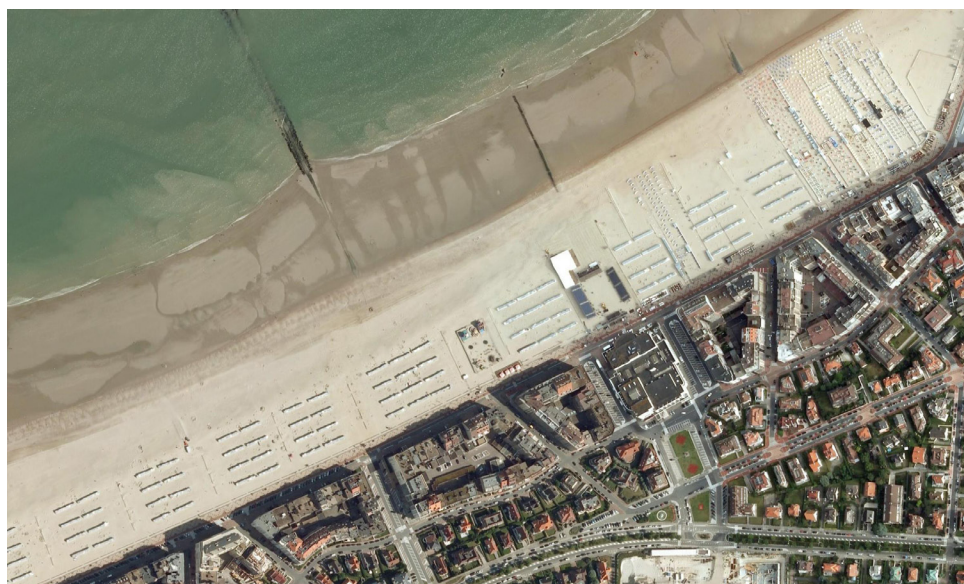


Fig.57 - Ortofotomapa, cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica.



Fig.58 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.



Fig.60 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.



Fig.62 - *Rucksack House*, Lípsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

Rucksack House

Arquitecto: Convertible City

Data: 2004

Local: Alemanha

Entre a arte e a escultura, a forma e a função, a “ habitação parasita” é uma escultura com a sua própria qualidade espacial. Esta “nova casa” destina-se a ser uma sala adicional que pode ser suspensa da fachada em qualquer edifício.

Neste caso a lógica parasita serve-se de um fragmento que é adicionado a uma estrutura existente.

O cubo é um espaço de luz e vazio, livre de conotações e aberto às necessidades do seu usuário. Embora ao estar dentro do ambiente privado se tenha a impressão de flutuar para fora dos limites da habitação, o espaço privado está em território público.

A *habitação parasita* é um módulo “transformável”, em que no seu interior permite esconder todos os móveis nas paredes.

A construção é uma caixa metálica revestida a madeira. Esta habitação é suspensa por cabos de aço que são ancorados à fachada do edifício existente.

O módulo parasita oferece uma maneira de melhorar a qualidade da habitação numa pré-existência. É um sinal de auto-construção anárquica, o novo espaço fica pendurado no espaço existente por um método simples, claro e compreensível.



Fig.63 - *Rucksack House*, Lípia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

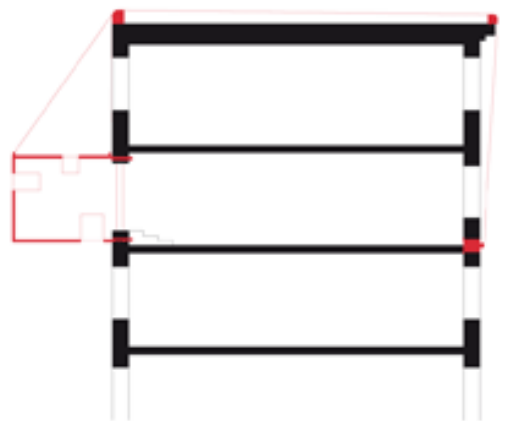


Fig.64 - Planta de implantação e corte, *Rucksack House*, Lúpsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

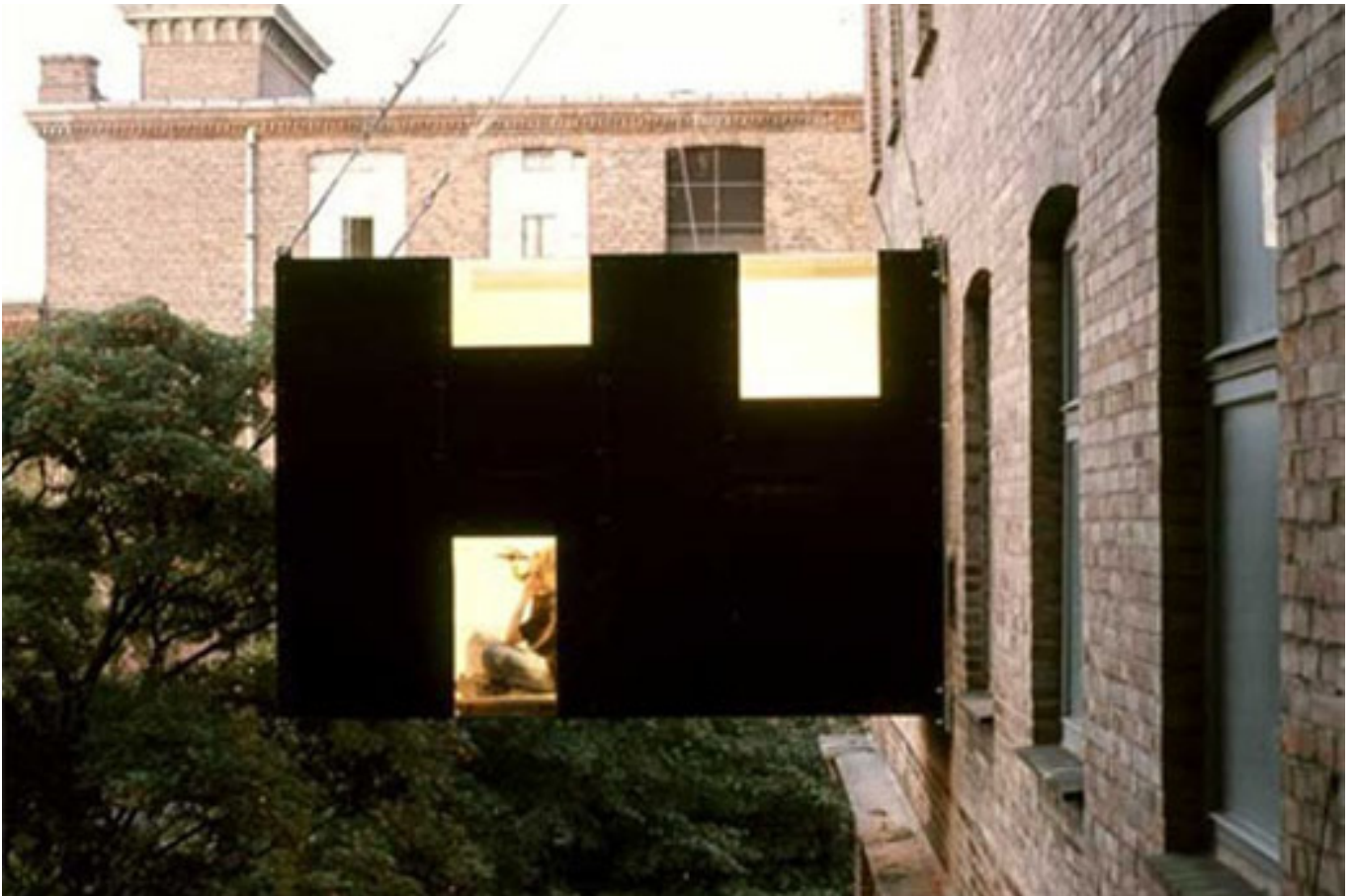


Fig.65 - *Rucksack House*, Lípia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.



Fig.66 - *Rucksack House*, Lippia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

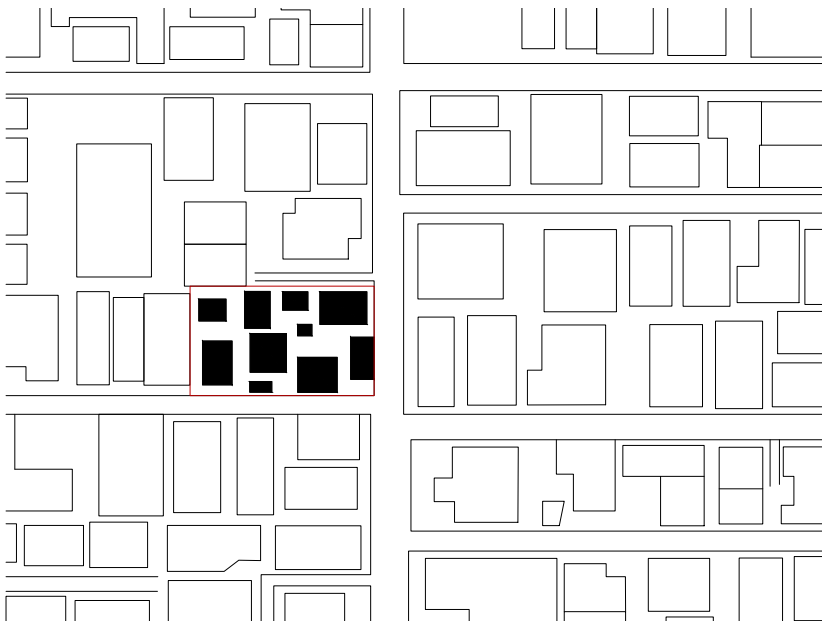
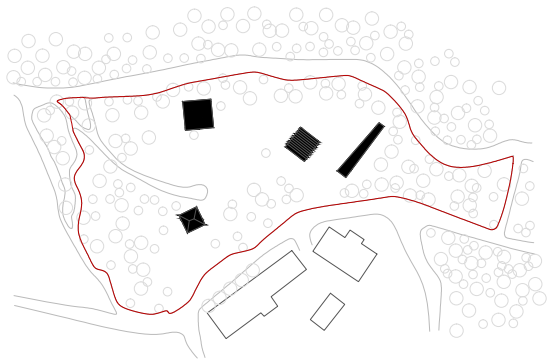


Fig.67 - Comparação à mesma escala das distâncias entre volumes da casa *Moriama* e casa *Ito*

Apreciação crítica sobre os exemplos

A casa *Moriyama* de Ryue Nishizawa é escolhida por ser claramente o exemplo que melhor explica o trabalho. A criação de uma complexidade “urbana” a partir de um programa normalmente unitário, a forma como o projecto é desenhado são aspectos importantes.

Não só a própria acção de fragmentar é relevante, como também os espaços criados em resultado dessa fragmentação (espaços de ligação) são igualmente interessantes. Em comparação com esta casa foi apresentado a *Casa Ito de Hiroshi Hara*, que num gesto semelhante, fragmenta o programa (mas propõem um terceiro espaço relativamente diferente). Aqui não são os fragmentos que criam os espaços de ligação exteriores, mas é sim a partir desse espaço exterior que são colocados os volumes. Na pequena floresta de ligação, e o programa nela disposto assemelha-se as próprias árvores espalhadas pelo local.

Um facto importante que define estes dois casos é a distância entre os volumes, é a proximidade destes volumes que cria o espaço intersticial. Enquanto na casa *Moriyama* esse espaço é relativamente pequeno, assemelhando-se a pequenas ruas (algo interiorizado na cultura japonesa), na casa *Ito* esse terceiro espaço é de uma escala muito maior, as distâncias entre edifícios são mais longas, o que faz parecer que os volumes não tenham relação entre eles apesar de ser um programa unitário.

Naturalmente o facto do contexto envolvente ser mais densamente urbano na casa *Moriyama* é determinante.

Em seguida foi apresentado o projecto “Seito Townhouses”,

que assemelha-se a casa *Moriyama* quando propõem um programa fragmentado com espaços de ligação relativamente curtos. Neste caso esta ideia é experimentada a uma escala um pouco maior, não é apenas o programa de uma casa mas sim de um conjunto de habitações. Apesar do programa de cada habitação ter sempre ligação entre eles, a forma como cada “casa” é posicionada cria um ambiente de cidade, de urbanismo, pois é sempre desenhado o “terceiro espaço”, seja este de ligação ou de estadia.

Os projectos *21st Museum* do atelier Sanna e o *Complexo escolar de Vila Nova da Barquinha* do atelier Aires Mateus, são dois exemplos que abordam o tema da fragmentação de forma diferente. Nestes casos a fragmentação está introduzida no interior de um edifício de programa complexo. No caso do *21st Museum* é um edifício circular que contém todo o programa do museu. O edifício funciona como uma caixa que protege todo o programa que é fragmentado no seu interior. Existe uma noção de “pequena cidade” dentro do conjunto, onde há “ruas”, “praças” e “edifícios”. Em comparação com o projecto do complexo escolar de Vila nova da Barquinha, este caso aborda a fragmentação de outra forma. Igualmente contido dentro de um único edifício, o programa está todo agrupado mas está sempre acompanhado por um sistema de pátios que acabam por conferir unidade nos fragmentos e desenharam todo o conjunto. O programa é igualmente fragmentado na sua utilização, a forma como está disposto torna possível a utilização de partes do programa a partir do exterior sem ter que utilizar todo o edifício, apesar de este ser aparentemente um volume único.

Os dois últimos casos introduzem outra temática, a do parasitismo. Apesar de ser outro tema está fortemente ligado ao anterior, na medida em que a unidade mínima que se agrupa ao conjunto hospedeiro pode ser lida como um fragmento.

No caso *Discrepancies with Villa Teirlinck* de Leonor Antunes, foi proposta uma nova utilização de um programa antigo do local. Uma série de cabines são colocadas na praia ao longo da costa da Bélgica, estas cabines funcionam como um programa fragmentado que “parasitam” a praia. O projecto aborda num só gesto dois aspectos interessantes e que estão ligados: o primeiro de fragmentar o programa; o segundo de “parasitar” a praia com estas cabines que neste caso são colocadas neste local mas poderiam ser transferidas para outra praia ou mesmo outro local e continuarem a servir a sua função. Naturalmente tem-se presente que a intenção de Leonor Antunes é de ordem artística.

Assim o projecto *Rucksack House* foi escolhido para se entender o programa e a sua posição com a cidade de outra forma. Quando um edifício atinge o seu limite em termos de ocupação programática é possível renová-lo e dar uma nova vida e um novo programa. É uma experiência que propõe algo novo reutilizando a cidade existente.

Uma vez que estes parasitas são pequenos corpos que se ligam a outros existentes, é possível também entender o parasitismo como uma intervenção fragmentada.

PARTE 2. UM SÍTIO ESPECÍFICO - LARGO DO RATO

Introdução | Parte 2

A proposta deste trabalho passa por experimentar o conceito de um programa e as suas possibilidades de intervenção na cidade, assim apresentamos o programa completo mas que em cada caso de estudo será desenvolvido uma parte mais que outras. É dada uma maior importância ao programa comunitário e às áreas totais por forma a propor uma intervenção ao sítio e não o detalhe de um espaço individual.

O programa coloca o desafio de desenhar um projecto intergeracional que contém uma parte de habitação para idosos, e um programa comunitário que promova inter-relações.

O sítio é deixado à escolha e portanto foi desenvolvido o que já havia sido proposto na disciplina de projecto avançado III, um interior de quarteirão do Largo do Rato.

Assim a inter-relação entre gerações, comunidades e espaços é mais interessante quando o sítio é “fechado” à rua, um interior de quarteirão que pode passar a ser mais que isso, passa a ser um novo espaço da cidade, que deixa de estar escondido.

A hipótese de não desenvolver uma proposta mais rígida, que evoluísse desde uma grande escala até uma mais pequena pareceu muito interessante. A possibilidade de explorar o conceito e a forma de como entendemos a cidade e a intervenção nesta, abre novos campos de experiências.

Tenta-se que a proposta se desenvolva por outro caminho, com a exploração de um tema teórico e a partir daí, de um programa e de um sítio, para criar uma série de possibilidades que permitam levantar respostas a estas questões.

As hipóteses que serão desenvolvidas terão como premissa o programa, mas mais importante que isso um sítio, que permite ligações e relações com a cidade. Desta forma permite alterar a cidade até a um ponto em que o programa não tem que necessariamente manter-se limitado pelo quarteirão mas estender-se pela cidade. Estas hipóteses serão demonstradas da melhor forma possível, tentando sempre recorrer a imagens e desenhos por forma a tornar-se mais claro o que se propõem.

Procura-se através da introdução do complexo programa, encontrar uma forma de pensar novas relações do interior do quarteirão, com o espaço urbano envolvente nos ensaios feitos. O recurso à noção de *Programa Fragmentado* serve de guia e estratégia para pensar uma solução.



Fig.68 - Planta de Filippe Folque, Lisboa, Portugal, 1856

HISTÓRIA DA FREGUESIA DE SÃO MAMEDE DO SÉCULO XII AO SÉC XXI

A antiga freguesia de S. Mamede cuja origem remonta a 1190, na encosta do Castelo e cuja igreja paroquial ficava na actual Rua de S. Mamede, deixou de existir nesse território em 1769, tendo sido transferida para o Vale do Pereiro, onde lhe foi delimitado um novo território e teve nova sede paroquial, junto a Rua Nova de S. Mamede. Após a conquista de Lisboa, em 1147, ficou esta zona integrada na paróquia dos Mártires. As mais antigas referências conhecidas dizem respeito a vinhas na Cotovia e Vale do Pereiro, em 1337.

Em 1363, quando o exército do rei Henrique de Castela pôs cerco a Lisboa, provocou destruições nesta zona, depois de atravessar Valverde (o vale da Avenida) e se instalar no Convento de S. Francisco.

Também em 1384, desta vez as hostes de D. João de Castela, por aqui causaram estragos, como nos conta Fernão Lopes: «E chegou acerca dela a um alto monte, a que ora chamam Monte Olivete, e esteve ali grande parte do dia; e muitos dos seus andavam entretanto cortando árvores e vinhas e fazendo todo o dano que podiam»³¹.

SÉCULO XVI - AS QUINTAS E O NOVICIADO DA COTOVIA

A Quinta do Monte Olivete, situada no lado direito do caminho da Cotovia, era de Fernão Teles de Meneses, em meados do século XVI. Do lado oposto ficava a Quinta de André Soares, cujos descendentes se uniram aos Noronha e constituíram uma grande propriedade em toda a encosta até ao vale de S. Bento.

O Caminho da Cotovia que passava entre aquelas duas quintas, desembocava num largo (depois chamado do Rato), onde convergiam outros caminhos: o do Salitre, o dos Olivais, o de S. Bento e o caminho para a Ribeira de Alcântara (Rua do Sol ao Rato). Em 1557, foi criada a freguesia de Santa Catarina, com território destacado dos Mártires e, em 1567, a freguesia de S. José, separada de Santa Justa. Estas duas freguesias repartiam entre si o território da futura freguesia de S. Mamede, segundo uma linha divisória que seguia justamente o já referido caminho da Cotovia.

No fim do século XVI, procuravam os padres da Companhia de Jesus um lugar adequado para fundar um noviciado. Depois de ponderarem as vantagens e inconvenientes de vários sítios, decidiram-se pelo Monte Olivete, uma propriedade que fazia parte do dote de Fernão Teles de Meneses deixada em 1598 e que reunia as condições desejadas. Lançados os alicerces em 1603, as obras ficaram concluídas treze anos depois. Os primeiros noviços entraram em 1619 e ali continuou esta importante casa religiosa, com uma cerca enorme até ao Rato e Salitre, por muitos anos até à extinção da Companhia de Jesus, em 1759.

30 | Texto retirado no âmbito do trabalho de turma de projecto avançado III.

31 | Carlos Consiglieri, Filomena Ribeiro, José Manuel Vargas e Marília Abel, *Pelas Freguesias de Lisboa - de Campo de Ourique à Avenida; Santo Condestável; Santa Isabel; São Mamede; Coração de Jesus*, vol 3., Biblioteca da Educação da CML de 1995.

OS CONVENTOS SEISCENTISTAS

Contando com o Noviciado da Cotovia, foram cinco as casas conventuais que se estabeleceram nesta área, durante o século XVII e o início do século XVIII.

Antes de 1710, vieram estabelecer o seu convento os Padres da Congregação de Oratório de S. Filipe de Nery. As suas casas e propriedade foram, depois de 1755, a Quinta e Pátio do Geraldês e resistiram até 1936, quando foi urbanizado o quarteirão entre a Rua Castilho e Rua Rodrigo da Fonseca. O outro convento foi o de Nossa Senhora da Conceição dos Cardais, hoje fora dos limites da freguesia, que data de 1681-1703.

O AQUEDUTO E A FÁBRICA DAS SEDAS

O século XVIII veio trazer grandes transformações a S. Mamede, ainda antes do terramoto de 1755. Por volta de 1720, começaram a ser construídas casas no Largo do Rato, em terrenos aforados pelas freiras trinas do vizinho convento. No limite oposto da freguesia (hoje Praça do Príncipe Real) tiveram início, em 1728, as obras do palácio do Conde de Tarouca, nunca concluídas e sobre cujos alicerces se edificou a Basílica Patriarcal, inaugurada em 1756. Nesta altura, uma das obras mais significativas, o Aqueduto das Águas Livres, estava a ser construído (1713-1748), terminando como se sabe na freguesia de S. Mamede. Em 30 de Outubro de 1744, a água correu pela primeira vez num improvisado tanque no Rato, tendo-se juntado cerca de seis mil pessoas para assistir ao memorável acontecimento. Em 1748, foi erguido um arco triunfal para celebrar o «ingresso das águas na cidade» - o Arco das Amoreiras. A Mãe d'Água, iniciada em 1744 só ficou concluída em 1834, tendo tido ainda obras em 1859. Quanto ao Chafariz do Rato (1753-1754), obra atribuída a Carlos Mardel, está no lugar actual desde 1794.

Em terrenos da Quinta de D. Rodrigo de Noronha, perto do Rato, instalou-se em 1738 a Fábrica das Sedas, fundada pelo francês Robert Godin e que teve as suas primeiras instalações na Fonte Santa (1734) e Rua de S. Bento (1737). Inaugurada em 1741, a nova fábrica contava em 1744 com 28 oficiais e 70 aprendizes. Para que os tecelões se não distraíssem com o movimento na Rua da Cotovia e Largo do Rato, foram colocados tabiques defronte das janelas. No edifício, o proprietário mandou instalar um talho e uma padaria e, em 1749, foi construído um bairro operário de que restam duas moradias

na Rua Maestro Pedro de Freitas Branco. Em 1750, o Estado apropriou-se da fábrica, por insolvência de Robert Godin. Importa referir que, em 1741, tinha sido criada a freguesia de Santa Isabel que ficou a abranger praticamente todo o território da futura freguesia de S. Mamede, com excepção de duas parcelas que estavam nos limites de S. José e S. Sebastião da Pedreira.

DEPOIS DO TERRAMOTO

Com o Terramoto de 1755 «desabou sobre o Rato uma multidão de foragidos»³². Rapidamente se formou um enorme acampamento, com tendas e barracas improvisadas que abrigavam milhares de pessoas. De um dia para o outro, surgiu todo o género de comércio: mercados de hortaliças, talhos, ourives e muitos outros negociantes. Algumas das barracas eram luxuosas, como a do Marques do Lourical que custara uns trinta ou quarenta mil cruzados e parecia um palácio, ou a do Desembargo do Paço, em tabique pintado.

No início de 1756, só na Quinta de D. Helena (próximo da actual Rua S. Filipe Nery) havia mais de 200 barracas de pano e tabique. O pároco de Santa Isabel, em 1757, ainda assinalava 5249 refugiados. Entretanto, permaneciam os regimentos vindos da província, a mando do Marques de Pombal, para impor a ordem e evitar roubos. Estavam instalados no Abarracamento de Vale Pereiro, o regimento de Olivença, e no Abarracamento de Peniche (ao Príncipe Real), o regimento dessa vila. Na Quinta dos Padres do Oratório funcionava o Tribunal do Senado da Câmara, enquanto na Fábrica das Sedas estava o Tribunal da Relação Patriarcal. Missas, sermões, penitências, procissões quase diárias, tudo havia no acampamento, qual «nova cidade improvisada que custou a ter fim»³³.

Em 1759, segundo plano de Carlos Mardel, começou a urbanização daquele espaço a poente dos arcos do Aqueduto, constituindo-se um bairro industrial, o Bairro dos Fabricantes. Além das várias unidades fabris e das habitações operárias, formou-se um verdadeiro núcleo de formação profissional, o Real Colégio das Manufacturas. A Real Fábrica das Sedas, criada em 1757 pelo Marquês de Pombal passou a dispor

32 | Gustavo Matos Sequeira, *Depois do Terramoto*, vol. III, p. 383

33 | Gustavo Matos Sequeira, *op. cit.*, vol. IV, p. 274

de outro amplo edifício no Bairro dos Fabricantes, onde em 1764 se instalou a Fábrica dos Pentes e em 1765, a Fábrica dos Relógios, havendo também outras manufacturas como chapéus, botões, cutelarias, lacres, vernizes, etc. A Fábrica de Louça do Rato foi fundada em 1767, entre o bairro e o Largo do Rato. A Irmandade dos Fabricantes de Seda mandou construir a ermida de Nossa Senhora de Monserrate, no vão de um arco do Aqueduto, em 1768. Três anos depois procedeu-se a arborização do largo com amoreiras, que deram o nome à praça, e ao sítio.

Outra importante iniciativa do Marquês de Pombal foi a criação do Colégio dos Nobres, em 1761. O edifício que serviu para a sua instalação foi o Noviciado da Cotovia, disponível desde a expulsão dos Jesuítas em 1759. Foi necessário reparar os estragos do Terramoto e adequar o espaço às novas funções, sendo Carlos Mardel encarregado dessa modernização. A Basílica Patriarcal que, como já vimos, tinha sido inaugurada em 1756, foi destruída por um incêndio em 1769. Tinha sido fogo posto e encontrou-se o culpado, um tal Alexandre Vicente que foi supliciado no local do crime (garrotado e queimado vivo). Ao sítio, passou a chamar-se a Patriarcal Queimada.

As novas edificações sucediam-se, promovidas pelo Estado ou por particulares, sendo nesta zona que a burguesia pombalina mandou edificar os seus palácios: o Palácio Alagoas (1757-1762), da família Cruz-Alagoa; o Palácio Ceia (c.1760), construído por Rebelo de Andrade; o Palácio dos Guiões (1767), do desembargador Romão José da Rosa Guião. As ca-

sas nobres dos Noronhas foram adaptadas para a instalação, em 1768, da Régia Oficina Tipográfica, depois designada Imprensa Nacional (1833).

A CRIAÇÃO DA FREGUESIA

Por carta régia, de 18 de Dezembro de 1769, foi a paróquia de S. Mamede transferida para o seu novo distrito, ficando como sede provisória a ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens (fundada em 1749), em Vale do Pereiro (na confluência das actuais Rua Braamcamp e Rua Alexandre Herculano).

A remodelação das freguesias de Lisboa, oficializada em 1770, fez uma primeira delimitação do território de S. Mamede, que foi alterada em 1780, ficando então com os limites que actualmente mantém, aproximadamente. Parece-nos interessante transcrever o documento de demarcação em 1780:

Terá principio o districto desta Paroquia, transmutada para o sítio do Rato, na Esquina Occidental da Calçada das Flores que desce à Praça da Alegria, caminhando pelo lado direito para o Real Colégio dos Nobres; e descendo pela Rua de S. Marçal, voltará pela Travessa de Santo António, Travessa do Arco até sair na Rua de S. Bento; e desta, levando todo o lado Oriental, voltará por ambos os lados até à Praça do Rato, Convento das Religiosas Trinas de Campolide, sobirá pela Estrada que vai a S. João dos Bem Casados; e seguindo a mesma até à que volta para Campolide, sómente da parte Oriental desta, discorrerá pelo lado Meridional de outra que vem sahir a Val de Pereiro; passando junto do Abarracamento deste sítio, irá buscar a Rua do Salitre, e continuará pela nova Rua que sahe defronte das Casas dos herdeiros de José Francisco da Cruz, donde voltará para o Real Colégio dos Nobres, onde acabará a sua circunferência.

No território assim definido, moravam nesse ano de 1780, 3786 pessoas em 749 fogos.

Em 1782 começou a ser construída a nova Igreja, para onde

passou a sede paroquial em 1783, mas cujas obras se prolongaram por muito tempo.

Nesse período, foram construídos mais alguns palácios, como por exemplo o Palácio Praia (1784) e o Palácio Palmela (1792), mas a grande novidade urbanística nesta zona foi, sem dúvida o Bairro da Cotovia ou do Pombal, edificado por iniciativa de uma «Companhia Reedificadora», a partir de 1760 na encosta poente da antiga estrada da Cotovia até à Rua de S. Bento e entre a Patriarcal Queimada e o Solar dos Noronhas (em que existia um pombal que deu nome ao sítio).

Este foco de urbanização contribuiu largamente para o aumento populacional que se observava em 1798. A freguesia de S. Mamede contava agora 1182 fogos e cerca de 6370 habitantes.

S. MAMEDE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Depois de um movimentado século XVIII, a freguesia de S. Mamede conheceu um período de alguma estagnação até meados do século XIX. Através de uma cronologia, podem evidenciar-se os acontecimentos mais significativos na primeira metade do século XIX:

1801 - população: 6.370; Fogos: 1.187.

1805 - Construído o Arco de S. Mamede.

1810 - No pátio do Gil (Rua de S. Bento), nasce Alexandre Herculano.

1817 - Preso Gomes Freire de Andrade na sua casa da Rua Salitre.

1820 - População: 5.200; Fogos: 1.208.

1822-42 - Obras de remodelação do Palácio Palmela.

1825 - Lançados os caboucos do Erário Novo, na Patriarcal Queimada.

1833 - População: 5.360; Fogos: 1.224.

1835 - Acabou a Fábrica de Louça do Rato.

1837 - Extinção do Colégio dos Nobres e criação da Escola Politécnica.

1839 - Capela de Nossa Senhora da Bonança (capela do Rato).

1840 - População: 3.946; Fogos: 1.035.

1843 - Incêndio no Colégio dos Nobres.

S. MAMEDE DURANTE A REGENERAÇÃO

Embora de forma menos evidente que noutras zonas da cidade, também em S. Mamede se notou a dinâmica económica e urbana que a estabilidade conseguida com a Regeneração possibilitou a partir de 1851.

A história urbana da freguesia nesse período pode esboçar-se através de um quadro cronológico:

1851 - Feira das Amoreiras.

1853 - Colégio Luso-Britânico (Palácio dos Guiões).

1855 - Botequim de Domingos Martins (Flor do Rato).

1860 - Inaugurada o percurso Rato-Santa Apolónia (autocarro).

1861 - Aberta ao culto a Igreja de S. Mamede.

1863 - Observatório Astronómico do Monte Olivete.

- Palacete Fontalva.

- Reservatório de água da Patriarcal.

1864 - População: 4.922; Fogos: 1.331.

1867 - Esquadra da Polícia, no Rato.

1873 - Jardim Botânico.

1877 - Palácio Ribeiro da Cunha.

1878 - População: 6.268.

- Conclusão das obras na Escola Politécnica.

1879 - Pátio do Monteiro.

1880-96 - Teatro do Rato.

1890 - População: 7.789; Fogos: 1.663.

- Vila Bagatela.

1897 - Incêndio na Real Fabrica das Sedas (Rato).

1899 - Palácio Mayer.

1900 - População: 8.102; Fogos: 1.719.



Fig.70 - Largo do Rato, Lisboa, Portugal, 1917

S. MAMEDE DO PRINCÍPIO DO SÉCULO AOS NOSSOS DIAS

À entrada do século XX, a freguesia de S. Mamede via desaparecer rapidamente o que restava das quintas a norte do seu território. Com a abertura da Rua Alexandre Herculano, Rua Castilho, Rua Rodrigo da Fonseca, desapareciam as azinhagas de Vale Pereiro e de Lázaro Verde e os arrabaldes rústicos de há pouco, eram preenchidos por palacetes e moradias ao gosto eclético de fim de século, como por exemplo: Casa Ventura Terra (1902), Sinagoga (1902-1904), edifícios geminados da Rua Braamcamp, (1907) ou a Garagem Auto-Palace (1906), com elementos Arte Nova.

Em 1921, um incêndio destruiu completamente a Igreja de S. Mamede, logo reconstruída e reaberta ao culto em 1924.

O Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral data de 1925. O Mercado 1º de Dezembro (ao Rato) foi inaugurado em 1927. Quanto ao Parque Mayer tinha sido inaugurado em 1922.

Entre 1930-1940 foi aberta a Rua de Artilharia Um, substituindo a velha estrada de Entremuros. Na mesma altura procedia-se a modificações na Praça do Brasil (Largo do Rato) e construiu-se o conjunto de edifícios «Art Deco» e modernismo radical no quarteirão entre a Rua Nova de S. Mamede e Rua do Salitre. Com a remodelação administrativa de 1959, a freguesia ficou com os limites que mantém actualmente e desde os anos 60-70 que a terciarização avança imparavelmente. Nos últimos anos, assiste-se à instalação de edifícios que requerem localização de prestígio por parte de bancos, hotéis, companhias multinacionais que estão a modificar radicalmente a face da freguesia.

Texto retirado do livro de Carlos Consiglieri, Filomena Ribeiro, José Manuel Vargas e Marília Abel, *Pelas Freguesias de Lisboa - de Campo de Ourique à Avenida; Santo Condestável; Santa Isabel; São Mamede; Coração de Jesus*, vol 3., Biblioteca da Educação da CML de 1995. (Resumo de Luísa de Paiva Boléo).

PROGRAMA E SÍTIO

Programa³⁴

O programa (Design for aging) consiste em três áreas significativas: espaços intergeracionais; espaços comunitários; e habitações para os idosos. Existe uma grande variedade de espaços, podendo o programa ser escolhido para melhor se adequar ao conceito da proposta.

Como, e onde, estes programas são colocados é essencial para a relação do programa e do sítio.

A parte habitacional do programa está, por sua vez, dividida em três, as independentes; as assistidas; e as de assistência permanente.

As habitações independentes são para idosos que não necessitam de qualquer ajuda no seu dia-a-dia, se passarem a necessitar serão transferidos para as habitações assistidas.

As habitações com assistidas são para quem já não consegue tratar de si. Os habitantes podem mudar de habitação conforme o seu estado.

As habitações com assistência permanente são para idosos que precisam de assistência continua.



34 | A parte 2 do trabalho foi desenvolvida em conjunto com a colega Inês Morgado.

Programa proposto pelo concurso

Programa intergeracional

Pré-escolar
Creche

Programa comunitário

Centro de dia
Centro de *Fitness*
Espaço universitário
Restaurante
Pequeno comércio
Clínica
Espaços comuns

Habitação independente

30 Unidades

Habitação assistida

40 Unidades
Espaços comuns

Habitação assistência permanente

4 Bairros cada um com 10 habitações

Cada bairro:

Espaço comum
Cozinha
Sala de jantar
Biblioteca
Salas do *staff*
Salas de apoio
Arrumos
Foyer

Cada habitação:

W.C
Arrumos
Kitchenette

Espaços comuns do programa

Espaço para visitas
Loja de beleza

Espaços do *staff*

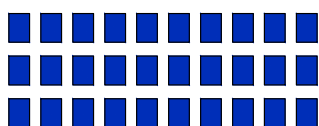
Escritórios
Sala de estar
Arrumos

Organigrama do programa geral

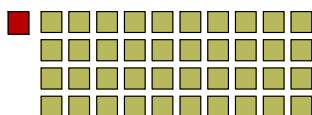
 PROGRAMA INTERGERACIONAL - 464m²

 PROGRAMA COMUNITÁRIO - 1393m²

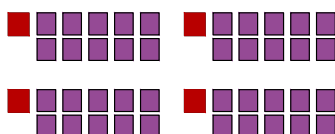
HABITAÇÃO
INDEPENDENTE - 4180m²



HABITAÇÃO
ASSISTIDA - 4180m²



HABITAÇÃO COM
ASSISTÊNCIA
PERMANENTE - 4254 m²



Organigrama de espaços propostos

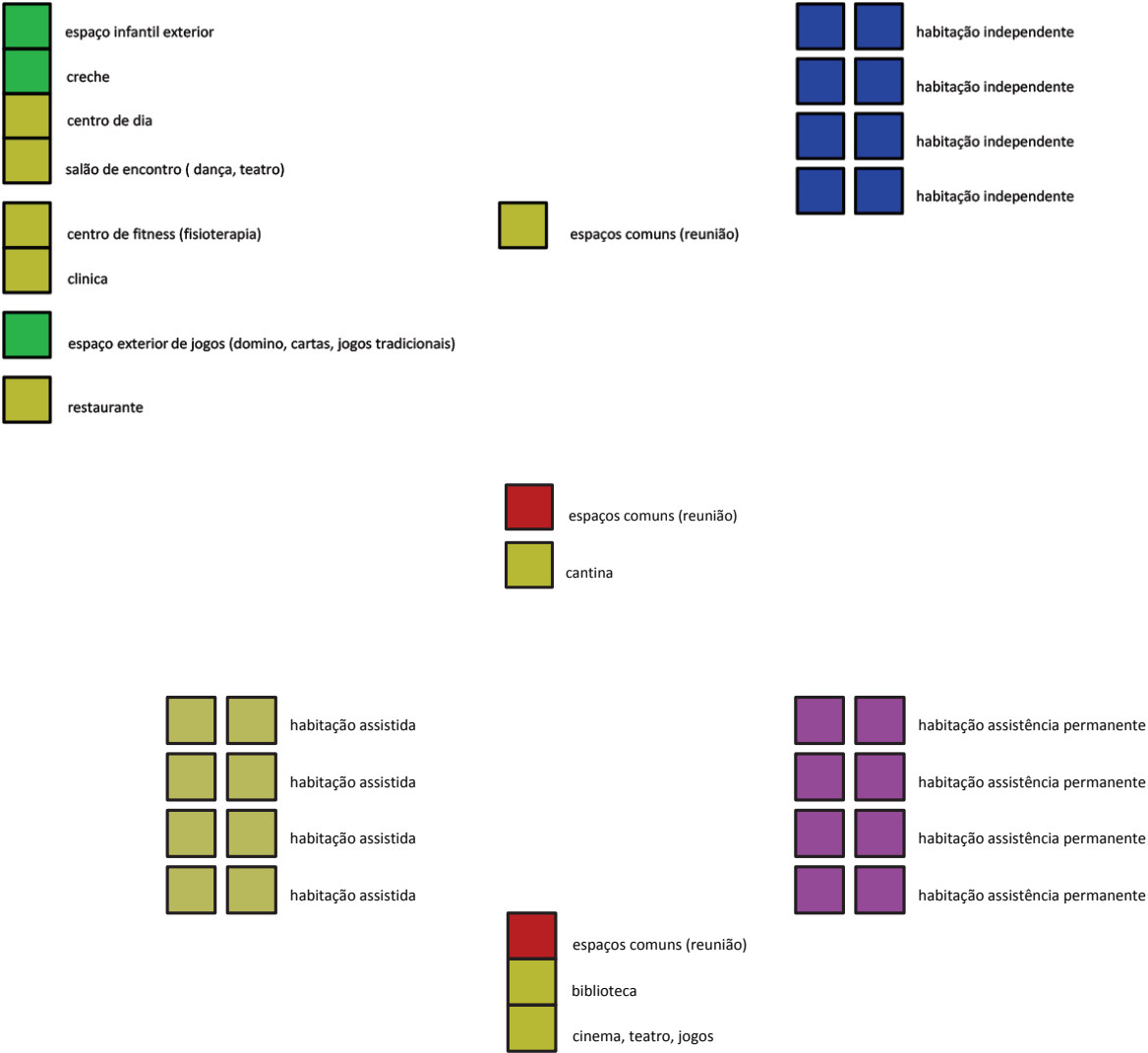


Fig.71 - Ortofotomapa de Lisboa com local de intervenção.





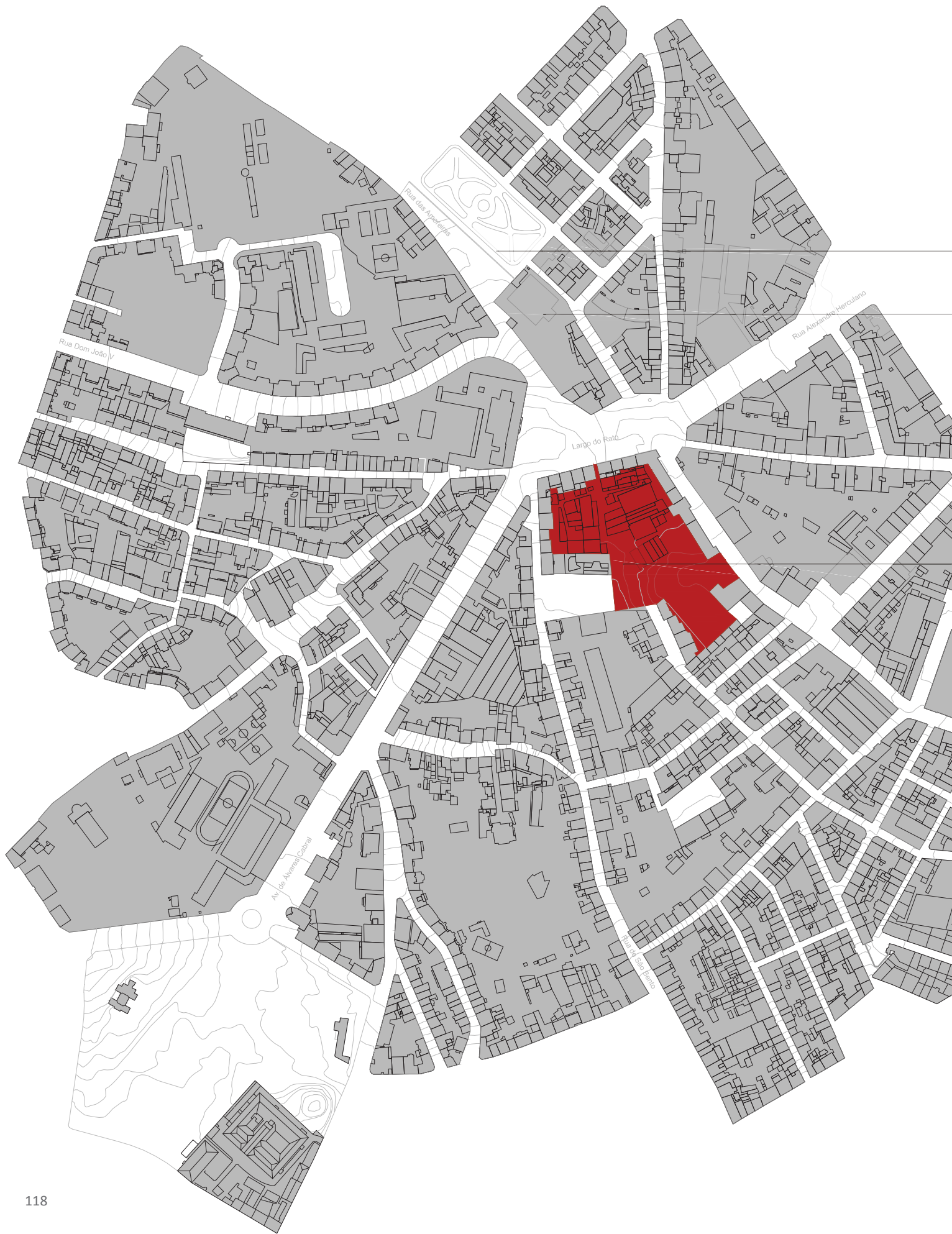




Fig.72 - Planta do local de intervenção no seu estado actual_O interior de quarteirão proposto é um local muito descaracterizado. Actualmente composto por alguns edifícios fabris abandonados e oficinas ainda em funcionamento. O restante interior do quarteirão encontra-se livre, a aguardar intervenção, mas entretanto funciona como um estacionamento (uma questão a ter em conta devido à falta de estacionamento público na área). A primeira intenção ao intervir no local passa por uma “limpeza” do espaço, libertando-o e permitindo a permeabilidade do solo, uma vez que estes espaços permeáveis são fulcrais numa cidade para que o solo possa “respirar”.

Escala_1:4000







Fig.73 - Planta de espaço público_A zona caracteriza-se por não apresentar grandes espaços públicos de reunião, mas sim espaços verdes que permitem a permeabilidade do solo e proporcionam outros tipos de vivência que não os da rua, praça ou largo (mais áridos). A respectiva planta permite verificar as ligações e distâncias entre o quarteirão de intervenção e o espaço público em questão.

Escala_1:4000





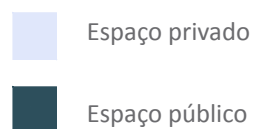
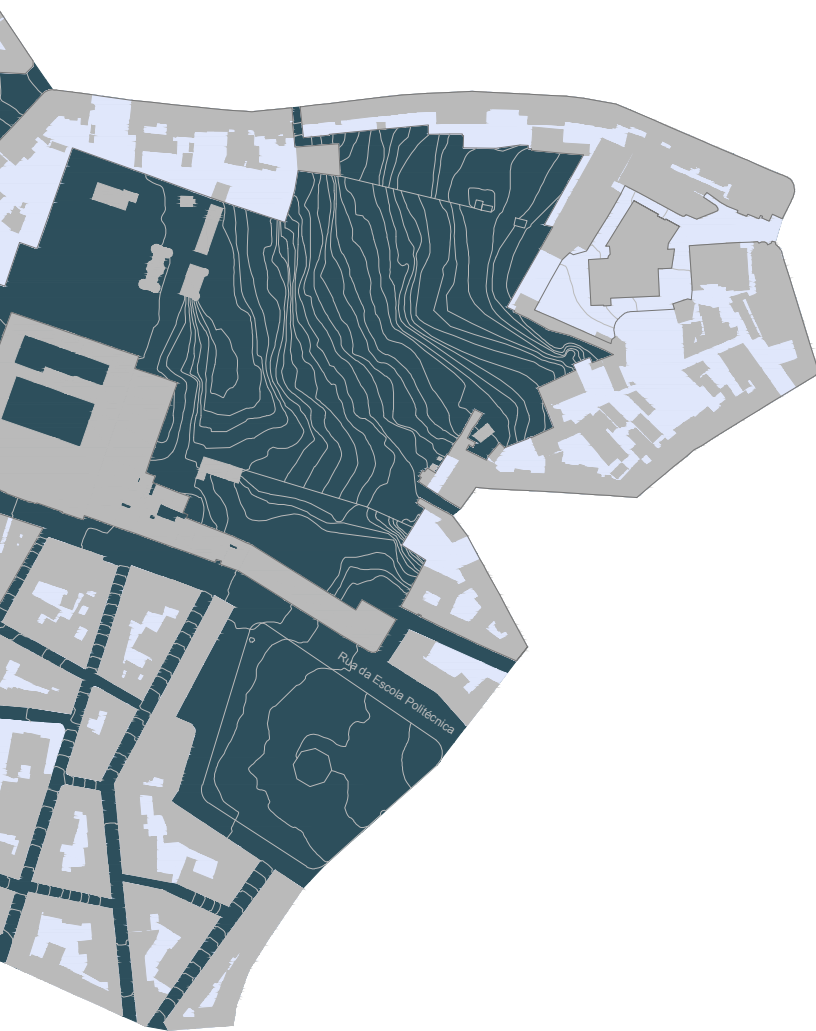
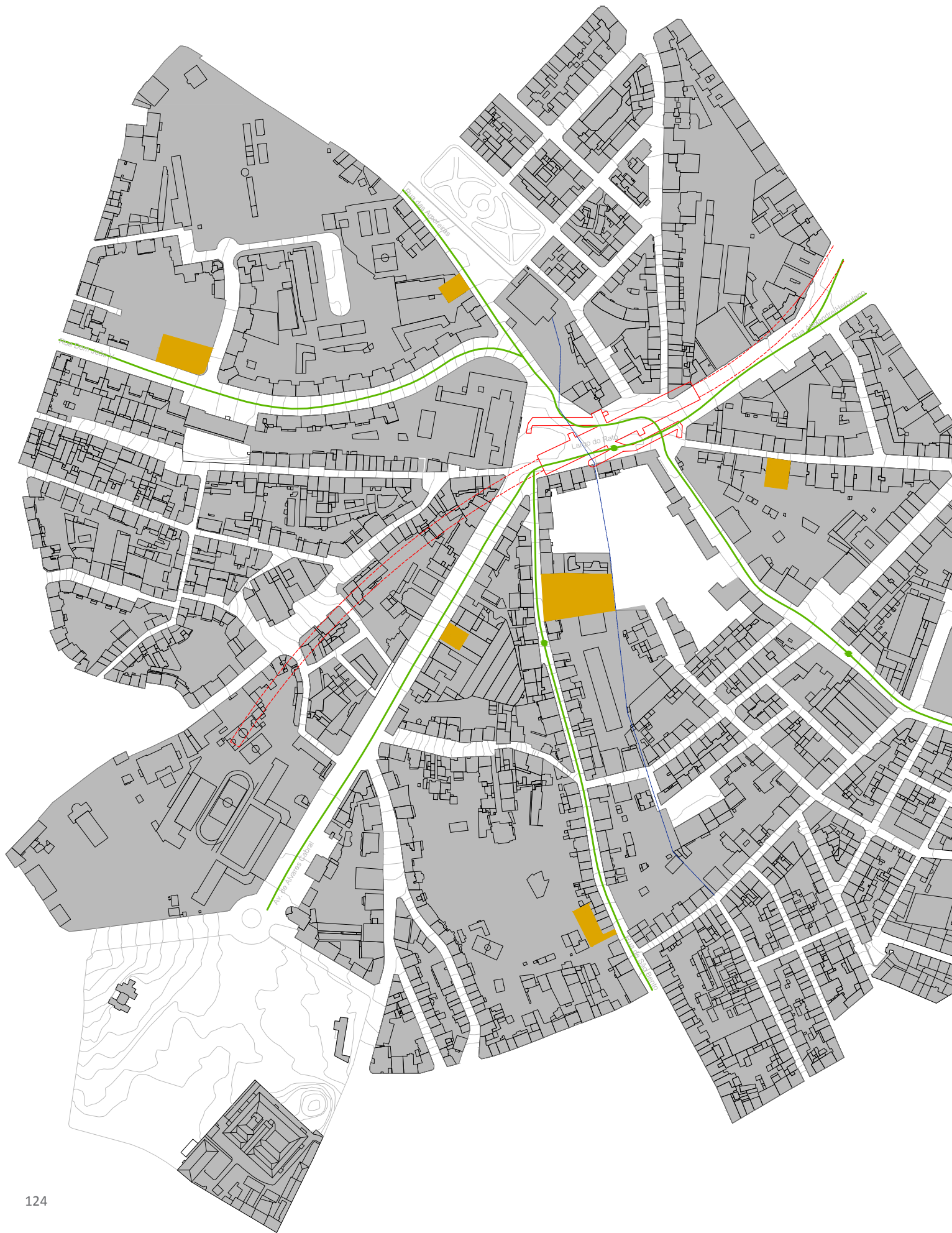


Fig.74 - Planta de espaço público e privado _ É possível perceber na planta que as principais zonas privadas estão localizadas nos interiores dos quarteirões. Enquanto que por sua vez os espaços públicos estão concentrados essencialmente nas ruas e nos espaços verdes, que nesta zona são os espaços de reunião. São também perceptíveis os possíveis atravessamentos que se pode criar através de quarteirões (privados) ligando espaços públicos, como em específico o quarteirão de intervenção.

Escala_1:4000





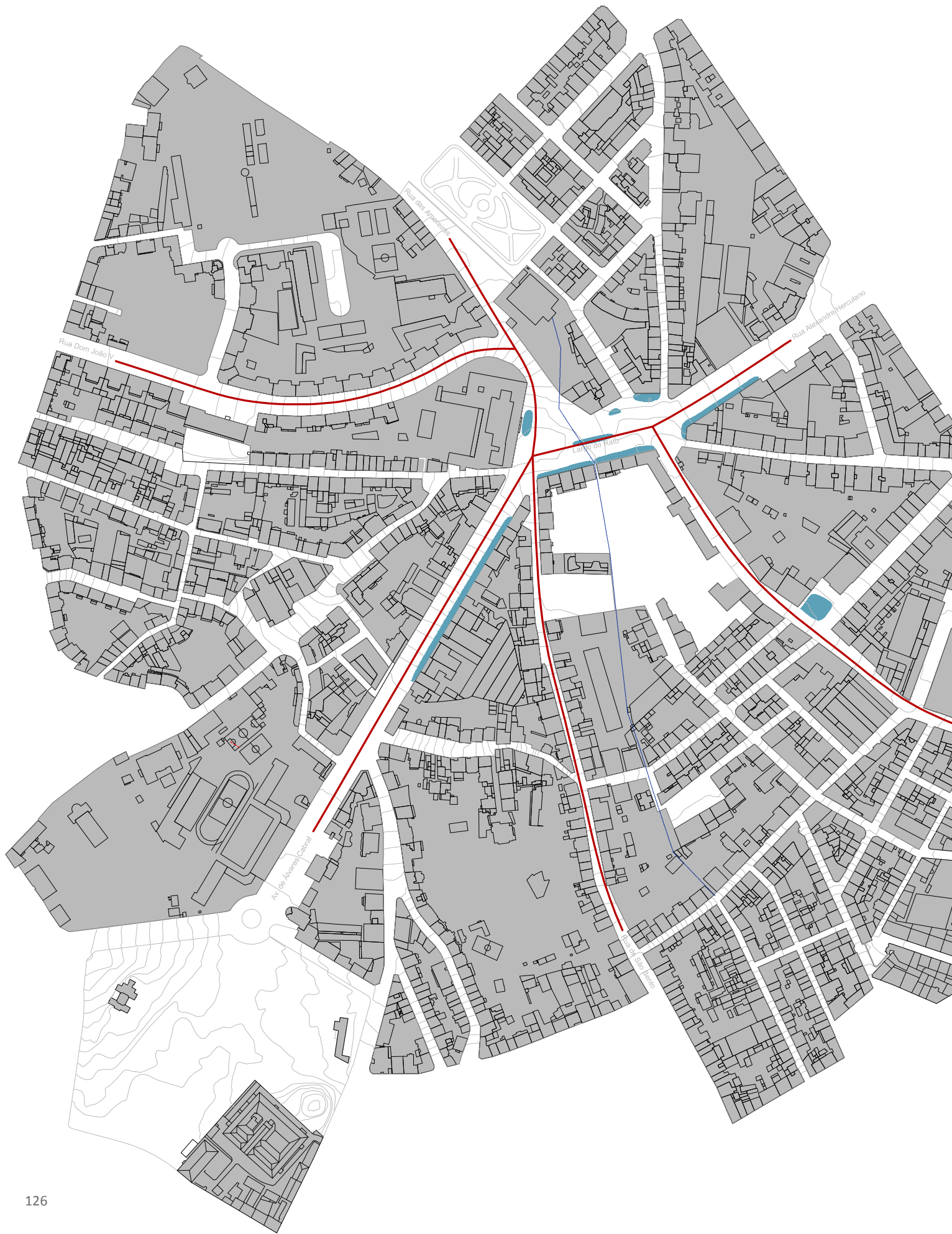


- Parques de estacionamento
- Paragem de autocarros
- Percurso de autocarros
- Metropolitano

Fig.75 - Rede de Acessos (transporte) _No desenvolvimento do trabalho torna-se relevante perceber as ligações com a cidade nomeadamente os transportes e as acessibilidades que o local permite, isto porque uma das premissas passa por relacionar o interior do quarteirão com a cidade, tornando-o ao máximo num espaço permeável. Uma vez que a proposta se destina a residentes idosos, que já não se conseguem movimentar com facilidade, a possibilidade de ligação com os transportes da cidade é de muita importância. Por exemplo, uma possível ligação com a linha do metropolitano no interior do quarteirão poderia proporcionar maior facilidade de acessos.

Escala_1:4000





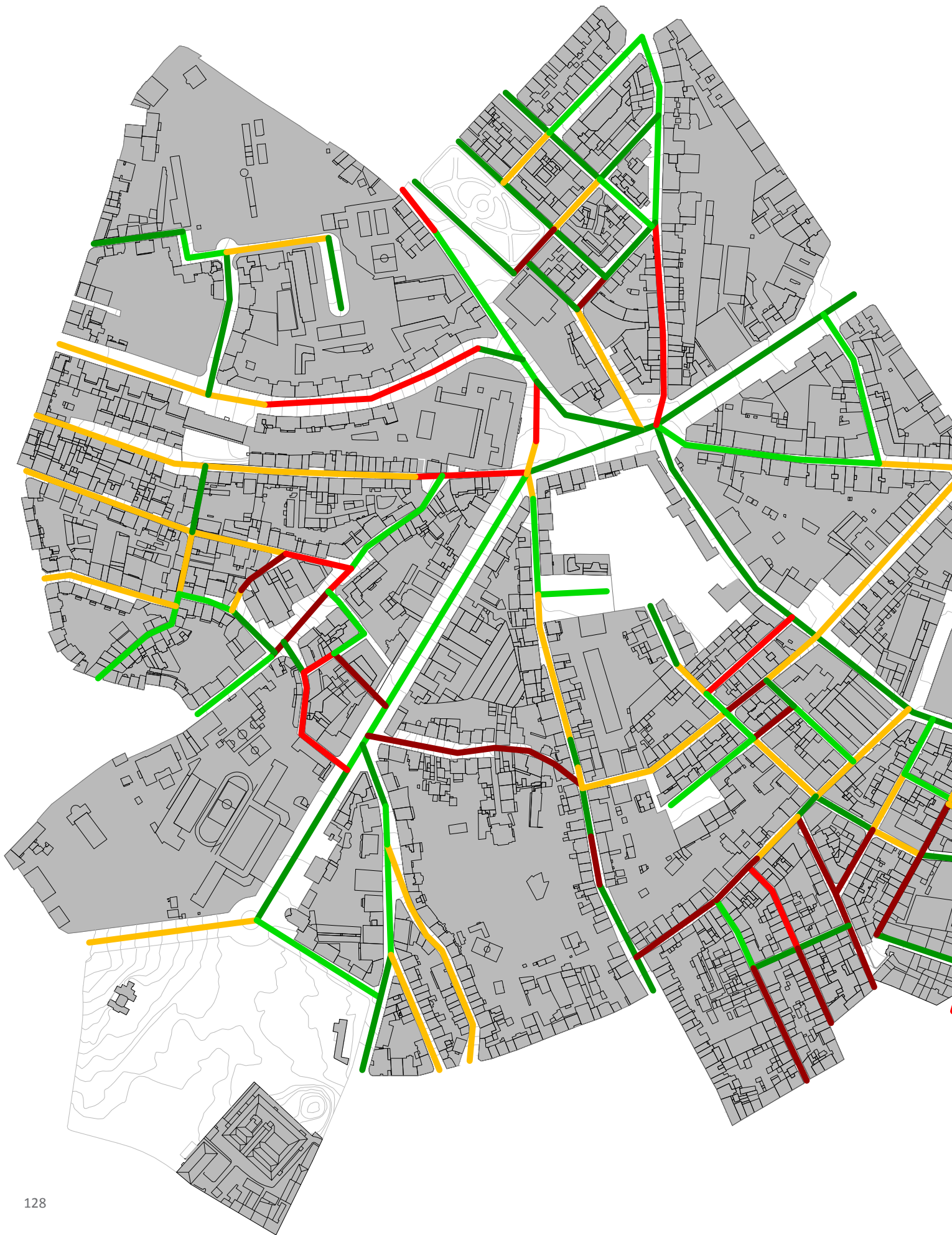


- Principais ruas de circulação pedonal
- Principais pontos de paragem de pessoas

Fig.76 - Planta de movimento pedonal_A seguinte planta mostra quais as ruas com maior movimento pedonal e de que forma se podem unir através de novas propostas. As manchas azuis indicam os pontos onde existe maior tempo de estadia das pessoas, a maior parte desses pontos de estadia sobrepõem-se com as paragens de transportes públicos. Estas zonas também são importantes para perceber os possíveis espaços onde se pode posicionar o programa mais público, aproveitando então a concentração de pessoas.

Escala_1:4000





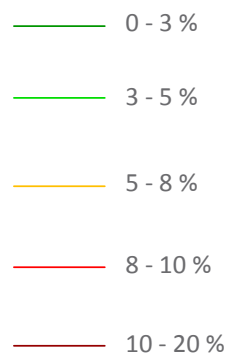
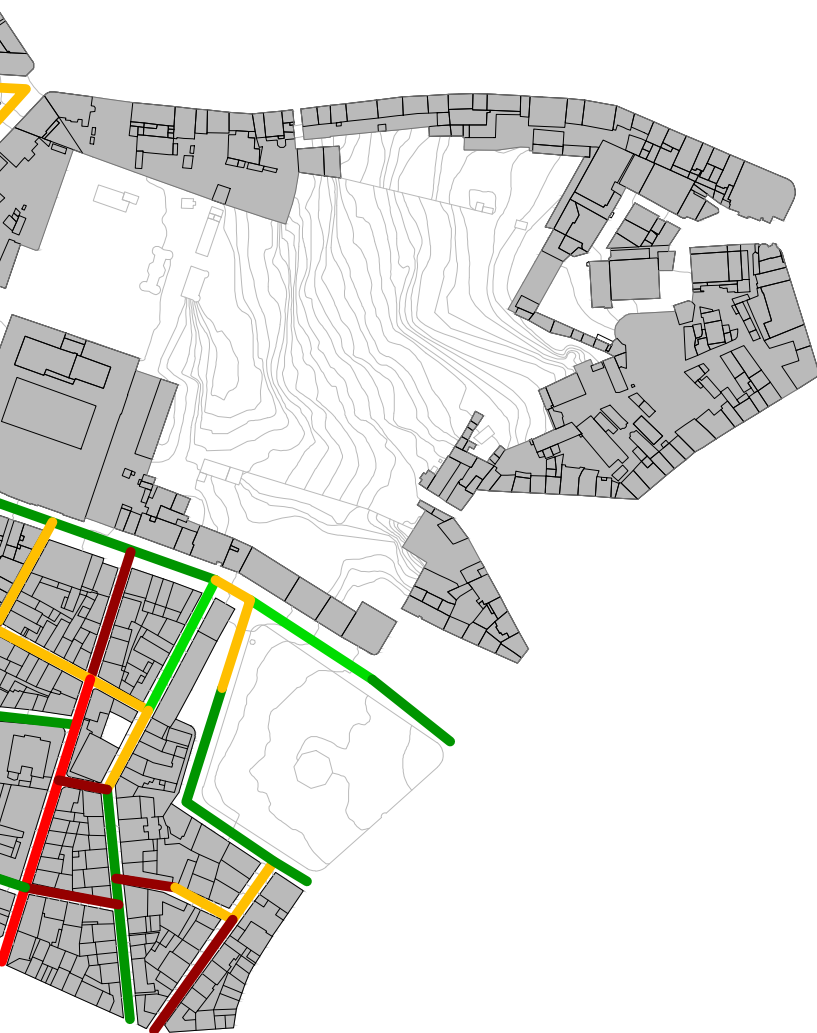
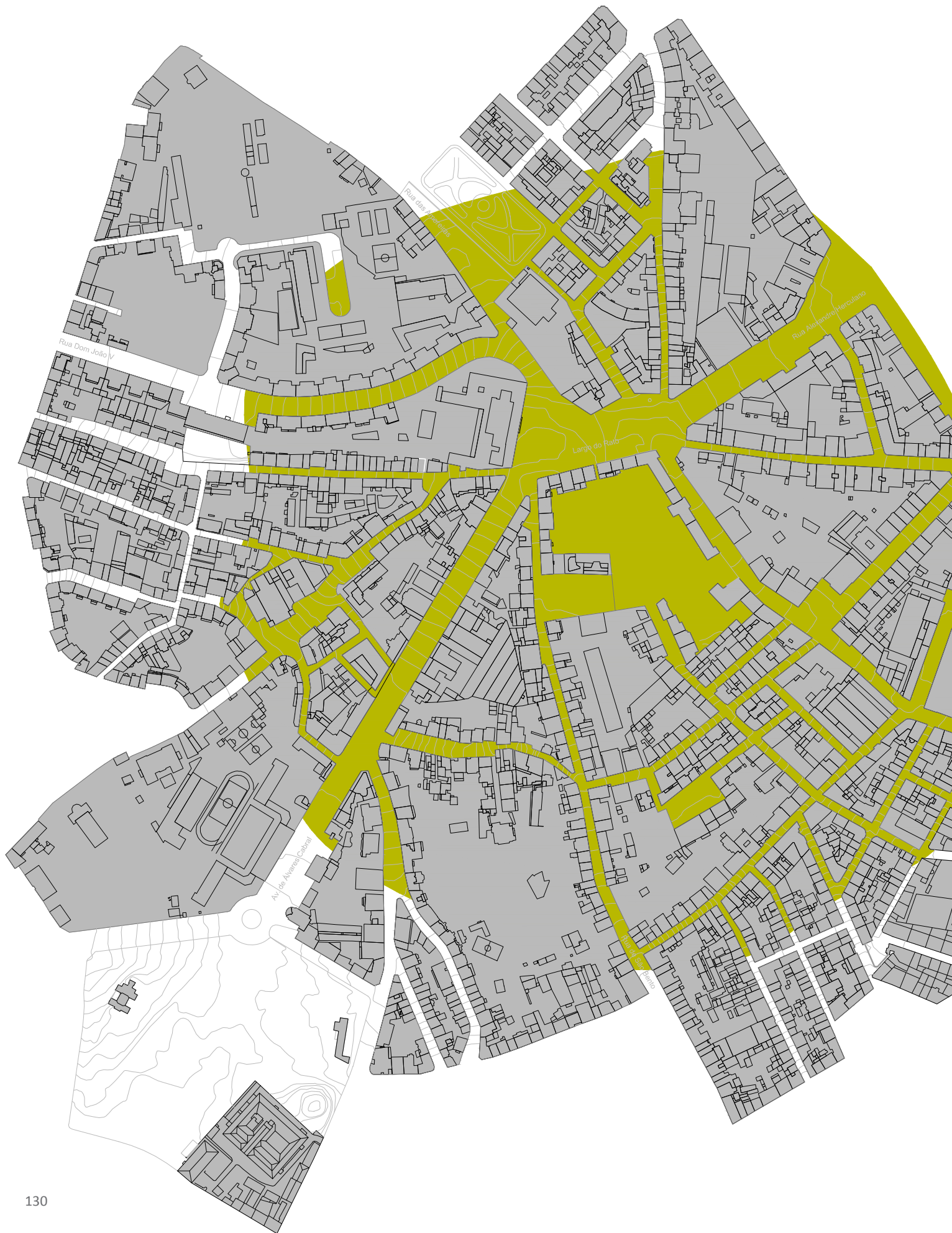


Fig.77 - Planta de declives Através dos declives das ruas é possível perceber as limitações que estas nos colocam. Uma vez que o projecto é mais direccionado para idosos, e se propõem que estes não se encerrem no quarteirão mas sim interajam com a cidade, e a cidade com estes, a dificuldade imposta pela inclinação das ruas é um dos aspectos importantes a ter em conta para as suas movimentações. Assim são importantes os pontos de acesso aos transportes para aumentar a interacção dos habitantes.

Escala_1:4000







5 minutos aproximadamente

Fig.78 - Planta de distâncias_A planta permite perceber as relações de distância com o centro do quarteirão. Esta planta torna-se importante para analisar dois aspectos principais: o primeiro perceber quais os programas (em distância/tempo) já existentes na cidade que possam ser utilizados pela proposta; o segundo, se a proposta intervir fora do quarteirão de que forma a distância poderá limitar a intervenção.

Escala_1:4000





Fig.79 - Planta de usos_A existência deste programa é essencial não só para cidade mas também para a intervenção no interior do quarteirão. Os novos residentes poderão usufruir desse programa tal como os residentes da área envolvente poderão usufruir do programa novo que possa surgir. Existe uma utilização mútua de espaços tornando o interior do quarteirão como uma nova parte utilizável da cidade. É também possível propor programa no quarteirão que não existe nas proximidades, para desta forma atrair pessoas.

Escala_1:4000







Fig.80 - Planta de usos (piso 0 quarteirão) _Uma vez que toda a cota de rua é ocupada por comércio ou restauração existe a possibilidade de esses espaços virarem-se igualmente para o interior do quarteirão como fazem para a rua. A existência de “duas fachadas principais” faria com que existisse maior relação entre o exterior e o interior, tanto visual como física. Poderiam ser criadas esplanadas relacionadas com os restaurantes existentes, feiras ou workshops de rua ocupadas pelas lojas.

Escala_1:1000





- 1- Real Fábrica das Sedas
- 2- Edifício Modernista

- condicionantes



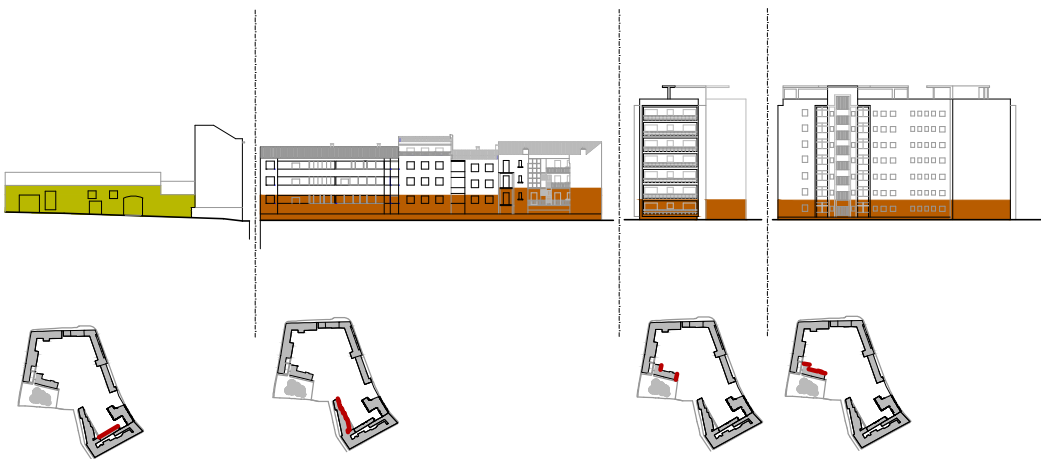
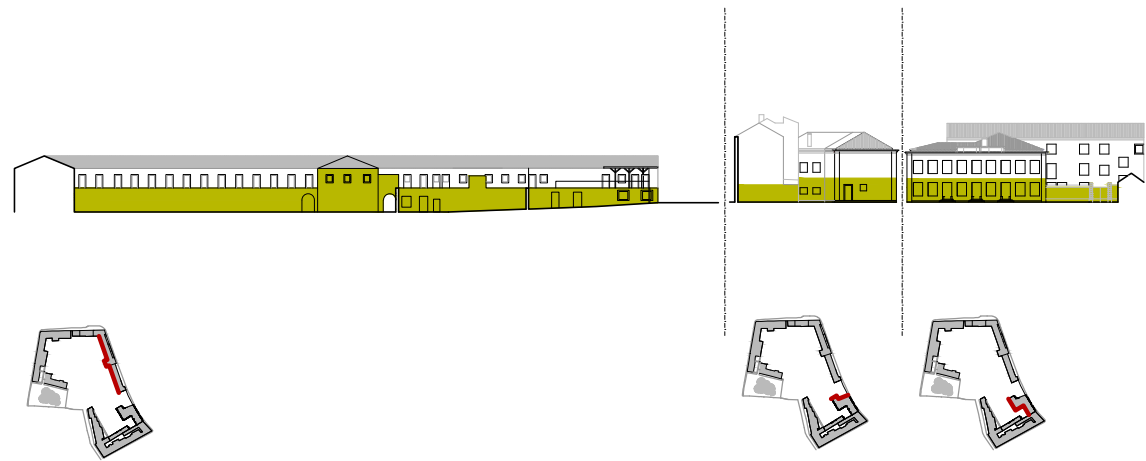
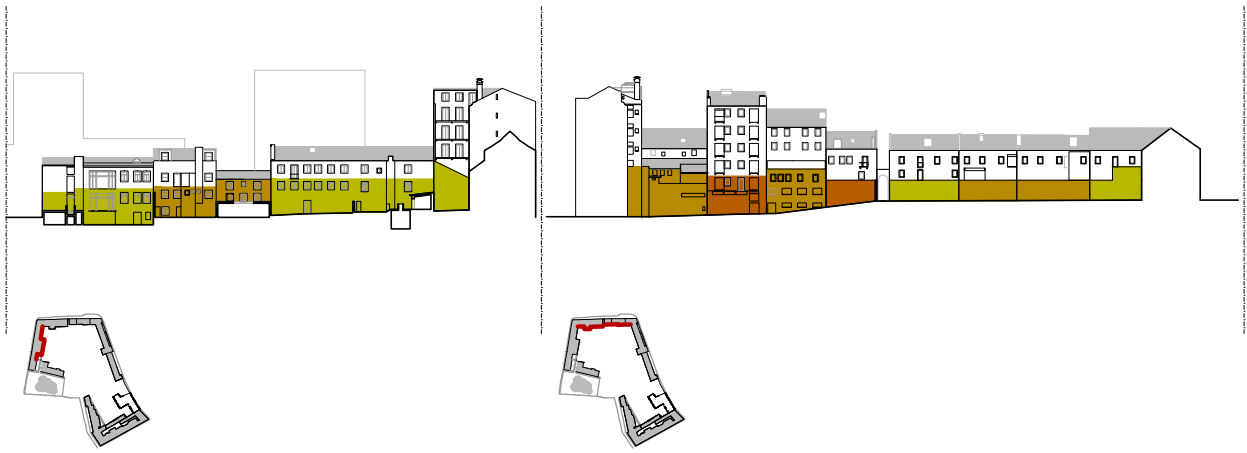
+ condicionantes

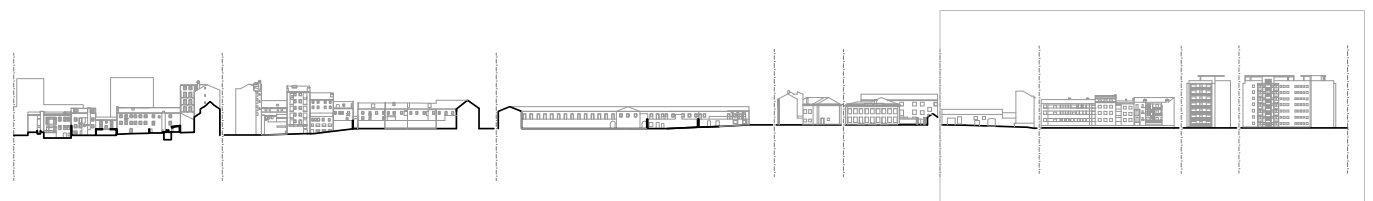
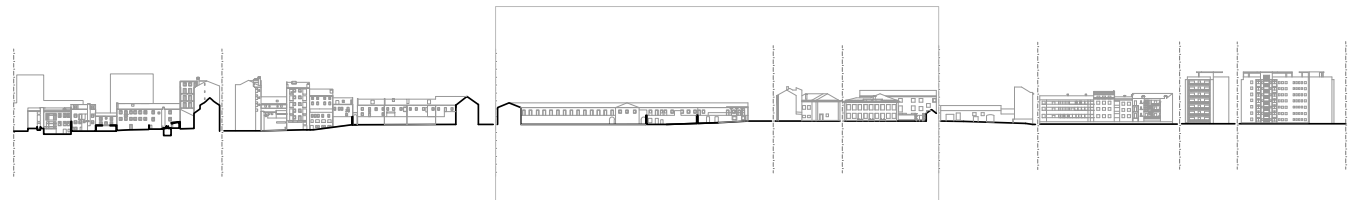
Fig.81 - Planta de condicionantes da área a intervir_

Uma vez limpo o interior do quarteirão, são descobertas as traseiras dos edifícios que o delimitam. Esses edifícios foram construídos em diferentes épocas e para diferentes propósitos, o que fez com que alguns desses tenham as fachadas interiores que sofreram durante os anos algum descuido por serem interiores do quarteirão. Esse descuido é agora revelado o que faz com que nesta planta se perceba onde é mais necessário encostar e por consequente esconder ou então afastar. A planta possibilita ler com diferentes cores, quais dessas fachadas permitem uma intervenção mais próxima e no espaço directamente relacionado com estas. Por exemplo o edifício da antiga Real Fábrica das Sedas tem uma qualidade que o permite funcionar quase como uma fachada principal.

Escala_1:1000







+ condicionantes



- condicionantes

Fig.82 - Projecção da planta anterior nos alçados estudados.

Escala_1:1000

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO DO SÍTIO

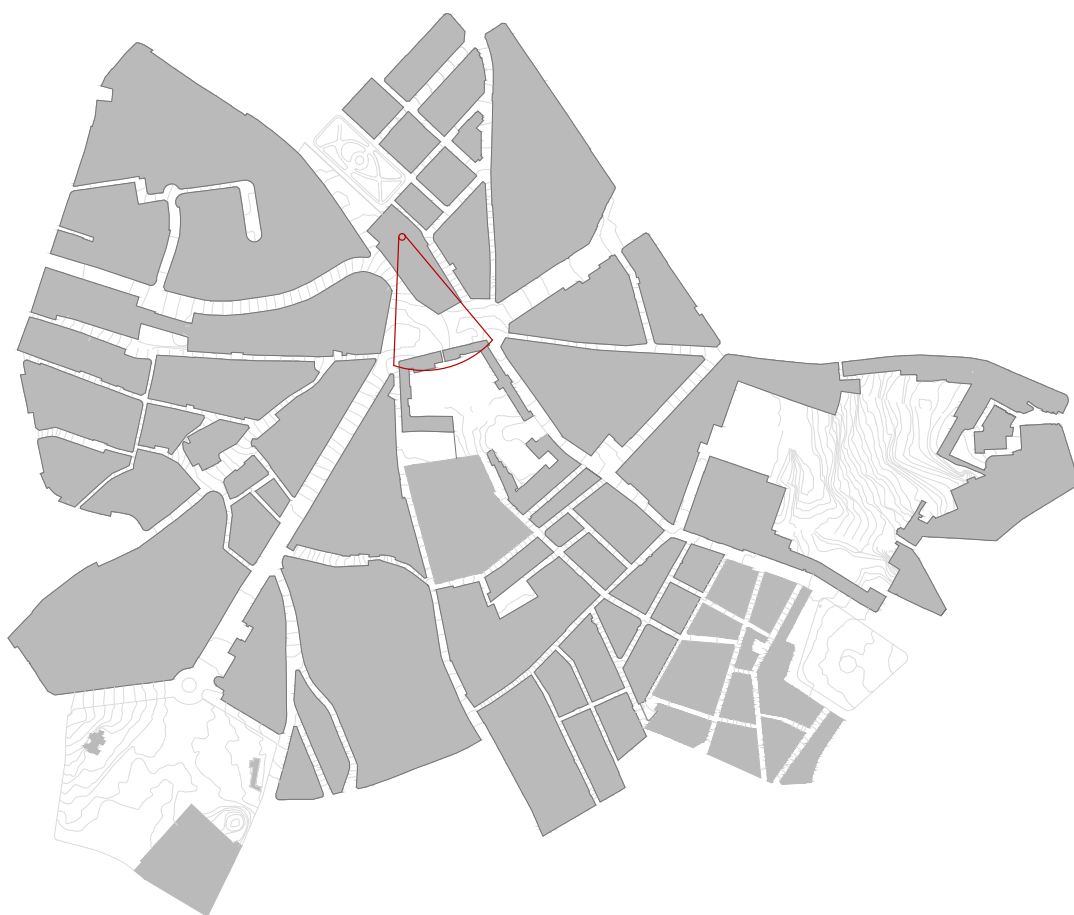




Fig.83 - Foto vista da Mãe D'Água

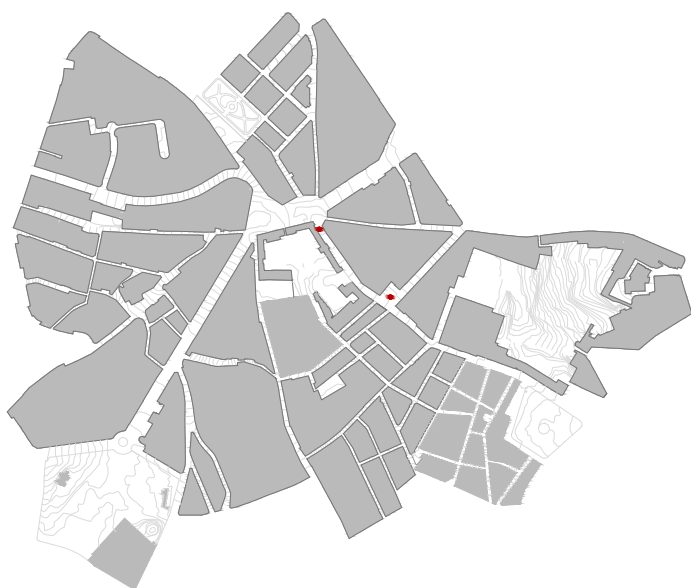


Fig.84 - Rua da Escola Politécnica



Fig.85 - Largo de São Mamede

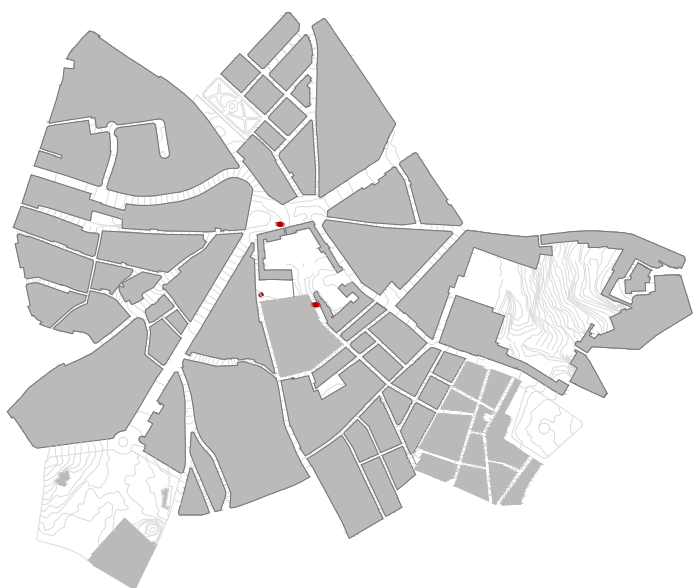


Fig.86 - Rua Tenente Raúl Cascais



Fig.87 - Largo do Rato

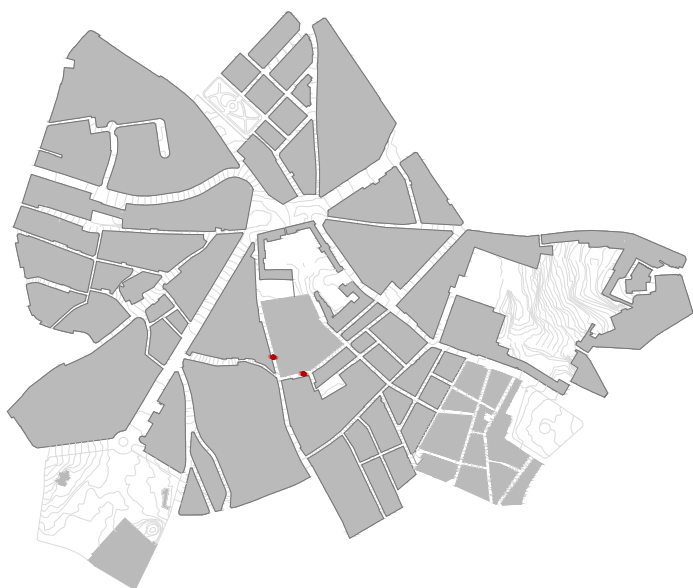


Fig.88 - Rua do Arco de São Mamede



Fig.89 - Rua de São Bento

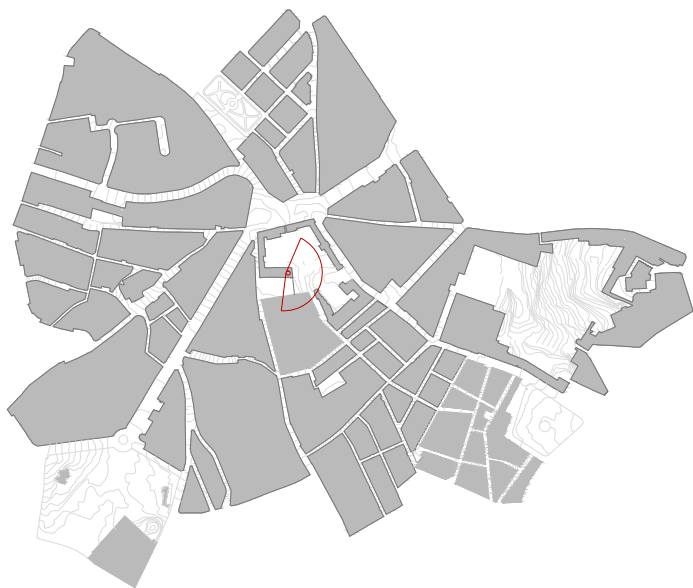




Fig.90 - Panorâmica do interior do quarteirão.

Introdução | Parte 3

A principal intenção desta parte do trabalho é considerar um tema teórico e uma investigação associada, para poder pensar como se poderia abrir hipóteses de leitura e experimentar um programa e um sítio específico.

A primeira acção é a “limpeza” de todo o interior do quarteirão, actualmente composto por antigos armazéns; espaços devolutos e abandonados; e por uma oficina.

Durante o estudo do tema e do sítio notou-se que uma vez que se trata de um interior de quarteirão existe naturalmente uma clara “barreira” entre o interior e o exterior. Essa relação entre ambos os mundos foi uma premissa que se pretendia cruzar e fortalecer, tanto a nível programático, visual e de percursos.

Pretende-se então criar relações entre o programa proposto e o existente no sítio, tal como ligações aos meios de transportes existentes, como o metropolitano e autocarros. Todas estas ligações têm como resultado transformar este interior de quarteirão num espaço público, uma zona que faça parte da cidade, e assim transformar o sítio, a cidade e as pessoas.

Com estas propostas pretende-se criar uma série de cenários, que através de desenhos, esquemas e fotomontagens proponham novas reflexões sobre o sítio a partir do programa.



Fig.91 - *Rucksack House*, Lípisia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

Cenário 1

Em todas as propostas produzidas é utilizada uma parte do projecto igual, todo o programa mais público é desenhado por forma a utilizar o conceito resolvendo o programa.

Assim o projecto divide-se em duas partes, uma que resolve o programa comunitário e outra o habitacional. Após a limpeza do quarteirão este é deixado à mostra e descaracterizado. Em algumas zonas do mesmo, o que se propõe é “partir” o programa comunitário e colocá-lo em posições que clarifiquem e rematem espaços. O programa é então dividido (fragmentado) em diferentes volumes: um restaurante; um café; uma livraria; um espaço de *fitness* e clínica; uma creche; um refeitório comunitário; e um quiosque.

Junto à entrada do Largo do Rato é colocado um volume que desenha uma entrada prolongando o acesso através dos edifícios existentes. Nesse volume propõem-se a livraria, relacionada mais com o Largo, um espaço de paragem onde se aguarda pelos transportes. Essa livraria poderá também relacionar-se com a papelaria existente no próprio largo relembrando também a memória do armazém de papel existente no interior de quarteirão.

Outro acesso ao interior é proposto através da Rua da Escola Politécnica. Através de um volume aí colocado é desenhado um pequeno Largo que faz a passagem para o interior do quarteirão. Esse volume é um restaurante que permite utilizar tanto o pequeno largo, como a praça principal criada no interior do quarteirão, como ainda um pequeno jardim proposto no sítio. É igualmente neste sítio que se faz o acesso ao

estacionamento subterrâneo, a própria rampa de acesso cria um remate da antiga fábrica das sedas. O estacionamento funciona como um espaço de ligação, neste é possível entrar na Rua Politécnica e sair no Largo Hintze Ribeiro, como é possível igualmente aceder ao metropolitano.

No largo Hintze Ribeiro é proposto um edifício que marca o acesso ao interior do sítio, um quiosque com um espaço de café, assim como uma esplanada sob as belas árvores existentes no sítio. No topo do Largo existe o acesso pedonal ao interior do quarteirão, tanto por uma rampa, como pelos elevadores e pelas escadas do estacionamento, é aqui também a saída dos carros do estacionamento. O projecto pretende igualmente que os espaços comerciais existentes no largo possam ser utilizados por forma a redinamizá-lo.

Nas traseiras da Rua de São Bento, junto ao edifício em “L”, é proposto um volume que remate este mesmo edifício e que propõe um programa que se relacione com o existente no sítio. Surge então uma creche que irá complementar a existente no local. Neste local é também apresentado um acesso ao interior do quarteirão através de escadas.

Junto à antiga fábrica das sedas é proposto um espaço de *fitness* e de saúde, tal como na proposta anterior. Trata-se de um complemento existente uma vez que já existe no local uma clínica. Junto a este novo edifício é também criado um espaço exterior de exercício, um espaço mais aberto que permitira as pessoas ter um espaço onde possam fazer exercício ao ar livre com os equipamentos necessários.

No centro do quarteirão propõe-se um edifício que funciona como espaço de relação entre os idosos que irão viver no local e com os “vizinhos” da cidade. São aqui colocados dois espaços essenciais no programa, um espaço de refeições e um espaço de estar e de convívio.

A ideia é fazer com que seja desenhado um módulo que contenha várias habitações e um espaço de estar e de comer. Esses módulos iriam ocupar (parasitar) qualquer espaço livre nos edifícios existentes que definem o quarteirão, podendo até estar por vezes no próprio interior de quarteirão.

Os módulos serão colocados por forma a relacionar-se entre eles, e com os edifícios que vão “parasitar”. Estes irão criar vazios entre eles que também podem ser utilizados como se tratasse de um “módulo em negativo.”

Assim o programa habitacional poderá ser resolvido de duas formas. Ou irá “parasitar” completamente os edifícios que irá tocar. Então estes servem como corpo condutor para os módulos, destes se tira tudo, desde luz, água até o acesso. Quando isto não for possível será criada uma estrutura que se ligará aos módulos e que lhes fornecesse o que necessitam tal como o próprio acesso.

Esta ocupação de espaço torna ainda mais próxima e importante a relação de vizinhança e de partilha.

Fig.92 - Ortofotomapa Cenário 1







Fig.93 - Fotomontagem



Fig.94 - Fotomontagem



- 1- Restaurante
- 2- Livraria
- 3- Espaço de Reabilitação / Fitness
- 4- Creche
- 5- Cantina comunitária
- 6- Quiosque




-  Habitação
-  Programa comunitário
-  Acessos verticais

Fig.95 - **Planta cota 67.00**, Planta à cota da Rua da Escola Politécnica, a verde o programa comunitários a verde-escuro os acessos verticais e a vermelho os módulos de habitação que ocupam tanto os jardins (junto ao solo) como os que ocupam (parasitam) os edifícios envolventes. Está também definida as três zonas principais públicas, os dois jardins, o espaço de exercício e a praça à uma cota superior.

Escala_1:1000





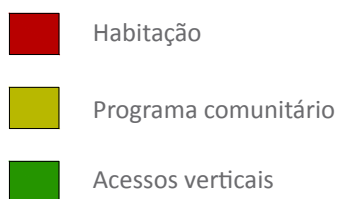


Fig.96 - **Planta cota 63.00**, Planta à cota do Largo do Rato, os volumes a verde contêm o programa comunitário e a vermelho os edifícios propostos para habitação.

Escala_1:1000








-  Habitação
-  Programa comunitário
-  Acessos verticais

Fig.97 - **Planta cota 60.00**, Planta do segundo nível de estacionamento.

Escala_1:1000





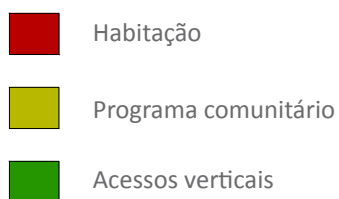
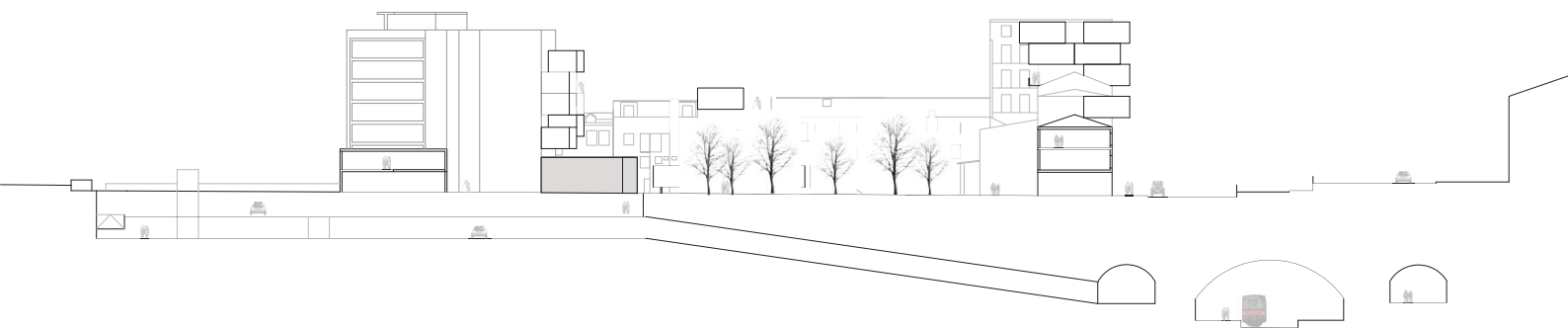


Fig.98 - **Planta cota 57.00**, Planta ao nível do Largo Hintze Ribeiro onde se percebe o volume que marca a entrada junto a Rua de São Bento, como também a ligação ao estacionamento e por sua vez ao metro e às cotas superiores.

Escala_1:1000





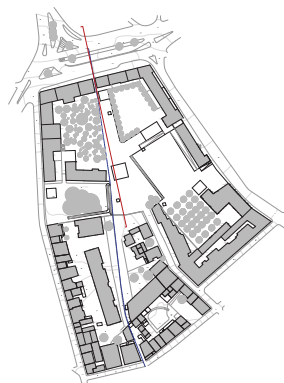


Fig.99 - **Corte**, que atravessa o quarteirão desde o Largo do Rato pelo interior de mesmo, mostrando todo os volumes e espaços públicos como as habitações que se colam aos edifícios. É também possível perceber a ligação ao metropolitano.

Cenário 2

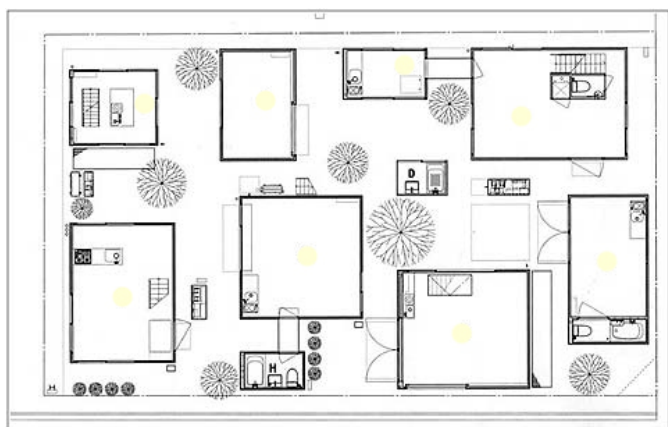


Fig.100 - Piso 0 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

Cenário 2

A segunda proposta parte das mesmas premissas da proposta anterior, portanto a parte de programa comunitário é igual, não colocando em causa uma nova abordagem para o programa habitacional. Neste segundo cenário a forma como as habitações iriam ocupar a cidade seriam de uma forma mais dissimulada mas continuando com o tema fragmentação.

Mais uma vez esta parte do programa será também “explodida”. A habitação irá ocupar zonas estratégicas que permitam relacionar-se mais com a restante cidade.

A ideia é utilizar edifícios em torno do quarteirão, que estejam sem utilização e, num caso ou noutro, em especial utilizar edifícios que tenham alguma ocupação mas que sejam importantes para a ideia.

Assim propõe-se utilizar um edifício em frente ao Largo Hintze Ribeiro que se encontra desocupado e que permite fazer uma subida de cota e aceder a rua superior (Av. Alexandre Herculano). Nesta avenida é proposto um novo edifício que fará uma nova frente à rua e que permite marcar o acesso entre quarteirões. (Desenho pág. 186)

Um outro edifício proposto é na frente do quarteirão no Largo do Rato, esse permite criar uma frente ao Largo e de novo marcar a entrada ao projecto.

Propõem-se também um acesso a rua (Maestro Pedro Freitas Branco) através de um edifício a partir do quarteirão.

Por último é ocupado e proposto um edifício junto ao arco na rua do Arco. Esses edifícios criam um percurso no projecto seguindo a linha do aqueduto.

Esta proposta de ocupar edifícios para fora do próprio quarteirão permite duas atitudes: a primeira, libertar o quarteirão criando mais e melhor espaço público e espaços verdes; a segunda, recuperar e dinamizar a cidade em torno deste espaço.

No interior do quarteirão são ainda criadas várias zonas: dois jardins, um mais pequeno a cota da rua da Escola Politécnica, junto ao antigo palácio das Alagoas; e um outro junto ao Largo do Rato, este último de maior escala criando um espaço que contrasta com a construção e movimento do próprio Largo do Rato.

Nas traseiras da antiga fábrica das sedas são criados dois espaços, uma zona de *fitness* ligada à clínica e ao exercício, e uma praça de maior escala que se encontra a uma cota superior e que “olha” sobre o conjunto. Esta praça é um espaço mais livre que permite várias ocupações tal como espectáculos ao ar livre ou mesmo mercados.

Todo o projecto se desenvolve a partir de duas premissas. O tema teórico, “programa fragmentado” e a interligação com a cidade. Esta última, é criada na proposta através destes pequenos volumes que são estrategicamente colocados. As ligações são diversas, ao Largo do Rato, ao largo Hintze Ribeiro, à rua da Escola Politécnica, à Rua de São Bento, por forma a relacionar o quarteirão com a cidade. É também criada uma ligação à Avenida Pedro Álvares Cabral através da proposta habitacional.

Outra ligação importante é com os serviços existentes na zona, como por exemplo com os autocarros mas também com o metropolitano, onde é proposta uma ligação que permite sair do mesmo directamente para o interior do quarteirão ou até para o estacionamento. É também importante a utilização dos programas existentes, e que juntamente com o proposto criam espaços que serão vividos pelos habitantes do projecto.



Fig.101 - Planta de ligações propostas.

Fig.102 - Ortofotomapa Cenário 2







Fig.103 - Fotomontagem



- 1- Restaurante
- 2- Livraria
- 3- Espaço de Reabilitação / Fitness
- 4- Creche
- 5- Cantina comunitária
- 6- Quiosque




-  Habitação
-  Programa comunitário
-  Acessos verticais

Fig.104 - **Planta cota 67.00**, Planta à cota da Rua da Escola Politécnica, a verde o programa comunitários, a vermelho a habitação e a verde-escuro os acessos verticais. Esta também define as três zonas principais, os dois jardins, o espaço de exercício e a praça à uma cota superior.

Escala_1:1000





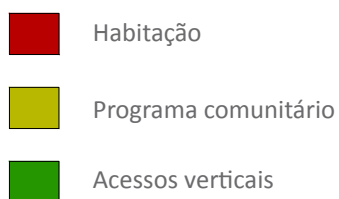


Fig.105 - **Planta cota 63.00**, Planta à cota do Largo do Rato, com o terceiro nível de estacionamento. Os volumes a verde contêm o programa comunitário e a vermelho os edifícios propostos para habitação.

Escala_1:1000








-  Habitação
-  Programa comunitário
-  Acessos verticais

Fig.106 - **Planta cota 60.00**, Planta do segundo nível de estacionamento.

Escala_1:1000








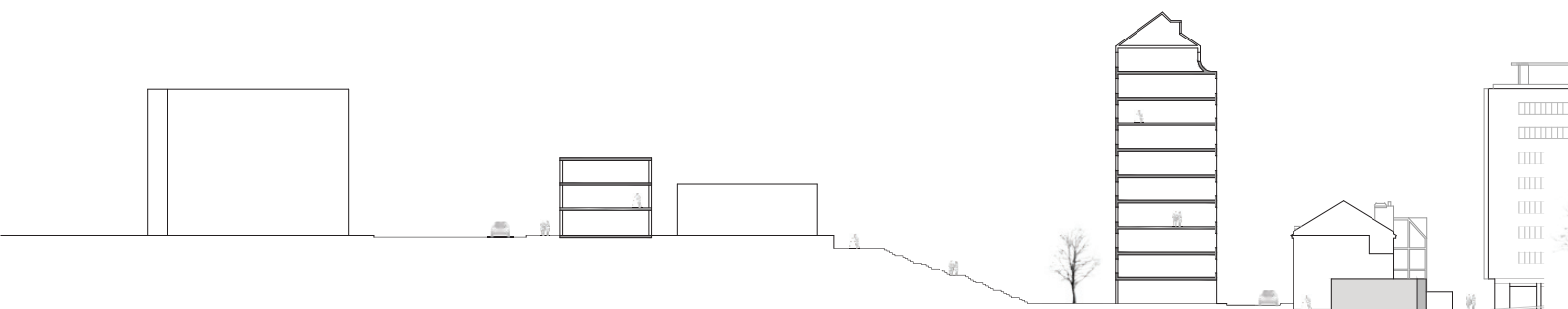
-  Habitação
-  Programa comunitário
-  Acessos verticais

Fig.107 - **Planta cota 57.00**, Planta ao nível do Largo Hintze Ribeiro onde se percebe o volume que marca a entrada junto a rua de São Bento, como também a ligação ao estacionamento e por sua vez ao metro e às cotas superiores.

Escala_1:1000





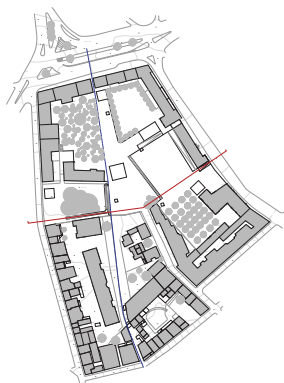
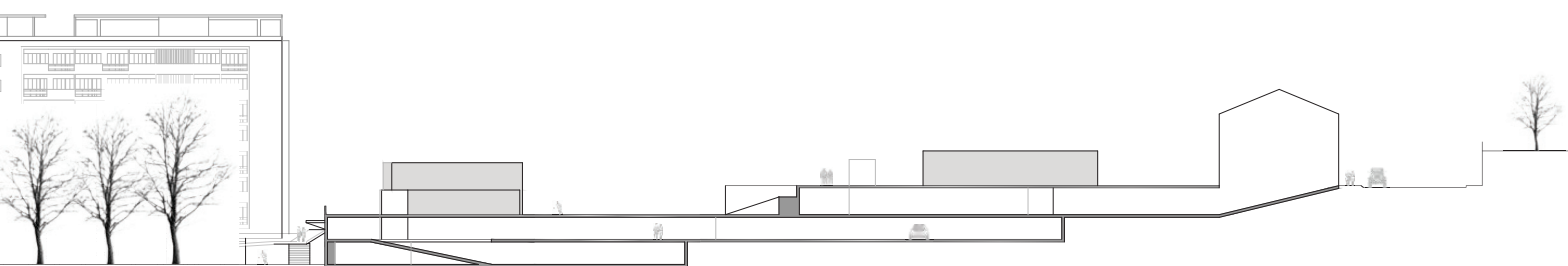


Fig.108 - **Corte**, que atravessa o interior do quarteirão ate à avenida Alexandre Herculano onde se mostra a ligação possível através dos edifícios habitacionais por entre quarteirões.

Considerações Finais

O presente trabalho partiu da hipótese de desenvolver uma resposta para um programa e um sítio, a partir de um conceito teórico previamente estudado, de tal forma que essas hipóteses fossem uma reinterpretação de casos de estudo relacionados com o conceito.

Na teoria, conclui-se que o tema, *Programa Fragmentado* é por um lado uma abordagem conceptual a um programa, e por outro, uma forma de abordar um sítio e as relações com o mesmo. Estas relações são o que tornam este conceito “forte”, pois se este conceito for experimentado à escala da habitação, como o caso da casa *Moriyama*, está relativamente controlado pelo sítio e pelo programa, que se contém a ele próprio, ao abordar o tema à escala urbana, interagindo com a cidade.

Resolveu-se esta fragilidade da “explosão” conceptual pela cidade, através do programa. É este que tenta “ligar” todo o conjunto, através de espaços que permitem que as pessoas se movimentem pelas ruas como se de um corredor ou um espaço interno se tratasse. Assim o programa proposto não serve apenas os habitantes do conjunto, mas também os da própria cidade.

O interior de quarteirão é aberto e torna-se espaço público através do programa, das praças e dos espaços verdes.

Uma vez que foi proposto a “recuperação” desta parte da cidade através da intervenção neste quarteirão e consequentemente fora deste também, foi importante relacionar a cidade

existente com a proposta, (não apenas com o programa existente mas também nas recuperações e ocupações propostas para as habitações).

Desta forma as duas propostas funcionam como algo que pode ser multiplicado, que se assenta no programa comunitário proposto no interior de quarteirão e no existente na cidade, de onde se pode expandir e ocupar áreas da cidade. Através dos edifícios ocupados é possível revitalizar as ligações pela cidade, pois funcionam como passagens que ligam ruas ou espaços.

Ao propor reproduzir a ideia pela cidade seria proposto renovar os quarteirões existentes, que estão muito ao abandono, funcionando como traseiras descaracterizadas. Uma vez que a falta de solo nas cidades é sempre um problema, a utilização dos quarteirões seria uma hipótese de expansão, não tanto para ocupar a sua área total com construção mas sim fazer com que um espaço abandonado se torne numa área comum, que as pessoas tenham vontade de as utilizar, de modo a transformar tanto a cidade como os habitantes.

A ideia não foi partir de uma renovação ou recuperação da cidade, mas sim de como esta “arquitectura fragmentada” (que se sabe que já foi experimentada em edifícios), pode resolver e funcionar cidades. Um programa que é “explodido” tem relações frágeis com a cidade, por isso são importantes os fluxos que se criam com o existente.

Bibliografia

ÁBALOS Iñaki; *A boa-vida, Visita guiada as casas da modernidade*; editora GG; Barcelona; 2003.

ACSELRAD, Henri; *A duração das cidades. Sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*; DP & A; Rio de Janeiro; 2001.

AMADO, M; *Planeamento Urbano Sustentável*; Caleidoscópio_Edição e Artes Gráficas, SA; Casal de Cambra; 2005.

ARGAN, Giulio Carlos; *História da arte como história da cidade*; Diversos; 1998.

ARTIGAS, João Batista Vilanova; *Caminhos da Arquitetura*; Cosac Naify; São Paulo; 2004.

AUGÉ, Marc; *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*; Bertrand; Vendas Novas; 2006.

BAPTISTA, Luís Santiago – *Vazios Urbanos: Desafios do “Terrain Vague” à Arquitectura Contemporânea* in *Arquitectura e Arte*, nº 47/48, Julho/Agosto 2007.

BARONE Ana Cláudia Castilho; *Team 10: arquitectura como crítica*; editora Annablume; São Paulo; 2002; (visionado no Google books, 30-05-2013).

CAPITEL Anton; *La Arquitectura Compuesta Por Partes*; Gustavo Gili; Barcelona; 2009.

CECILIA, Fernando; Márquez; LEVENE, Richard; *SANAA 2004 - 2008*; El croquis Editorial; Espanha; 2008.

CERDÁ, Ildefonso; *Teoría general de la urbanización y aplicación de sus principios y doctrinas a la reforma y ensanche de Barcelona: estadística urbana de Barcelona. La urbanización considerada como un hecho concreto*; Instituto de Estudios Fiscales; Barcelona; 1897.

CHOAY, Françoise, *O URBANISMO, utopias e realidades uma antologia*, editora Perspectiva, São Paulo, 2003.

CORBUSIER, Le; *Maneira de pensar o urbanismo*; Editora Europa-América; Lisboa; 1969.

ECO, Umberto; *Como se faz uma tese*; Editora Perspectiva; São Paulo; 2005.

FRAMPTON, Kenneth; *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*; MIT Press; 2001.

FRAMPTON, Kenneth; *História crítica de la arquitectura moderna*; Editorial Gustavo Gili, S.A.; Barcelona; 1998.

GUELL, José Miguel Fernández; *Planificación estratégica de ciudades*; Gustavo Gili; Barcelona; 2000.

JODIDIO, Philip; *Architecture Now*; Taschen; Colônia; 2005.

KOOLHAAS, Rem; *Delirious New York: A Retroactive Manifesto for Manhattan*; 010 Publishers; Rotterdam; 1994.

LAMAS, José; *Morfologia urbana e desenho da cidade*; Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa; 1993.

PORTAS, Nuno, TÁVORA, Fernando; *Da Organização do espaço*; Escola Superior de Belas Artes do Porto; Porto; 1982.

PUENTE, Moisés, ANNA, Puyuelo; *Aires Mateus*; 2G; GG; Espanha; 2004.

MARINI, Sara; *Architettura Parassita Strategie di Riciclaggio Per la Città*; Ascoli Piceno; Venezia; 2008.

ROSSI, Aldo; *A Arquitectura da Cidade*, 2ª edição; Edições Cosmos; Lisboa; 2001.

SHUJI Yamada; *A arquitectura do Japão*; The japan foudation; tokyo; 1983.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *Diferencias. Topografia de la arquitectura contemporânea*; Gustavo Gili; Barcelona; 1995.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *Territórios*; Gustavo Gili; Barcelona; 2002.

TAKAHASHI, Masaaki; *Japan architecture*; Images Publishing; 2007.

Filme:

A CASA E A CIDADE; Graça Castanheira; Lisboa; Pop Filmes; 2012; 6 episódios (30 minutos); entrevista com Ricardo Bak Gordon

Sites:

Enciclopédia Online: <http://www.wikipedia.com/> (pesquisa de palavra: Fragmento; Parasita.)

Busca bibliográfica Biblioteca Nacional: <http://www.bn.pt/>

Busca bibliográfica Biblioteca da Universidade de Évora: <http://servir.uevora.pt/>

Busca Bibliográfica da Biblioteca de Arte, Fundação Calouste Gulbenkian: <http://www.biblartepac.gulbenkian.pt/>

Dicionário da Língua Portuguesa: <http://www.infopedia.pt/> (pesquisa de palavra: Fragmento; Parasita.)

Dicionário da Língua Inglesa: <http://www.oup.com/us/>

Imagens Aéreas, Google Maps: <http://maps.google.com/>

A Evolução do Planeamento em Lisboa: http://pdm.cm-lisboa.pt/ap_2.html

Informações sobre a cidade de Lisboa: <http://www.cm-lisboa.pt/>

Arquivo Municipal de Lisboa: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/default.asp?s=12079/>

Informações sobre urbanismo de Lisboa:

<http://ulisses.cm-lisboa.pt/>

Pesquisa de conteúdo:

<http://www.vitruvius.com.br/>

Discrepancies with Villa Teirlinck:

<http://beeldenpark.beaufort04.be/>

<http://www.rcjv.com/>

Jornal: <http://www.mascontext.com/>

Revista: <https://www.domusweb.it/>

Índice de figuras

Fig.1 - Esquízo arquitecto Ryue Nishizawa

fonte: http://anqingzhu.blogspot.pt/2009/05/precedent-study-moriyama-house-by-ryue_28.html

Fig. 2 - Plano para Barcelona de Ildefonso Cerdà, 1855.

fonte: <http://fotos.sapo.pt/pangea/pic/0001w79f>

Fig. 3 - Largo do Rato, Lisboa, Portugal.

fonte: Google Earth Pro

Fig. 4- Piso 0 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: autor

Fig. 5 - Maqueta do projecto *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

fonte: <http://img.ph.126.net/atLdfdaXYayupzWjAZy-Cg==/2563955562874710585.jpg>

Fig. 6 - Maqueta *21st Museum*, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

fonte: <http://soakinginjapan.blogspot.pt/2010/12/public-space-and-21st-century.html>

Fig. 7 - Imagem de Luis Santiago Baptista, experiência na Unidade de Habitação sobre o tema “(im)prováveis cenários”.

fonte: <http://www.mascontext.com/issues/18-improbable-summer-13/modern-masterpieces-revisited/>

Fig. 8 - Planta da casa em *Bauzen*, Bauzen, Japão, Suppose

design office, architects, 2009.

fonte: <http://archide.wordpress.com/tag/house/>

Fig. 9 - Casa em *Bauzen*, Bauzen, Japão, Suppose design office, architects, 2009.

fonte: <http://archide.wordpress.com/tag/house/>

Fig. 10 - Complexo escolar Vila Nova da Barquinha, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011.

fonte: <http://dezain.us/wp-content/uploads/2012/07/42-Centro-Escolar-en-Vila-Nova-Da-Barquinha.jpg>

Fig. 11 - *Casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997.

fonte: JODIDIO, Philip; *Architecture Now*; Taschen; Colônia; 2005.

Fig. 12 - Desenho ilustrativo da implantação de uma aldeia africana, Aldo van Eyck.

fonte: BARONE Ana Cláudia Castilho; *Team 10: arquitectura como crítica*; editora Annablume; São Paulo; 2002; (visionado no Google books, 30-05-2013).

Fig. 13 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

fonte: <http://www.rcjv.com/art/portofolios/joana/beaufort/07.jpg>

Fig. 14 - *Spatialcity*, Yona Friedman, 1956.

fonte: <http://www.megastructure-reloaded.org/typo3temp/pics/81570addce.jpg>

Fig. 15 - *Walking city*, Ron Herron, 1963.

fonte: <http://archipressone.files.wordpress.com/2012/09/archigramw.gif>

Fig. 16 - *Torre cápsula Nakagin*, Tóquio, Japão, Kisho Kurokawa, 1972.

fonte: https://www.domusweb.it/content/domusweb/it/architettura/2013/05/29/routine_metabolista.html

Fig. 17 - *Precarious home*, Bolonha, Giancarlo Norese, 2007.

fonte: <http://www.neatorama.com/2007/06/11/precarius-home-by-giancarlo-norese/>

Fig. 18 – Pao 1, Tóquio, Japão, Toyo Ito, 1985

fonte: ÁBALOS Iñaki; *A boa-vida, Visita guiada as casas da modernidade*; editora GG; Barcelona; 2003.

Fig. 19 - Pao 1, Tóquio, Japão, Toyo Ito, 1985

fonte: ÁBALOS Iñaki; *A boa-vida, Visita guiada as casas da modernidade*; editora GG; Barcelona; 2003.

Fig. 20 - Planta de implantação, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: autor

Fig. 21 - Piso 0 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: autor

Fig. 22 - Piso 1 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa,

2005.

fonte: autor

Fig. 23 - Vista interior do quarteirão, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: <http://www.vitruvius.es/revistas/read/arquitet-ismo/02.023-024/1492>

Fig. 24 - Vista interior do quarteirão, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: <http://www.vitruvius.es/revistas/read/arquitet-ismo/02.023-024/1492>

Fig. 25 - Planta dos edifícios construídos.

fonte: autor

Fig. 26 - Corte dos edifícios construídos.

fonte: autor

Fig. 27 - Ensaio com os edifícios construídos todos agrupados.

fonte: autor

Fig. 28 - Ensaio com os edifícios construídos todos agrupados.

fonte: autor

Fig. 29 - Vista interior do quarteirão, casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: <http://houzz.tistory.com/36>

Fig. 30 - Esquema com os vazios criados pelos volumes.

fonte: autor

Fig. 31 - Esquemas com as áreas exteriores mais definidas.

fonte: autor

Fig. 32 - Planta de implantação, *casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997.

fonte: autor

Fig. 33 - *Casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997

fonte: JODIDIO, Philip; Architecture Now; Taschen; Colônia; 2005.

Fig. 34 - *Casa Ito*, Nagasaki, Japão, Hiroshi Hara, 1997

fonte: JODIDIO, Philip; Architecture Now; Taschen; Colônia; 2005.

Fig. 35 - Ortofotomapa, *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

fonte: Google Earth Pro.

Fig. 36 - Esquema atelier Sanna

fonte: http://www.domusweb.it/content/dam/domusweb/en/architecture/2008/06/19/kazuyo-sejima-seijoville/DO080620007_big.jpg

Fig. 37 - *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

fonte: http://25.media.tumblr.com/tumblr_m59h35voP-D1qat99uo1_1280.jpg

Fig. 38 - Piso 2 - Quartos

fonte: autor

Fig. 39 - Piso 1 - Quartos

fonte: autor

Fig. 40 - Piso 0 - Salas

fonte: autor

Fig. 41 - Piso -1 - Cozinhas e espaços de comer

fonte: autor

Fig. 42 - *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

fonte: http://www.materialdesign.it/media/formato4/md_796.jpg

Fig. 43 - Cortes longitudinais, *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

fonte: autor

Fig. 44 - *Seijo Townhouses*, Tóquio, Japão, Sanna, 2008.

fonte: http://www.catedramoscato.com.ar/wordpress/wp-content/uploads/2012/06/seijo-townhouses-kazuyo-sejima_Page_1.jpg

Fig. 45 - O esquema do atelier Sanna

fonte: <http://www.domusweb.it/content/dam/domusweb/en/architecture/2008/06/19/kazuyo-sejima-seijoville/>

Fig. 46 - Ortofotomapa *21 st Museum*, Kanazawa, Japão, San-

na, 2004.

fonte: Google Earth Pro.

Fig. 47 - *21 st Museum*, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

fonte: http://www.jnto.go.jp/eng/attractions/facilities/heart_art/museums_ishikawa.html

Fig. 48 - Piso 0, *21 st Museum*, Kanazawa, Japão, Sanna, 2004.

fonte: autor

Fig. 49 - Planta de implantação, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

fonte: autor

Fig. 50 - Esquema da ligação dos pátios, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

fonte: autor

Fig. 51 - Piso 0, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

fonte: autor

Fig. 52 - Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

fonte: <http://hicarquitectura.com/2013/07/aires-mateus-centro-escolar-vila-nova-da-barquinha-portugal/>

Fig. 53 - Maqueta, Complexo escolar, Vila Nova da Barquinha, Portugal, Aires Mateus, 2011

fonte: PUENTE, Moisés, ANNA, Puyuelo; *Aires Mates*; 2G; GG;

Espanha; 2004.

Fig. 54 - Villa Teirlinck, Konokke Heist, Bélgica, Victor Bougois, 1928.

fonte: <http://beeldenpark.beaufort04.be/en/page/8-101/discrepancies-with-villa-teirlinck.html>

Fig. 55 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica.

fonte: http://gellersworldtravel.blogspot.pt/2009_08_01_archive.html

Fig. 56 - Ortofotomapa, cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica.

fonte: Google Earth Pro.

Fig. 57 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

fonte: http://www.rcjv.com/projectjo_2.htm

Fig. 58 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

fonte: http://www.rcjv.com/projectjo_2.htm

Fig. 59 - Planta de uma cabine na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

fonte: http://www.rcjv.com/projectjo_2.htm

Fig. 60 - Cabines na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

fonte: http://www.rcjv.com/projectjo_2.htm

Fig. 61 - Planta de uma cabine na praia, Konokke Heist, Bélgica, Leonor Antunes, 2009.

fonte: http://www.rcjv.com/projectjo_2.htm

Fig. 62 - *Rucksack House*, Lúpsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

fonte: <http://transform-mag.com/ps/rucksack-house-by-stefan-eberstadt#!id=4852>

Fig. 63 - *Rucksack House*, Lúpsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

fonte: <http://srd263taliesan2.blogspot.pt/2007/03/rucksack-house.html>

Fig. 64 - Planta de implantação e corte, *Rucksack House*, Lúpsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

fonte: <http://cubeme.com/blog/2008/03/13/the-rucksack-house-by-stefan-eberstadt/>

Fig. 65 - *Rucksack House*, Lúpsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

fonte: <http://poolima.com/wordpress/2011/04/rucksack-house-nun-in-bamberg/>

Fig. 66 - *Rucksack House*, Lúpsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

fonte: <http://poolima.com/wordpress/2011/04/rucksack-house-nun-in-bamberg/>

Fig. 68 - Planta de Filipe Folque, Lisboa, Portugal, 1856

fonte: Pesquisa de turma em Projecto Avançado III

Fig. 69 - Planta de Filipe Folque, Lisboa, Portugal, 1871

fonte: Pesquisa de turma em Projecto Avançado III

Fig. 70 - Largo do Rato, Lisboa, Portugal, 1917

fonte: Pesquisa de turma em Projecto Avançado III

Fig. 83 - Foto vista da Mãe D'Água

fonte: autor

Fig. 84 - Rua da Escola Politécnica

fonte: autor

Fig. 85 - Largo de São Mamede

fonte: autor

Fig. 86 - Rua Tenente Raúl Cascais

fonte: autor

Fig. 87 - Largo do Rato

fonte: autor

Fig. 88 - Rua do Arco de São Mamede

fonte: autor

Fig. 89 - Rua de São Bento

fonte: autor

Fig. 90 - Panorâmica do interior do quarteirão.

fonte: autor

Fig. 91 - *Rucksack House*, Lípsia, Colônia, Essen, Alemanha, Convertible City, 2004.

fonte: <http://poolima.com/wordpress/2011/04/rucksack-house-nun-in-bamberg/>

Fig. 100 - Piso 0 casa *Moriyama*, Tóquio, Japão, Ryue Nishizawa, 2005.

fonte: autor